

v.4 n.2 jan./jun. 2019

ISSN 2447-9551



# Revista **GT**Lex





# Revista **GT**Lex

## **Número atemático**

Volume 4, número 2  
Janeiro/Junho 2019

# Expediente

## Universidade Federal de Uberlândia

*Reitor*

Prof. Valder Steffen Jr.

*Vice-Reitor*

Prof. Orlando Cesar Mantese

*Diretor da EDUFU*

Prof. Guilherme Fromm

*Diretor do Instituto de Letras e Linguística*

Prof. Ariel Novodvorski

EDUFU – Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia  
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1S - Térreo - *Campus* Santa Mônica - CEP:  
38.408-144 - Uberlândia - MG  
[www.edufu.ufu.br](http://www.edufu.ufu.br)

**Editoração: Guilherme Fromm**  
**Diagramação: Guilherme Fromm**  
**Revisão: respectivos autores**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

Revista GTLex. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, 2015- V. 1 -  Semestral. Modo de acesso: <a href="http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex">http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex</a> ISSN: 2447-9551  1. Linguística - Periódicos. 2. Linguística aplicada - Periódicos. 3. Lexicologia - Periódicos. 4. Terminologia - Periódicos. 5. Onomástica- Periódicos. I. Fromm, Guilherme. II. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística.  CDU: 801(05)
---

*Todos os artigos desta revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo à Revista, ao Instituto de Letras e Linguística, ao Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (ANPOLL) ou à Edufu.*

**Diretor**

Guilherme Fromm (UFU)

**Conselho Editorial**

Celina Márcia de Souza Abbade, UNEB

Elizabeth Aparecida Marques, UFMS

Enilde Leite Faulstich, UnB

Maria da Graça Krieger, UNISINOS

Maria José Bocorny Finatto, UFRGS

Márcio Sales Santiago, UFRN

**Comissão Científica**

Adriana Zavaglia (USP), Adriane Orenha-Ottaiano (UNESP), Angela Maria Tenório Zucchi (USP), Anna Maria Becker Maciel (UFRGS), Aparecida Negri Isquero (UFMS), Carmen Maria Faggion (UCS), Celina Márcia de Souza Abbade, (UNEB), Cleci Regina Bevilacqua (UFRGS), Claudia Zavaglia (UNESP/SJ Rio Preto), Claudio Cezar Henriques (UERJ), Eduardo Tadeu Roque Amaral (UFMG), Enilde Leite Faulstich (UnB), Ieda Maria Alves (USP), Karylleila Santos Andrade (UFT), Lêda Pires Corrêa (UFS), Lidia Almeida Barros (UNESP/ SJ Rio Preto), Marcia Sipavicius Seide (UNIOESTE), Maria Cândida Trindade Costa Seabra (UFMG), Maria Cristina Parreira da Silva (UNESP), Nelly Medeiros de Carvalho (PUC/PE), Maria Helena de Paula (UFG), Mariângela de Araújo (USP), Paola Giustina Baccin (USP), Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS), Rosemary Castañeda Zanette (UNIOESTE), Sabrina Pereira de Abreu (UFRGS), Vitalina Maria Frosi (UCS), Vitória Regina Spanghero (UFMS), Waldenor Barros Moraes Filho (UFU).

**Participaram dessa edição como pareceristas *ad hoc***

Ivanir Azevedo Delvizio (UNESP/Rosana)

## Sumário

Expediente .....	225
Sumário .....	227
VoTec: vocabulário bilíngue on-line de Linguística Histórica - Márcio Issamu Yamamoto (UFU/UFJ) .....	228
O uso de dicionários e tradutores <i>on-line</i> no Teletandem: um estudo exploratório - - Jéssica Sordi Sartori (UNESP), Lizandra Caroline Alves (UNESP), Ana Cristina Biondo Salomão (UNESP) .....	254
A identidade brasiliense na variação lexical da estrutura urbana do Plano Piloto - - Flávia de Oliveira Maia-Pires (UnB) .....	273
Neologismos em áreas de especialidade: descrição baseada em um <i>corpus</i> de revistas femininas - Elvirley Freires Rodrigues de Oliveira (UNIFESP), Rafael Dias Minussi (UNIFESP) .....	299
Apresentação do dicionário multilíngue de termos do setor feirístico: português, inglês, francês e italiano - Ariane Dutra Fante Godoy (USP).....	317
Resenha .....	335
Resenha: Bildwörterbuch Deutsch als Fremdsprache. 1500 nützliche Wörter für den Alltag. Stuttgart: Pons, 2016 (144 p.) - Félix Valentín Bugueño Miranda (UFRGS).....	335

## VoTec: vocabulário bilíngue on-line de Linguística Histórica

### VoTec: on-line bilingual Historical Linguistics vocabulary

Márcio Issamu YAMAMOTO\*

---

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar um recorte da nossa pesquisa de Mestrado, conforme Yamamoto (2015), em que criamos um vocabulário terminológico bilíngue, português-inglês, de Linguística Histórica (LH), sob a metodologia e abordagem da Linguística de *Corpus* (LC). Teoricamente, este trabalho está embasado nos conceitos de vocabulário de Barbosa (1992), de Terminologia de Krieger e Finatto (2004), de contextos definitórios de Aubert (1996) e na Teoria Comunicativa da Terminologia de Cabré (1999). Do ponto de vista metodológico, selecionamos termos e elaboramos as definições deles a partir da análise de *corpora* constituídos de textos da área de LH. Os *corpora* caracterizaram-se por ser comparáveis e acadêmicos, compostos por teses, dissertações, artigos científicos e anais de eventos. A dimensão dos *corpora* totalizou aproximadamente um milhão de itens, dos quais 500 mil são de língua portuguesa e 500 mil são de língua inglesa. O *software* que usamos para o processamento dos dados linguísticos foi o *WordSmith Tools* versão 6.0 (SCOTT, 2012), e as ferramentas que utilizamos desse programa foram a lista de palavras, a lista de palavras-chave e o

**ABSTRACT:** This article deals with Historical Linguistics terminology conceived under the methodological perspective of Corpus Linguistics (Berber Sardinha, 2004). The theories that based this research are that of Barbosa (1992), on the concept of vocabulary; on Terminology by Krieger and Finatto (2004); on the Communicative Theory of Terminology by Cabré (1999); and on definition contexts by Aubert (1996). The purpose of this research was to build a terminological bilingual vocabulary, Portuguese-English, in which the definitions were extracted from a terminological bank in Historical Linguistics. The research corpus was comparable, scientific, composed of theses, dissertations and articles on Historical Linguistics - in Portuguese and English -, conference proceedings were also included. The corpora size was approximately one million items, of which 500 thousand items are in Portuguese and 500 thousand items are in English. The program used for processing linguistic data was WordSmith Tools 6.0 (Scott, 2012), and the used tools were: the wordlist, the keyword list, and concord. The target audience consists of translators, students and professionals in

---

\* Doutorando em Linguística pela UFU. Professor assistente do curso de Letras Inglês da Universidade Federal de Jataí (UFJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9792-8187>. [marcioy@ufg.br](mailto:marcioy@ufg.br).

---

concordanciador. Construimos as definições seguindo o padrão gênero próximo, diferença específica (GPDE), com vistas a tradutores, estudantes e profissionais da área de Letras, Linguística e Tradução. Como resultado, o nosso vocabulário bilíngue de Linguística Histórica possui 26 termos, está disponibilizado na plataforma *on-line* denominada Vocabulário Técnico (VoTec), de Fromm (2007), sendo de acesso público e gratuito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Histórica. Terminologia. Linguística de *Corpus*. Vocabulário bilíngue português-inglês.

the area of Languages, Linguistics and Translation. Definitions were constructed according to proximate genus and specific difference patterns, and the result containing 26 terms was made available at the online platform of Technical Vocabulary – VoTec - being of public and free access.

**KEYWORDS:** Historical Linguistics. Terminology. Corpus Linguistics. Portuguese-English bilingual vocabulary.

---

## 1 Introdução

A Linguística Histórica (LH) é uma subárea da Linguística que se ocupa das mudanças das línguas, por meio de estudos comparados e interpretações de dados intra e extralinguísticos. Ela se beneficia de dados provenientes da Etimologia, da Filologia, da Linguística Diacrônica e da Filologia Românica, que se constituíram a partir das contribuições de Schlegel (1772-1829), Bopp (1791-1867) e Grimm (1785-1863), na medida em que eles realizaram análises diacrônicas do sânscrito, do latim, do grego, do persa moderno, do eslavo e do germânico pelo método comparativo na Europa (FARACO, 2005).

Desenvolvemos esta pesquisa com o objetivo de elaborar um vocabulário bilíngue de LH, português-inglês, disponibilizado *on-line* na plataforma denominada Vocabulário Técnico (VoTec)<sup>1</sup>, criada por Fromm (2007), considerando o valor da LH (YAMAMOTO, 2015). Adotamos o conceito de vocabulário de Barbosa (1992) no qual

---

<sup>1</sup> A plataforma VoTec está locada no servidor do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da UFU sob a coordenação do prof. Dr. Guilherme Fromm. Disponível em: <http://treino.votec.ileel.ufu.br/>. Acesso em: 6 abr. 2020.

o léxico de uma língua é subdividido em vocabulários, que possuem como unidade padrão o vocábulo, manifestado em atos de fala. Nessa perspectiva, os vocabulários representam a terminologia de uma área de conhecimento e são vistos como conjuntos. Neles, estão contidos os conceitos extraídos dos contextos das palavras-ocorrências, concebidos como um recorte do léxico da língua geral. Diante disso, chegamos à conclusão de que o produto de nossa pesquisa seria um vocabulário.

Dessa forma, este artigo é um recorte do trabalho que realizamos no Mestrado, no qual tivemos o intuito de possibilitar o acesso a uma rede conceitual da LH em contextos de língua portuguesa e inglesa.

Construímos o nosso vocabulário bilíngue da LH a partir de *corpora* acadêmicos bilíngues comparáveis<sup>2</sup>, coletados e equilibrados em um número de aproximadamente 500 mil itens para cada língua. Esses dados linguísticos foram analisados quantitativamente a partir da abordagem e metodologia da Linguística de *Corpus* (LC). Em seguida, procedemos à análise qualitativa para extrairmos os traços distintivos que seriam utilizados na construção das definições e organizados em fichas terminológicas virtuais na plataforma VoTec.

No que diz respeito ao resultado da elaboração do vocabulário bilíngue, a macroestrutura dele contém a definição de 26 termos da LH, em português e em inglês, e a microestrutura apresenta as seguintes informações em relação aos termos: definição terminológica, classificação morfológica, ordem de frequência (posição no *corpus*), número de ocorrências no *corpus*, exemplos extraídos do *corpus* e definição enciclopédica<sup>3</sup> quando possível.

---

<sup>2</sup> Segundo McEnery e Hardie (2012, p. 240), **corpus comparável** é aquele no qual há amostras de línguas diferentes de forma que possam ser comparáveis. Nesta pesquisa, trabalhamos com *corpora* na área da Linguística, subárea Linguística Histórica, gênero acadêmico em português e inglês, considerados multilíngues.

<sup>3</sup> A definição enciclopédica foi disponibilizada em forma de NOTA; isso ocorreu quando o *corpus* analisado provia traços distintivos suficientes para a construção da definição terminológica e da enciclopédica.



Nas seções seguintes, detalhamos os princípios teóricos e metodológicos que fundamentaram a elaboração do vocabulário de LH no VoTec e, por fim, os resultados obtidos.

## **2 Pressupostos teóricos**

Nesta seção, apresentamos brevemente alguns conceitos que subsidiaram o nosso estudo, quais sejam a Terminologia, a Teoria Comunicativa da Terminologia, os contextos definitórios, o paradigma definicional e a Linguística de *Corpus*. É importante ressaltar que, nesta pesquisa, a Linguística de *Corpus* foi adotada como abordagem e como metodologia.

### **2.1 Terminologia e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)**

A nossa pesquisa está inserida na área da Terminologia e da Terminografia, já que o nosso objetivo no Mestrado foi o de identificar, conceituar e definir as unidades terminológicas da área da LH. A Terminologia tem como objeto de estudo o termo ou a unidade terminológica (UT) de uma área do conhecimento, também concebida como a terminologia de uma área de especialidade.

De acordo com Krieger e Finatto (2004), a palavra terminologia pode ser escrita com letra maiúscula e minúscula, havendo uma acepção para cada forma. A Terminologia, grafada com letra maiúscula, representa a subárea da Linguística que tem como objeto de estudo o termo e que se dedica à pesquisa, ao desenvolvimento e ao tratamento de termos como saber técnico científico. Nesse contexto, o termo é um signo bipartido cujas faces constitutivas são o conceito e a denominação. O conceito é o conjunto de traços distintivos ou semânticos que identifica e distingue um termo de outros termos em um contexto de uso específico da língua, e a denominação é o signo linguístico ou uma unidade lexical que materializa o conceito em um contexto de uso técnico científico da língua.

Tendo isso em vista, termo diferencia-se de signo linguístico, conforme concebido por Saussure, pois um termo apresenta um único conceito, não admitindo polissemia quando aplicado a uma área de especialidade. Em oposição ao caráter monossêmico presente em obras terminológicas, o significado de um signo linguístico pode ser denotativo (literal) e conotativo (figurado), dependendo do contexto de uso da língua geral na perspectiva lexicológica. Esse fenômeno permite que um signo linguístico ou uma unidade lexical tenha várias acepções em uma obra lexicográfica, ou seja, que seja polissêmica (FINATTO, 2001).

A terminologia grafada com letra minúscula, segundo Krieger e Finatto (2004), representa o conjunto de termos pertencente a uma rede conceitual de uma área de especialidade, para comunicação do saber técnico-científico. Nesse caso, o termo está presente em diferentes áreas do saber como, por exemplo, na terminologia da LH, da Biomedicina e da Agronomia.

Para embasar teoricamente a elaboração do nosso vocabulário bilíngue, adotamos a Teoria Comunicativa de Terminologia (TCT) de Cabré (1999), que concebe a existência do termo a partir do contexto em que este se insere, sendo também constituinte da linguagem natural e da gramática das línguas. Isto é, o uso de uma unidade lexical em um contexto de especialidade é o que determina seu *status* como termo, segundo critérios semânticos, pragmáticos e discursivos. A este fenômeno Cabré (1999) denomina de “caráter poliédrico do termo”, no qual uma unidade lexical deixa de pertencer ao universo da língua geral e passa a ser uma UT do conhecimento especializado ou vice-versa.

Em detalhes, a referida autora propõe que a unidade lexical pode ser uma unidade linguística, cognitiva ou sociocomunicativa. Unidade linguística, uma vez que parte de um contexto real de uso da língua; unidade cognitiva, pois serve ao propósito de diferenciar o conhecimento especializado do geral; e sociocomunicativa,

em virtude de os aspectos pragmáticos definirem o uso das unidades lexicais em situações comunicativas determinadas.

Para exemplificar os princípios acima expostos, observemos o termo língua. Este pode ocorrer em vários contextos: na linguagem cotidiana, na Anatomia, na Zoologia e na Linguística. Contudo, é seu uso que determinará o grau de especificidade dele, ou seja, se pertence a uma área técnico-científica ou não.

## 2.2 Contextos definitórios e paradigma definicional

Os padrões para a elaboração das definições de um termo advêm das diretrizes da Terminologia. Quanto aos traços semânticos, sua extração é feita dos contextos nos quais os termos ocorrem dentro de textos da área da LH.

De acordo com Aubert (1996), os contextos definitórios, provenientes dos contextos de uso, apresentam os traços semânticos utilizados na representação conceitual dos termos. Segundo Pavel e Nolet (2002, p. 48), “os contextos definitórios apresentam características essenciais do conceito em estudo, enquanto que os explicativos fornecem informação sobre algumas das características”. São essas características essenciais dos conceitos que extraímos do *corpus*, organizamos nas fichas terminológicas do Votec e, posteriormente, utilizamos na elaboração da definição dos termos.

Vale ressaltar que esses traços semânticos precisam ser organizados sob um padrão que esteja em consonância com os princípios da Terminologia. Finatto (1998) propõe três diferentes tipos de paradigmas definicionais: o enciclopédico, o lexicográfico e o terminográfico. O paradigma definicional enciclopédico visa à produção de uma definição abrangente e “diversificada no teor de informações”, que contenha “traços relevantes e irrelevantes” ao caracterizar uma palavra na descrição de “coisas” (FINATTO, 1998, p. 1). O paradigma definicional lexicográfico caracteriza-se “pela predominância de informações linguísticas tratando mais de palavras”

(*Ibidem*, p. 2). Finalmente, o paradigma definicional terminográfico “traz predominantemente conhecimentos formais sobre ‘coisas’ ou fenômenos” (*Ibidem*, p. 2).

Em nosso estudo, adotamos o paradigma definicional de cunho terminológico, o padrão de definição gênero próximo e diferença específica (GPDE) e, excepcionalmente, o padrão do LIDE<sup>4</sup>, do jornalismo (CALLADO, 2012). Vale ressaltar que essas escolhas se justificam pelo fato de termos definido termos mais abstratos e também pelo fato de o *corpus* ter nos proporcionado informações suficientes para procedermos dessa maneira.

### 2.3 A Linguística de Corpus

Escolhemos a LC como metodologia e abordagem para o desenvolvimento da nossa pesquisa por razões como: (i) possibilitar a descrição da língua em uso; (ii) permitir a análise qualitativa e quantitativa dos dados linguísticos; (iii) fornecer resultados probabilísticos e estatísticos confiáveis utilizados por especialistas; (iv) permitir que os dados analisados sejam todos provenientes dos *corpora* (as definições foram elaboradas a partir da análise qualitativa das linhas de concordância, nas quais havia os traços semânticos ou semas); (v) propiciar a observação da regularidade dos termos disponibilizados nas linhas de concordância (elas mostram a repetição dos itens que coocorrem); e (vi) possibilitar, a partir da lista de palavras-chave, a identificação dos contextos definitórios em que os termos ocorrem.

Na LC, *corpus* é todo material de estudo ou pesquisa que serve à extração de dados linguísticos, qualquer que seja o tamanho ou gênero; é um conjunto de textos, legíveis por computador, que representa uma língua e serve à pesquisa linguística,

---

<sup>4</sup> O termo LIDE, originalmente LEAD (guiar, conduzir) em inglês, é um padrão adotado para a redação do primeiro parágrafo de uma notícia na área de Comunicação e Jornalismo. Quando seguido fielmente, o parágrafo responde as *WH questions* que são: o quê? Quem? Quando? Onde? e Por que? (how).

cumprindo requisitos como autenticidade, representatividade e probabilidade (BERBER SARDINHA, 2004). Essa visão é confirmada por Tagnin (2015, p. 20) ao definir *corpus* como “bancos de textos de linguagem autêntica, criteriosamente construídos, destinados à pesquisa e legíveis por computador”. Além desses aspectos, o fator equilíbrio e normalização também é levado em consideração, já que os *corpora* tendem a ser padronizados em termos de gêneros textuais e tamanho. Em nossa pesquisa, esses pré-requisitos foram atendidos, com *corpora* constituídos por textos de gênero científico (teses, dissertações, artigos científicos e anais de eventos), dimensionados e equilibrados em 500 mil itens cada.

### 3 Metodologia

Os passos metodológicos que tomamos para a condução da pesquisa são oriundos da Terminologia e da LC com o uso do console do *WordSmith Tools 6.0* (WST) (SCOTT, 2012). Adiante apresentamos os passos metodológicos que fizeram parte da pesquisa.

- a) Compilação dos *corpora* em português e inglês;
- b) Extração dos termos com o WST 6.0 (SCOTT, 2012).
- c) Escolha do VoTec como plataforma para administração dos dados.;
- d) Registro dos dados, elaboração das definições e disponibilização no Votec. (ILARI, 2002, p. 39);

#### 3.1 Compilação dos *corpora* em português e em inglês

Como mencionamos no item 2.4 deste artigo, a nossa pesquisa é baseada em *corpus* a partir da perspectiva da LC. Logo, é fundamental expormos como coletamos os *corpora* e as características deles.

Coletamos os *corpora* de LH da internet, por meio de buscas que realizamos no *Google*. Cabe pontuar que a coleta se restringiu a arquivos de acesso público e gratuito,

para que os direitos autorais não fossem infringidos, visto que iríamos usar os textos para produzir definições que divulgaríamos na plataforma VoTec. Os arquivos possuem produções científicas, por exemplo, teses, dissertações e artigos da área de LH, e são provenientes de *sites* de caráter científico, como revistas da área e de anais de eventos (no caso do *corpus* de língua inglesa).

Originalmente, compilamos os arquivos em formato pdf e, em seguida, os salvamos em txt. Descartamos os arquivos bloqueados, pois entendemos que não estavam disponíveis para serem alterados em sua formatação. Para compilá-los, usamos atalhos da Computação com os seguintes dados em português e em inglês: Linguística\*Linguística Histórica\*teses/dissertações/artigos científicos:pdf.

O *corpus* de LH em português foi composto por 33 textos, totalizando 536.330 itens. Desses 33 textos, 28 eram artigos, dois (2) eram dissertações e três (3) eram teses. Em relação à busca, observamos que as revistas de acesso livre têm sido a fonte de propagação das pesquisas e artigos na área de LH. As dissertações e teses são facilmente encontradas nas bases de teses e dissertações das universidades e também na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações<sup>5</sup>.

O *corpus* de língua inglesa da LH é constituído de oito textos, dimensionado em 521.794 palavras. O balanceamento do *corpus* foi possível em número de palavras, o que não ocorreu quanto ao número de textos. Esta divergência justificou-se pelo gênero textual, pois os anais de eventos em inglês são mais extensos que os encontrados no Brasil. Os anais corresponderam a sete (7) textos e o subgênero acadêmico tese correspondeu a um (1). É importante notar que o subgênero anais não foi encontrado em português e, em inglês, há uma média de dez (10) artigos por anais.

---

<sup>5</sup> Biblioteca virtual. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

### 3.2 Extração dos termos com o WST 6.0

O WST é um console arquitetado para análises linguísticas de *corpora* escritos, geralmente de grandes dimensões. As ferramentas do WST que utilizamos em nossa pesquisa foram o gerador da lista de palavras, o extrator de palavras-chave e o concordanciador (VIANA; TAGNIN, 2010, p. 43).

Primeiramente, geramos a lista de palavras dos arquivos dos *corpora* de LH que estavam em formato txt, pois os arquivos só podem ser lidos pelo WST se estiverem em formato txt (bloco de notas), que é o tipo de texto sem formatação. Assim, o WST disponibilizou os dados quantitativos de frequência e de recorrência das palavras dentro do *corpus*. Esta lista não foi publicada, pois o foco deste artigo é a Terminologia. Conseqüentemente, apresentamos adiante os detalhes da lista de palavras-chave.

Em segundo lugar, usamos o gerador de palavras-chave a fim de identificar as palavras-chave da LH em ambas as línguas. Para que o WST extraia as palavras-chave, é necessário que o *corpus* de estudo seja comparado com um *corpus* de referência três vezes maior. Em nossa pesquisa, usamos os seguintes *corpora* de referência: o *Corpus* de Português, para contrastá-lo com os textos de nosso *corpus* de LH em língua portuguesa, e o *Corpus of Contemporary American English* (COCA), para compará-lo com o nosso *corpus* de LH em língua inglesa. Ambos os *corpora* de referência apresentavam 100 mil types<sup>6</sup> cada.

Quando extraímos as palavras-chave de um *corpus*, lidamos com o princípio da chavicidade. Segundo Viana e Tagnin (2010, p. 64), “a chavicidade reporta o resultado de um procedimento estatístico pelo qual a ferramenta levanta o quão importante cada palavra-chave positiva<sup>7</sup> é para o *corpus* de pesquisa em relação ao de referência”.

---

<sup>6</sup> Em LC, *types* refere-se ao número de palavras contidas em um *corpus* que não se repetem (TAGNIN, 2015).

<sup>7</sup> “As palavras positivas são aquelas que encontramos mais frequentemente no *corpus* de estudo, enquanto as negativas são mais frequentes no *corpus* de referência” (YAMAMOTO, 2015, p. 66).

As palavras-chave úteis foram aquelas que recorriam no *corpus* de português e no de inglês. O fruto dessa seleção indicou o grupo de palavras que seriam candidatas a termos, previamente à análise qualitativa que definiria quais seriam mantidas ou não. Na sequência, na Figura 1, podemos visualizar algumas palavras-chave dos *corpora* de LH em português e em inglês; nela destacamos a posição em que os candidatos a termo *língua* e *language* aparecem.

Figura 1 – Lista de palavras-chave dos *corpora* de LH em português e em inglês (visão parcial).

N	Keyword	Freq.	%	Texts	RC	RC. %	Keyness	P
1	CARTA	2.541	0,25	15	50,27	12.865,67	0,00	
2	PORTUGUÊS	2.083	0,20	31	43,44	10.338,07	0,00	
3	LÍNGUA	1.960	0,19	33	50,04	8.978,24	0,00	
4	PALAVRAS	1.632	0,16	30	102,6	4.754,32	0,00	
5	FORMA	1.456	0,14	33	492,6	550,50	0,00	
6	SÉCULO	1.159	0,11	32	126,7	2.259,97	0,00	
7	SUFIXO	1.154	0,11	11	516	12.964,85	0,00	
8	VERBO	1.109	0,11	19	6,761	8.062,20	0,00	
9	LATIM	962	0,09	24	3,370	7.950,14	0,00	
10	EXEMPLO	938	0,09	32	264,2	539,54	0,00	
11	FUTURO	888	0,09	16	84,66	1.936,49	0,00	
12	PALAVRA	855	0,08	23	184,8	776,66	0,00	
13	DOCUMENTO	841	0,08	19	50,13	2.529,30	0,00	
14	FORMAS	837	0,08	29	102,6	1.474,01	0,00	
15	AMIGO	809	0,08	12	35,70	2.877,64	0,00	
16	NOME	803	0,08	22	145,3	930,13	0,00	
17	BARÃO	778	0,08	3	13,46	4.135,32	0,00	
18	PORTUGUESA	742	0,07	30	34,51	2.567,39	0,00	
19	MARGEM	735	0,07	13	31,14	2.669,66	0,00	
20	ESCRITA	710	0,07	25	32,16	2.491,15	0,00	
21	FORMAÇÃO	692	0,07	26	167,6	524,97	0,00	
22	LIVRO	680	0,07	20	128,0	748,63	0,00	
23	SILVA	672	0,06	29	160,2	523,39	0,00	
24	LÍNGUAS	662	0,06	26	11,86	3.475,73	0,00	
25	REMETENTE	649	0,06	3	584	6.747,39	0,00	
26	SUFIXOS	621	0,06	6	221	7.118,19	0,00	

N	Keyword	Freq.	%	Texts	RC	RC. %	Keyness	P
1	LANGUAGE	2.518	0,26	15	60,1	0,01	9.764,2	0,00
2	LANGUAGES	2.170	0,23	15	7,55		16.086,0	0,00
3	WORD	1.799	0,19	14	78,7	0,02	4.993,9	0,00
4	ENGLISH	1.688	0,18	14	22,7		8.338,0	0,00
5	CHANGE	1.330	0,14	15	66,0	0,02	3.396,5	0,00
6	FORM	1.266	0,13	15	59,2	0,01	3.364,7	0,00
7	MEANING	1.213	0,13	14	5,10		8.587,7	0,00
8	VERB	1.150	0,12	13	1,54		10.312,0	0,00
9	FORMS	1.140	0,12	14	4,63		8.139,7	0,00
10	CASE	1.105	0,11	15	527		11.380,0	0,00
11	GERMANIC	855	0,09	12	372		8.888,3	0,00
12	ORIGIN	794	0,08	13	9,07		4.168,0	0,00
13	ETYMOLOGY	783	0,08	5	267		8.327,5	0,00
14	CREOLE	770	0,08	8	1,03		6.900,5	0,00
15	LINGUISTIC	762	0,08	14	3,95		5.106,6	0,00
16	DEVELOPMENT	757	0,08	14	96,0	0,02	789,23	0,00
17	GERMAN	739	0,08	13	4,10		4.864,4	0,00
18	ROOT	728	0,08	9	1,21		6.280,1	0,00
19	CENTURY	706	0,07	13	61,1	0,01	1.142,1	0,00
20	MODERN	697	0,07	14	43,6	0,01	1.499,0	0,00
21	RELATED	684	0,07	15	26,8		2.031,8	0,00
22	LATIN	647	0,07	15	15,1		2.532,3	0,00
23	EARLY	634	0,07	15	43,2	0,01	1.273,9	0,00
24	THUS	628	0,07	13	62,7	0,01	875,96	0,00

Fonte: análise no WST (SCOTT, 2012).

Os candidatos a termo foram selecionados a partir do parâmetro de maior frequência no singular, por isso os termos no plural e no singular não foram lematizados. No *corpus* em português e em inglês, *língua* e *language* encontram-se próximas na posição de frequência. À primeira vista parecem similares, mas uma análise semântica nos leva a considerar que o termo *language* em inglês, quando traduzido para o português, pode significar *linguagem* ou *língua*. Na seção Resultados, explicamos o percurso seguido para lidar com esta nuance semântica e terminológica. Outro dado interessante é a similaridade da posição de *palavra*, em português, na 12ª



posição (corresponde à porcentagem de 0,08% de frequência no *corpus* de estudo), e de *word*, em inglês, na 3ª posição (corresponde à porcentagem de 0,19% de frequência no *corpus* de estudo) de frequência, o dobro do português. Independentemente da porcentagem de frequência dos candidatos a termo, observamos que, em geral, os termos foram recorrentes em ambos os *corpora*.

A classe gramatical escolhida para a elaboração do vocabulário de LH foi a dos substantivos, já que ela tem um caráter denominativo maior que as outras. Além desse fator, ela cumpre a função de sujeito, objeto direto e indireto e agente da voz passiva nas construções frasais. Ademais, os substantivos podem corresponder a uma porcentagem de 50% a 60% do léxico de uma língua (SILVA, 2006), o que faz dos substantivos uma classe fundamental. A lista de palavras-chave trouxe um total de 500 candidatos a termos, dentre os quais selecionamos os 26 termos que compuseram o vocabulário: língua, etimologia, gramática, palavra, verbo, linguística, linguística histórica, mudança, fala, linguagem, texto, variação, derivação, substantivo, adjetivo, prefixo, léxico, analogia, clítico, advérbio, particípio, sufixação, prefixação, afixo, mudança linguística, língua românica. Fizemos a escolha dos termos a partir da análise dos contextos linguísticos e de sua equivalência conceitual.

Finalmente, a análise dos contextos de ocorrência dos candidatos a termos foi possibilitada pelo concordanciador. O concordanciador é uma ferramenta que busca o termo, seu cotexto<sup>8</sup> e seu contexto no *corpus* de ocorrência. Dessa forma, foi possível fazer a leitura e analisar os aspectos do conceito subjacente ao termo, a equivalência conceitual nas línguas, a análise dos contextos definitórios e a extração dos exemplos para serem usados no VoTec.

---

<sup>8</sup> Cotexto em Linguística de *Corpus* refere-se ao ambiente linguístico, isto é, os itens lexicais que estão à direita e à esquerda de uma dada palavra (VIANA; TAGNIN, 2010, p. 71).

### 3.3 Escolha do VoTec como plataforma para administração dos dados.

O VoTec é uma plataforma bilíngue para administração de dados terminológicos, criada pelo prof. Dr. Guilherme Fromm em 2007. Ela tem sido utilizada por alunos de graduação e de pós-graduação, servindo aos objetivos terminográficos de estudos de Iniciação Científica, de práticas de componentes curriculares e de pesquisas de Mestrado e Doutorado. Para os níveis de graduação, ela se encontra disponível em <http://ic.votec.ileel.ufu.br> e, para os estudos de pós-graduação, em <http://treino.votec.ileel.ufu.br>. Vale salientar que o acesso à plataforma para edição de dados é restrito aos pesquisadores sob a supervisão do administrador.

Para o desenvolvimento da nossa pesquisa de Mestrado, lançamos mão do VoTec para a inserção, administração e publicação dos resultados do vocabulário bilíngue da LH. Os dados que compõem o resultado da obra terminográfica da área de LH estão disponíveis *on-line*<sup>9</sup>, sendo de acesso público e gratuito.

Selecionamos o VoTec como forma de publicação do nosso trabalho, pois ele permite que as definições sejam construídas a partir de dados provenientes do *corpus* de estudo, por meio de colunas de traços distintivos. Esta forma de preenchimento com dados do *corpus* reduz a subjetividade do autor e torna a definição mais objetiva. Mais do que isso, a plataforma oferece as formas de visualização normal (resumida, ou seja, com dados agrupados – padrão de dicionários impressos) e descritiva (com os dados separados, facilitando a identificação deles) e consultas no modo total (disponibiliza todas as informações na posição vertical), no tradutor (seleciona as informações mais relevantes para tradutores, a saber: definição, área de especialidade, tradução, sinônimos) e no modular (modo personalizado, no qual o consulente define as seções a serem exibidas).

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://treino.votec.ileel.ufu.br>. Acesso em: 21 out. 2019.

Na próxima seção, descreveremos o passo metodológico que nos auxiliou a definir quais aspectos usar na construção da definição: o preenchimento das fichas terminológicas no VoTec.

### 3.4 Registro dos dados, elaboração das definições e disponibilização no Votec.

Na sequência, apresentamos algumas figuras para que a compreensão desse processo fique mais concreta para o leitor. Na tela inicial do VoTec, há a opção de inserir o nome do usuário e sua senha, gerando o acesso personalizado. Após a liberação de acesso, o pesquisador é direcionado à página de registro dos termos, conforme mostra a Figura 2.

Figura 2 – Visualização da tela de boas-vindas do VoTec.

The screenshot shows the VoTec user interface. At the top, it says 'Vocabulário Técnico Online' and 'Tela Cheia | English'. Below that, a grey banner says 'Bem Vindo, Marcio Issamu Yamamoto'. Underneath, it displays the user's last access time: 'Seu último acesso foi em: 23/03/2018 19:56'. There are four buttons: 'Trocar Senha', 'Novo Termo', 'Cadastro de Fontes', and 'Sair'. The main content area is divided into two sections: 'Fichas ainda não aprovadas' and 'Fichas aguardando revisão'. Each section contains a table with columns for 'Termo', 'Língua', 'Coletado em', 'Cadastrada por', and 'Ações'. Both tables are currently empty, showing 'Nenhum termo para revisar' and 'Total de Termos: 0'.

Fonte: VOTEC, 2015.

A tela de registro dos termos permite a inserção do termo em português e em inglês e sua ontologia. Na ontologia, classificamos a grande área e a subárea às quais o termo pertence e, depois, gravamos os dados, conforme mostra a Figura 3.

Figura 3 – Passo 1: classificação da área e subárea de um termo para cadastro dele no VoTec.

Fonte: VOTEC, 2015.

Adiantando a descrição dos passos, na Figura 4, há a página de registro dos traços distintivos dos termos para posterior utilização na redação da definição terminológica<sup>10</sup>. Nas fichas terminológicas existentes na página, inserimos os traços semânticos em linhas e colunas organizadas pelo número de exemplos.

Figura 4 – Visualização da aba Traços distintivos no VoTec.

	A	B	C	D	E	F	G	H
1	acquired	learners	generates	output				
2				descriptiv...				
3					formed	suffixes a...		
4					change ove...	grammar el...		
5						grammar tr...	conjugatin...	auxiliarie...
6						grammatica...		
7		individual...	to	internaliz...				

Fonte: VOTEC, 2015.

A Figura 4 mostra como os traços distintivos podem ser organizados. Cada linha corresponde a um exemplo extraído de um contexto no qual o termo ocorre no

<sup>10</sup> Aos interessados, o passo a passo do processo de cadastro e definição de termos da LH no VoTec encontra-se em Yamamoto (2015). Disponível em: [https://lexically.net/wordsmith/corpus\\_linguistics\\_links/theses\\_using\\_wordsmith.htm](https://lexically.net/wordsmith/corpus_linguistics_links/theses_using_wordsmith.htm). Acesso em: 25 out. 2019.

*corpus*, enquanto as colunas servem para a organização dos traços distintivos identificados. Cada vez que o traço distintivo repete, ele é inserido na mesma coluna que o anterior, o que é bastante visível nas colunas D, E e F. A organização desses traços distintivos, seguindo o padrão GPDE – gênero próximo, diferenças específicas -, pode ser visualizada na Figura 7, na qual apresentamos a definição final conforme disponível on-line.

As Figuras 5 e 6, a seguir, apresentam as linhas de concordância dos candidatos a termo *language* e *língua*. Em seguida, apresentamos a aplicação da análise qualitativa dos dados na definição terminológica do VoTec.

Figura 5 – Linhas de concordância do termo *language* em inglês seguido do colocado *is* (visão parcial).

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent	Para	Para	Hea	Hea	Sect	Sect	File	Date	%
2	; he had also demonstrated that "a language is not just a collection of				3.660	12:49'	0	70'			0	70'	HISTORICAL	2014/jun/27	69%
3	on the necessity of the form of the language is already [63] mixed with the				23.42:	42 15'	0	23'			0	23'	Winfred P. Le	2014/jun/27	23%
4	one another. The true preeminence of a language is simply to develop from a				24.71:	42 17'	0	24'			0	24'	Winfred P. Le	2014/jun/27	24%
5	. II. To assume one original universal language is impossible; there are				34.67:	42 35'	0	34'			0	34'	Winfred P. Le	2014/jun/27	34%
6	length contrast in the language is a necessary condition for				52.70:	2.158'	0	44'			0	44'	Laurel J. Brin	2014/jun/27	41%
7	is linguistically inferior. The resulting language is composite, truly mixed in				2.451	80 19'	0	9%			0	9%	degraff2005f:	2014/jan/30	9%
8	is nothing to be surprised by: any E-language is 'an epiphenomenon at				7.193	22: 71'	0	21'			0	21'	degraff2009k:	2014/jan/30	21%
9	, and especially the rich metaphoric language is at least as important as				42.01:	2.370'	0	76'			0	76'	Jan Keessen	2014/jan/30	76%
10	absence of external possessors from a language is in any way the normal				127.1:	33:66'	0	79'			0	79'	Laurel J. Brin	2014/jun/27	99%
11	by the extent to which work on the language is integrated in a meaningful				1.576	51 63'	0	6%			0	6%	degraff2005f:	2014/jan/30	6%
12	stressed two other points: that a language is not an object with a reality				798	41 42'	0	13'			0	13'	HOW LONG '2014/jan/30	13%	
13	of phonemes in the lexicon of a language is what is meant by lexical				4.840	16: 41'	0	33'			0	33'	New perspec	2014/jan/30	34%
14	became integrated into the Egyptian language is the etymological word-play				9.683	46: 87'	0	14'			0	14'	David Potter,	2014/jan/30	14%
15	braiding yarn into rope, what in sailor language is called "a line," soon they				41.77:	2.341'	0	76'			0	76'	Jan Keessen	2014/jan/30	76%
16	This formal organization of the Icelandic language is much simpler than the				12.07:	33: 35'	0	12'			0	12'	Winfred P. Le	2014/jun/27	12%
17	the lives of individuals and of societies, language is a factor of greater				1.764	56 59'	0	7%			0	7%	degraff2005f:	2014/jan/30	7%
18	and almost pragmatic view. Language is for him a human				1.579	55 8%	0	30'			0	30'	HISTORICAL	2014/jun/27	30%
19	yields the further result that the Indic language is the older, the others				7.520	20: 48'	0	7%			0	7%	Winfred P. Le	2014/jun/27	7%
20	of any I-language, whether or not such I-language is called 'Creole'. This is the				4.530	14: 94'	0	13'			0	13'	degraff2009k:	2014/jan/30	13%
21	regional; the meaning in the standard language is 'play the violin'. He				99.20:	1.81%	0	60'			0	60'	Anatoly Liber	2014/jan/30	45%
22	certain amount of work with the spoken language is indispensable for any				99.59:	1.375'	0	97'			0	97'	Winfred P. Le	2014/jun/27	97%
23	of the individual sounds from which a language is constructed be an end in				98.40:	1.279'	0	96'			0	96'	Winfred P. Le	2014/jun/27	96%
24	shows in what community he grew up. Language is no infallible sign of race,				97.29:	1.28%	0	95'			0	95'	Winfred P. Le	2014/jun/27	95%
25	forms show, the difference in this language is still clearly distinct. In Old				78.42:	64: 80'	0	77'			0	77'	Winfred P. Le	2014/jun/27	76%
26	and primitive output, namely a "Creole" language, is to be evaluated with the				2.708	90 74'	0	10'			0	10'	degraff2005f:	2014/jan/30	10%
27	by combining words. Correspondingly, language is a social institution which				2.211	79 13'	0	42'			0	42'	HISTORICAL	2014/jun/27	42%
28	lie behind the historical tradition of a language is like a sea voyage without				81.77:	74: 96'	0	80'			0	80'	Winfred P. Le	2014/jun/27	80%

Fonte: análise no WST (SCOTT, 2012).

A Figura 5 será analisada na seção de resultados, na qual mostraremos a adequação da tradução de *language* para *língua* ou *linguagem* em português, bem como as definições dos termos no VoTec. A Figura 6 retrata alguns contextos do termo *língua* no *corpus* de LH.

Figura 6 – Linhas de concordância do termo *língua* em português seguido do colocado *é* (visão parcial).

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Para	Para	Heai	Heai	Sect	Sect	File	Date	%
1	permanente. Mas, uma vez que a língua é um sistema dinâmico, em que			48.02	1.435'	0	32'			0	32'	L_LH_PT_A_2018/dez/01		33%
2	, visto que possibilita visualizar como a língua é usada por uma determinada			314	15 74'	0	5%			0	5%	L_LH_PT_A_2018/dez/01		5%
3	de Ferdinand de Saussure); 8) a língua é uma estrutura autorregulada e			5.276	15 75'	0	5%			0	5%	L_LH_PT_T_2018/dez/01		6%
4	, além de se analisar a estrutura da língua, é aconselhável que se explique			33.22	1.240'	0	90'			0	90'	L_LH_PT_D_2018/dez/01		90%
5	relacionadas. A ideia de que a língua é um "organismo vivo" com			16.67	51 16'	0	11'			0	11'	L_LH_PT_A_2018/dez/01		11%
6	as análises do pensamento; 5) a língua é um conjunto de formas que			5.215	15 47'	0	5%			0	5%	L_LH_PT_T_2018/dez/01		6%
7	como ciência, a questão da língua é afetada pela relação do			13.54	42 33'	0	21'			0	21'	L_LH_PT_T_2018/dez/01		22%
8	linguística dos séculos XVI e XVII); 4) a língua é um conjunto de formas que			5.201	15 40'	0	5%			0	5%	L_LH_PT_T_2018/dez/01		6%
9	típica dos gramáticos); 3) a língua é um objeto histórico, derivado			5.175	15 28'	0	5%			0	5%	L_LH_PT_T_2018/dez/01		6%
10	que o falante tem da realidade; 7) a língua é uma convenção social, que			5.249	15 62'	0	5%			0	5%	L_LH_PT_T_2018/dez/01		6%
11	língua em especial: Glotologia de uma língua é a História d'essa língua" (Leite			12.67	36 66'	0	8%			0	8%	L_LH_PT_A_2018/dez/01		9%
12	(tradição platônica e aristotélica); 2) a língua é um conjunto de formas			5.163	15 22'	0	5%			0	5%	L_LH_PT_T_2018/dez/01		6%
13	as suas respectivas "filiações" --: 1) a língua é um meio de expressão do			5.148	15 15'	0	5%			0	5%	L_LH_PT_T_2018/dez/01		6%
14	de uma mudança no sistema da língua, é aí que haverá o espaço para			25.16	76 59'	0	26'			0	26'	L_LH_PT_T_2018/dez/01		26%
15	também do pressuposto de que a língua é composta por seus falantes e			33.34	1.239'	0	90'			0	90'	L_LH_PT_D_2018/dez/01		90%
16	questão, WL&H argumentam que toda língua é um sistema em transição,			29.59	1.017'	0	80'			0	80'	L_LH_PT_D_2018/dez/01		80%
17	nativa de um grupo de falantes. Essa língua é mantida, contudo, é			9.071	35 15'	0	24'			0	24'	L_LH_PT_T_2018/dez/01		22%
18	iniciais da IELPB, o autor afirma que a língua é uma expressão da sociedade,			42.04	1.230'	0	44'			0	44'	L_LH_PT_T_2018/dez/01		44%
19	nas diferentes formas de como o termo língua é definido em diferentes			12.69	49 59'	0	76'			0	45'	L_LH_PT_D_2018/dez/01		46%
20	, uma concepção psicológica da língua é iniciada, preocupada em			6.174	24 48'	0	37'			0	22'	L_LH_PT_D_2018/dez/01		23%
21	, partindo do princípio de que a língua é expressão de cultura, e a que			285	19 66'	0	10'			0	10'	L_LH_PT_A_2018/dez/01		12%
22	um jogo (visão de Wittgenstein); 10) a língua é um objeto de operações			5.301	15 87'	0	5%			0	5%	L_LH_PT_T_2018/dez/01		6%
23	com o pensamento de Durkheim. A língua é vista como um fato social,			27.43	1.010'	0	74'			0	74'	L_LH_PT_D_2018/dez/01		74%
24	organizada na alma. Defendia que a língua é energia, ou seja, é uma			19.82	71 8%	0	54'			0	54'	L_LH_PT_D_2018/dez/01		54%
25	(p.75). Para Dubois et al. (2001), a língua é considerada um sistema no			1.881	57 20'	0	3%			0	3%	L_LH_PT_A_2018/dez/01		3%
26	, parte-se do pressuposto de que a língua é uma entidade social, formada			13.70	49 47'	0	37'			0	37'	L_LH_PT_D_2018/dez/01		37%
27	, uma vez que a sua visão de língua é fundamentada pela relação			50.94	1.464'	0	53'			0	53'	L_LH_PT_T_2018/dez/01		53%

Fonte: análise no WST (SCOTT, 2012).

A Figura 6 apresenta vários contextos definitórios do termo *língua* em português. Na seção 4, discutiremos alguns resultados provenientes da análise desses contextos definitórios e faremos a análise do termo *language* (Figura 5).

Na Figura 7, a título de exemplificação, apresentamos a definição do termo *língua*, em português e em inglês, já concluída na plataforma VoTec.



Figura 7 – Visualização do termo *língua* e *language* no vocabulário bilíngue da LH presente no Votec.

▼ Português

[Voltar ao resultado da busca](#)

**Língua.** *Linguística Histórica. s.f.s.* produto social de uma comunidade linguística, que sofre mudanças devido a fatores sócio-histórico-culturais, usado para comunicação. Ex.: Para Mattos e Silva, um estudo que trabalhe com a sincronia contemporânea não exige tanto quanto o trabalho que objetive mergulhar, por exemplo, no português arcaico. Por essa razão, os aspectos sociais são tão importantes, visto que possibilita visualizar como a língua é usada por uma determinada comunidade.. *Sinônimos:* organismo vivo. *Hipônimo de:* comunicação social; comunidade linguística; falantes. *Hiperônimo de:* mudança; evoluções; latim vulgar; Português. *Veja Também:* [Analogia](#), [Fala](#), [Língua românica](#), [Mudança linguística](#), [Texto](#), [Variação](#). **Corpus:** *Posição na Ordem de Frequência:* (40); *Nº de Ocorrências do termo:* (1960). **Informações Enciclopédicas:** Língua natural (língua humana, língua idiomática, ou somente língua ou idioma) é qualquer linguagem desenvolvida naturalmente pelo ser humano, de forma não premeditada, como resultado da facilidade inata para a linguagem possuída pelo intelecto humano. Em: *Língua* - [Wikipédia](#)

▼ English

[Go back to search results](#)

**Language.** *Historical Linguistics. n.m/f.s.* social system structured to express human thoughts made by elements such as grammar, lexicon, syntax and pragmatics. Ex.: They are generally characterized in terms of their ideas about regularity and phonetic conditioning of sound change, but the manifesto stressed two other points: that a language is not an object with a reality of its own independent of its speakers (contra the Hegelian, group-psychology notions of Schleicher and others), and that the psychological and physical aspects of language must always have been the same.. *Synonyms:* system; social institution. *Hyponym of:* thoughts; community; people; speakers; change.. *Hypernym of:* sound; speech sounds; words; morphology; syntax; pragmatics; words; grammar; lexicon.. *See Also:* [Analogy](#), [Clitic](#), [Derivation](#), [Grammar](#), [Language2](#), [Lexicon](#), [Participle](#), [Prefix](#), [Romance language](#), [Speech](#), [Suffixation](#), [Text](#), [Variation](#), [Word](#). **Corpus:** *Frequency order position:* (29); *Term number of occurrences:* (2686). **Encyclopedic Information:** Language is the ability to acquire and use complex systems of communication, particularly the human ability to do so, and a language is any specific example of such a system. em: *Language* - [Wikipedia](#)

Fonte: VOTEC, 2015.

A Figura 7 retrata a definição final do termo *língua* na subárea da LH. É possível observar os aspectos mais recorrentes no *corpus*, usados para definir o termo *língua*, como o aspecto social e as mudanças que a língua sofre devido aos fatores externos (sociais, históricos e culturais). É importante considerar que os aspectos mudança linguística ou da língua são relevantes quando se trata da área de LH. A definição em língua inglesa também ressalta o aspecto social da língua, porém com foco mais estrutural, explicando as áreas da gramática, do léxico, da sintaxe e da pragmática. Essas questões são observáveis nos exemplos incluídos na plataforma VoTec, no modo de visualização Descritiva.

Na Figura 8, trazemos o termo *linguagem/language* definido para retratar a conclusão deste percurso da escolha do termo até sua definição.

Figura 8 – Visualização do termo *linguagem* e *language* no vocabulário bilíngue da LH presente no Votec.

▼ Português

[Voltar ao resultado da busca](#)

**Linguagem.** *Linguística Histórica.* s.f.s. sistema de sinais, escrito ou falado, usado pela humanidade para comunicação de ideias, marcado pela variabilidade, considerado uma ciência moral e histórica

NOTA: forma de expressão linguística do pensamento, de nível consciente e abstrato. Ex.: Afinal, a linguagem é ou não uma atividade do espírito?. *Sinônimos:* ciência histórica e moral. *Hipônimo de:* humanidade; ideias; pensamentos; espírito; criação social; Glotologia;. *Hiperônimo de:* sinais; sincronia; diacronia; sistemas linguísticos; vocábulos; linguagem escrita; linguagem falada;. *Veja Também:* [Analogia](#), [Léxico](#). *Cópus: Posição na Ordem de Frequência:* (210); *Nº de Ocorrências do termo:* (439). *Informações Enciclopédicas:* Linguagem pode se referir tanto à capacidade especificamente humana para aquisição e utilização de sistemas complexos de comunicação, quanto à uma instância específica de um sistema de comunicação complexo Em: *Linguagem* - [Wikipédia](#)

▼ English

[Go back to search results](#)

**Language2.** *Historical Linguistics.* n.m/f.s. system used to produce meaning, reference, naming and used by different groups of people for communication.

NOTE: types of language comprise philosophical, sacral, baby, hunters', legal, children's, thieves' and woovers'. Ex.: The ease with which OHG boununga, bauhning(a) 'significatio' (from bouhnen 'significare, innuere'), and OE gebeacnung 'categoria,' both of them derivatives of \*baukn-, passed into religious and philosophical language points in the same direction.. *Hypernym of:* words, language, term.. *See Also:* [Language](#), [Word](#). *Corpus: Frequency order position:* (29); *Term number of occurrences:* (2686). *Encyclopedic Information:* any means of expressing or communicating, as gestures, signs, or animal sounds: body language em: *Language* - [Wikipedia](#)

Fonte: VOTEC, 2015.

O *corpus* de LH disponibiliza, em português e em inglês, a definição do termo *linguagem/language* como sistema usado pelos humanos para a comunicação, cujas definições são mais semelhantes entre si do que a definição dos termos *língua/language*, se comparadas. Em todas as entradas do VoTec, as definições provenientes da Wikipédia são disponibilizadas, por meio de *links*, para que o leitor possa ter acesso mais rápido e prático. Entendemos que a primeira linha de definição da Wikipédia é de padrão terminológico, mas a sua microestrutura em si é de caráter enciclopédico, o que a difere de nossa proposta.

#### 4. Análise parcial dos resultados

No Quadro 1, apresentamos a lista de termos da subárea da LH que foram definidos na plataforma VoTec. Em seguida, faremos uma explicação do passo



metodológico de análise das linhas de concordância para os termos *língua/language*, bem como os resultados de sua análise.

Quadro 1 – Termos do vocabulário bilíngue da LH.

<b>Votec – Vocabulário de LH – Lista final</b>	
<b>Português</b>	<b>Inglês</b>
1. <i>Língua</i>	<i>Language</i>
2. Etimologia	Etymology
3. Gramática	Grammar
4. Palavra	Word
5. Verbo	Verb
6. Linguística	Linguistics
7. Linguística Histórica	Historical Linguistics
8. Mudança	Change
9. Fala	Speech
10. Linguagem	Language
11. Texto	Text
12. Variação	Variation
13. Derivação	Derivation
14. Substantivo	Noun
15. Adjetivo	Adjective
16. Prefixo	Prefix
17. Léxico	Lexicon
18. Analogia	Analogy
19. Clítico	Clitic
20. Advérbio	Adverb
21. Particípio	Participle
22. Sufixação	Suffixation
23. Prefixação	Prefixation
24. Afixo	Affix
25. Mudança linguística	Linguistic change
26. Língua românica	Romance Language

Fonte: YAMAMOTO, 2015, p. 74.

Ao analisar o Quadro 1, é possível observar que os termos encontrados em um *corpus* de LH remetem a classes gramaticais (verbo, adjetivo e advérbio), ao campo de estudos do léxico (palavra, derivação, prefixo, léxico, clítico, particípio, sufixação, prefixação e afixo) e aos fenômenos estudados na Etimologia e na LH (língua,

Etimologia, gramática, Linguística, Linguística Histórica, mudança, fala, linguagem, texto, variação etc.).

Dentre os termos definidos, chamamos a atenção para o termo *language* em inglês, que, dependendo do contexto em que ocorre, pode ser traduzido por *língua* ou *linguagem*. Nesse caso, a análise dos contextos e sua equivalência conceitual, presentes nas linhas de concordância, é que definiram com qual termo do português houve correspondência do termo *language*. Logo, foi necessário examinarmos os contextos para constatar se *language* correspondia a *língua* ou a *linguagem*.

Na Figura 5, linha 18, encontramos a seguinte frase: “*Language is for him a human institution, an instrument made by man to meet human needs, and at no time beyond human control*<sup>11</sup>”. Nesse contexto, identificamos que o autor se refere à *língua*, e não à *linguagem*. Já no exemplo “*One of the chief problems of the science of language is the inquiry into, and description of the classes of languages or speech stems, that is, of the languages which are derived from one and the same original tongue...*<sup>12</sup>”, observamos que o autor trata das ciências da linguagem, e não do termo *língua*.

Na Figura 6 observamos que alguns contextos do termo *língua* são semelhantes aos que ressaltam o papel social da língua e o *status* dela de organismo vivo. Outros contextos são diferentes e a definem de uma perspectiva mais estática, como um objeto histórico.

Quanto aos aspectos epistemológicos da LH, consideramos o imbricar existente entre as áreas que têm uma abordagem diacrônica dos estudos linguísticos. Essas áreas são: Filologia (Clássica e Românica), Etimologia e Linguística Diacrônica e/ou LH.

---

<sup>11</sup> Língua é, para ele, uma instituição humana, um instrumento criado pelo homem para atender às necessidades humanas, e nunca além do controle humano (todas as traduções contidas neste artigo são do autor).

<sup>12</sup> Um dos principais problemas das ciências da linguagem é a investigação e descrição dos tipos de línguas ou origens da fala, ou seja, línguas que são derivadas de um mesmo idioma... (texto adaptado – tradução do autor).

Nessa perspectiva, nos questionamos: em que medida essas áreas estão inter-relacionadas e em que pontos elas divergem?

Numa tentativa de lançar um pouco de luz sobre essa reflexão, baseando-nos na pesquisa bibliográfica que realizamos, chegamos a algumas considerações. Primeiramente, há a Etimologia, que tem como objeto de estudo o étimo e que usa os métodos gramático-histórico e etimológico (*corpus*, datação) para estudar a origem das palavras (DURKIN, 2009; VIARO, 2011). Em segundo lugar, temos a Filologia, cujo objeto de estudo é o texto. Os métodos filológicos são a crítica textual e o histórico comparativo. Essa área tem o objetivo de estudar o texto, o contexto de produção e a língua (VIDOS, 1996; BASSETO, 2001). Finalmente, a LH (às vezes, concebida como Linguística Diacrônica) tem como objeto de estudo a língua no tempo, por meio do método histórico-comparativo e da analogia. O objetivo de estudo dessa área é o estudo das mudanças linguística de uma língua (FARACO, 2005; OLIVEIRA E SILVA, 2008).

Obviamente delinear o estatuto dessas disciplinas não é tão simples como parece, nem é nosso objetivo fazê-lo. Tivemos que tentar definir o espaço de cada uma delas para que o *corpus* coletado realmente fosse da LH, e não dessas outras disciplinas. Concluindo esse desafio em partes, entendemos que elas realmente estão separadas entre si por linhas tênues. Diante do exposto, aceitamos que elas estão interligadas entre si e que não há como separá-las, já que uma contribui para outra, como em um movimento de simbiose.

Quanto ao estado da arte da produção acadêmica brasileira na área de LH, se contraposta ao da produção em língua inglesa, tendo como parâmetro os *corpora* da LH que coletamos, notamos que a necessidade de definir os termos técnico-científicos da LH foi maior no *corpus* de língua inglesa. Isso se tornou evidente com a menor quantidade de contextos definitórios para termos básicos da língua, como *verb/verbo*. Apesar de o termo ser recorrente nas duas listas de palavras-chave (português e

inglês), os contextos definitórios ou explicativos em inglês foram mais reduzidos, o que dificultou a construção de definições.

## 5. Considerações finais

Neste artigo, descrevemos brevemente a fundamentação teórico-metodológica que norteou a nossa pesquisa de Mestrado, os procedimentos de coleta dos *corpora* que utilizamos, os passos tomados para a construção do nosso vocabulário terminológico bilíngue (português-inglês) de LH, a análise quantitativa e qualitativa dos dados providenciados pelo WST e, ainda, a ordenação dos dados terminológicos na plataforma VoTec. Como resultado final, disponibilizamos 26 verbetes *on-line* para acesso gratuito, objetivando atender a tradutores, linguistas históricos e estudiosos de Linguística em geral.

Atualmente, como continuidade desta pesquisa, o *corpus* de LH foi reciclado e atualizado. As subáreas da Filologia, Etimologia e Linguística Diacrônica foram adicionadas a uma pesquisa maior que busca produzir um vocabulário bilíngue de Linguística e suas subáreas, em português e em inglês (YAMAMOTO, 2018). A plataforma do VoTec sofreu alterações e novas funcionalidades já estão disponíveis, como a inserção de áudio para pronúncia dos termos (CARDOSO, 2017).

Por fim, em relação ao vocabulário bilíngue de LH, podemos dizer que a elaboração dele aflorou realidades dos estudos diacrônicos e abriu caminhos para novas aplicações da LC em pesquisas de LH. Além disso, pudemos tratar de aspectos epistemológicos da LH, refletir sobre o estado da arte da produção acadêmica brasileira e também comentar a prática terminológica/terminográfica da academia brasileira.

## Referências Bibliográficas

AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue**. São Paulo: Humanitas, 1996.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Identidade científica, Objeto, Métodos, Campos de atuação. *In*: II SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA E I ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA. 2., 1990, Brasília, **Anais** [...] Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); Paris: União Latina, 1992. p. 152-158. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/992>. Acesso em: 20 nov. 2019.

BASSETO, B. F. **Elementos de filologia românica: história externa das línguas**. São Paulo: EDUSP, 2001.

BÉJOINT, H. **The Lexicography of English**. From Origins to Present. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

CABRÉ, M. T. **La Terminología: representación y comunicación**. Barcelona: IULA/UPF, 1999. DOI <https://doi.org/10.1075/tlrp.1>

CALLADO, A. A. O texto em veículos impressos. *In*: CALDAS, A. (org.). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. São Paulo: Loyola, 2012. p. 46.

CARDOSO, S. A. F. **TermosTeo: a elaboração de vocabulários monolíngues de termos da Teologia em um estudo conduzido por corpus**. 2017. 340 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

DURKIN, P. **The Oxford Guide to Etymology**. New York: Oxford University Press, 2009.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

FINATTO, M. J. B. Elementos Lexicográficos e Enciclopédicos na Definição Terminológica: questões de Partida. **Organon**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, 1998. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.29563>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FINATTO, M. J. B. **Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação**. Orientadora: Dra. Maria da Graça Krieger. 2001. 395 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade

Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1516>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FROMM, G. **VoTec**: a construção de vocabulários eletrônicos para aprendizes de tradução. Orientadora: Dra. Stella Esther Ortweiller Tagnin. 2007. 214 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-08072008-150855/pt-br.php>. Acesso em: 22 nov. 2019.

FROMM, G; YAMAMOTO, M. I. Terminologia, Terminografia, Tradução e Linguística de *Corpus*: a criação de um vocabulário bilíngue sobre Linguística. In: TAGNIN, S.; BEVILACQUA, C. *Corpora na Terminologia*. São Paulo: Hub Editorial, 2013. p. 129-152.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico**: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

KYTÖ, M. Corpora and historical linguistics. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982011000200007>. Acesso em: 22 nov. 2019.

MCENERY, T.; HARDIE, A. **Corpus Linguistics**: Method, Theory and Practice. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511981395>

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. RJ: Livraria Acadêmica, 1955.

OLIVEIRA E SILVA, R. V. B. de M. **Caminhos da linguística histórica**: “ouvir o inaudível”. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PAVEL, S.; NOLET, D. **Manual de terminologia**. Tradução de Enilde Faulstich. Canadá: Departamento de Tradução, 2002.

SCOTT, M. **WORDSMITH TOOLS**. Versão 6. Oxford: Oxford University. 2012. Disponível em: <http://lexically.net/wordsmith/version6/>. Acesso em 20 nov. 2019.

SILVA, M. C. P. Lexicografia bilíngue: uma verificação dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngues francês-português e português-francês. *In: LONGO, B.; SILVA, B. C. (org.). A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical*. Araraquara: Ed. Cultura Acadêmica, 2006. p. 13-44.

TAGNIN, S. E. O. *Corpora na tradução*. São Paulo: Hub Editorial, 2015.

VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Hub Editorial, 2010.

VIARO, M. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VIDOS, B. E. *Manual de linguística românica*. Tradução de José Pereira da Silva. Revisão técnica de Evanildo Bechara e Marlit Cavalcante Bechara. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

YAMAMOTO, M. I. *Linguística histórica e linguística de corpus*: Caminhos que se cruzam para desvelar a história da linguagem: um vocabulário bilíngue português – inglês. Orientador: Dr. Guilherme Fromm. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: [https://lexically.net/wordsmith/corpus\\_linguistics\\_links/theses\\_using\\_wordsmith.htm](https://lexically.net/wordsmith/corpus_linguistics_links/theses_using_wordsmith.htm). Acesso em: 25 out. 2019.

YAMAMOTO, M. I. Vocabulário Bilíngue Português/Inglês de Linguística Geral. *Revista Philologus*, V. Ano 24, p. 272-297, 2018. Disponível em <http://www.filologia.org.br/rph/ANO24/70supl/023.pdf>. Acesso em 06 Ab. 2020.

Artigo recebido em: 22.11.2019

Artigo aprovado em: 26.05.2020

## O uso de dicionários e tradutores *on-line* no Teletandem: um estudo exploratório

### The use of dictionaries and online translators in Teletandem: an exploratory study

Jéssica Sordi SARTORI\*

Lizandra Caroline ALVES\*\*

Ana Cristina Biondo SALOMÃO\*\*\*

---

**RESUMO:** Este artigo visa fazer um elo entre as áreas da Lexicografia Pedagógica e de Aprendizagem de Línguas por meio de telecolaboração. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, cujo objeto é o uso de dicionários e programas de tradução no contexto Teletandem por parte dos participantes. Os dados foram coletados no Laboratório de Idiomas da FCLAr por meio de gravação das sessões de mediação e entrevistas. Os resultados sugerem que poucos alunos utilizam essas ferramentas e somente suas versões on-line. Ademais, a escolha entre usar um ou outro depende de circunstâncias específicas, tais como uso para produção e compreensão oral, majoritariamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia pedagógica. Dicionários. Tradutores. Teletandem.

---

**ABSTRACT:** This study aims to link the areas of Pedagogical Lexicography and Language Learning through telecollaboration. This is a qualitative, exploratory research that will focus on the use of dictionaries and online translators by the participants in the Teletandem context. Data have been collected at the FCLAr Language Lab by recording the mediation sessions and interviews. The results suggest that few students use these tools and only use their online versions. Moreover, their choice of one over the other depends on specific conditions, such as their use mostly for production and oral comprehension.

**KEYWORDS:** Pedagogical Lexicography. Dictionaries. Translators. Teletandem.

---

---

\* Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2384-5247>. [jessica\\_sordisartori@hotmail.com](mailto:jessica_sordisartori@hotmail.com)

\*\* Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7239-5898>. [lizandra.carolinealves@gmail.com](mailto:lizandra.carolinealves@gmail.com)

\*\*\* Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1531-8551>. [ana.salomao@unesp.br](mailto:ana.salomao@unesp.br).



## 1 Introdução

O uso de recursos de comunicação síncrona (*chat*) e assíncrona (e-mail) vem crescendo em contextos de ensino e aprendizagem de línguas, não só em sala de aula, mas também fora dela (SALOMÃO, 2012). Segundo Garcia (2015), as conexões à internet têm agregado importantes valores ao ambiente educacional de línguas estrangeiras, transformando esse cenário, favorecendo um contexto motivador, autônomo e reflexivo.

Esses recursos tecnológicos, em particular os de comunicação síncrona, proporcionam uma interação significativa entre as pessoas de maneira colaborativa e promovem oportunidades de interação oral com falantes da língua alvo a distância, como é o caso do Teletandem (SALOMÃO, 2012). Essa proposta de ensino e aprendizagem de língua estrangeira é uma modalidade do ensino em tandem. A palavra tandem refere-se a uma bicicleta com dois assentos, que demanda um esforço conjunto para colocá-la em movimento. O nome tandem surge como uma metáfora para designar essa forma de aprendizagem colaborativa, em que há dois falantes nativos ou proficientes de línguas diferentes que entram em um acordo para aprender a língua do outro de maneira voluntária e autônoma (VASSALLO; TELLES, 2006).

O Teletandem é realizado a distância por meio do uso de tecnologia VOIP (voz sobre IP, em português), webcam e recursos de escrita (como aplicativos de troca de mensagens instantâneas) para o ensino e aprendizagem de línguas, como por exemplo, o Skype (um software gratuito que permite a comunicação pela internet), utilizado na UNESP de Araraquara (FCLAr), constituindo-se de uma sessão de interação e uma de mediação.

Costa, Salomão e Zakir (2018, p. 14) explicam que a interação “é o momento em que os parceiros ajudam um ao outro no processo de aprendizagem” em uma conversa com a duração de aproximadamente 60 minutos, na qual dividam um período para a prática de cada língua atentando “não apenas ao conteúdo, mas também à forma dos

respectivos turnos”. A mediação ocorre geralmente logo após a interação, constituindo-se como um suporte pedagógico, por meio do diálogo reflexivo, que visa enfatizar as estratégias de aprendizagem e aspectos culturais e linguísticos que emergem durante a sessão de Teletandem (TELLES, 2015).

Uma das questões de maior preocupação ao se aprender uma nova língua é, segundo De Grandi (2014), a aprendizagem do vocabulário, visto que quanto mais palavras se conhecem, maiores serão as chances de uma comunicação bem-sucedida. Um dos recursos mais tradicionais para a aprendizagem de léxico é o dicionário, portanto ele pode ser considerado um material didático complementar nesse processo.

Enquanto mediadoras do Teletandem do campus da UNESP de Araraquara, pudemos apreender que alguns participantes utilizavam dicionários ou Google tradutor (a ideia inicial era verificar o uso de tradutores, entretanto percebemos que houve uso apenas desse tradutor). Mediadores são as pessoas que auxiliam na logística do laboratório de idiomas e realizam a mediação, um momento que leva o outro à autorreflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem dos alunos em Teletandem. Diante disso, percebemos a necessidade de explorar o uso que os participantes fazem do dicionário nessa circunstância.

Por meio de pesquisas realizadas no site do Teletandem<sup>1</sup> e na plataforma Parthenon<sup>2</sup> (uma interface que permite, por meio de busca bibliográfica, pesquisar as produções impressas, eletrônicas e digitais que a UNESP tem acesso) pudemos verificar que não há estudos específicos sobre a utilização de dicionários no contexto Teletandem. Telles (2015) aborda alguns recursos e estratégias de aprendizagem em Teletandem e cita tradutores *on-line*, porém não há registros de pesquisa sobre como se dá o uso de dicionário nesse contexto. Fagundes (2013) afirma que realizou buscas

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.teletandembrasil.org/>. Acesso em: 5 jun. 2019.

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br/primo\\_library/libweb/action/search.do](http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br/primo_library/libweb/action/search.do). Acesso em: 5 de jun. 2019.

nos bancos de teses e dissertações de algumas universidades brasileiras conhecidas por elaborarem pesquisas na área da lexicografia, como UNESP, UFRGS, UFMG e UnB, mas não encontrou estudos que abordassem especificamente o uso do dicionário no ensino de línguas em geral. Também realizamos uma pesquisa no banco de teses no site da CAPES<sup>3</sup> para verificar se após 2013 surgiram estudos nessa área. Depreendemos que há alguns estudos relacionados à lexicografia e ensino, mas voltados para a sala de aula, e não para ensino nos ambientes virtuais.

O objetivo geral da pesquisa aqui apresentada foi, portanto, investigar se há o uso de dicionários ou tradutores *on-line* e como isso se dá no contexto Teletandem. Iniciaremos discutindo a relação entre a lexicografia pedagógica e o ensino de línguas na era virtual a fim de situar nossa pesquisa. Posteriormente, apresentaremos a natureza da pesquisa, seu contexto e participantes e os instrumentos e técnicas utilizados para a realização da coleta e a análise dos dados.

## 2 Lexicografia pedagógica e ensino de línguas na era virtual

Finardi e Porcino (2014) afirmam que a globalização influenciou os avanços de novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), que, por sua vez, têm mudado a maneira como temos acesso a informações e como adquirimos conhecimento. Outra mudança é que essas tecnologias alteram o próprio conceito de docência e de educação, atuando não só como suporte pedagógico, mas também como instrumentos que podem facilitar ações, encurtando distâncias e solucionando problemas. Ainda segundo as autoras, o percurso histórico do ensino de línguas, sobremaneira do inglês, é intrínseco à trajetória de usos das tecnologias para fins educacionais.

Fagundes (2013) registra que, desde o fim da década de 1970, começou-se a pensar como atender adequadamente às necessidades do usuário do dicionário, que

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 5 jun. 2019.

sempre foi um recurso relevante para o aprendiz de idiomas. Gonzalez (1999, apud CONCEIÇÃO, 2008) considera que o início da aprendizagem de uma palavra se dá pela consulta ao dicionário, colaborando para a aprendizagem mesmo fora da sala de aula, como é o caso do Teletandem. Conceição (2008) julga como “indiscutível” (p. 116) a importância do dicionário na aprendizagem de Língua Estrangeira (LE), especialmente se combinada a outras estratégias.

Por ser um objeto onipresente, chega a ser difícil determinar quando as pessoas passaram a utilizá-lo. “Ele se configura como um material extremamente popular, manuseado por diferentes públicos e que pode estar presente em diferentes ambientes” (FAGUNDES, 2013, p.51), seja em mídia impressa ou eletrônica. O fenômeno da digitalização foi possivelmente o maior responsável pela expansão dos horizontes e transformação dos dicionários bilíngues (TORRES DEL REY, 2009). As vantagens de se utilizar o dicionário eletrônico vêm da grande quantidade de informação formalizada, que permite realizar operações velozes e eficazes e que possibilita um uso criativo e flexível do dicionário. Essas características somadas à abundância de espaço são aspectos revolucionários do meio digital. Os dicionários eletrônicos são compostos por bits, pulsos de luz minúsculos que podem ser facilmente transmitidos por qualquer suporte magnético (LEFFA, 2006), e não necessitam de acesso à internet para serem utilizados. Os dicionários on-line, por sua vez, como o próprio nome sugere, dependem da conexão à rede mundial de computadores para que seja possível acessá-los.

### **3 Contexto de pesquisa e critérios para seleção e análise dos dados**

Trata-se de uma pesquisa de desenho qualitativo e de cunho exploratório. Segundo Dörnyei (2007), a abordagem qualitativa, ao contrário da quantitativa, busca descrever, compreender e explicar fenômenos cuja complexidade foge da alçada das abordagens quantitativas tradicionais. Além disso, o autor também afirma que o tipo

de pesquisa qualitativa é interpretativista, e, portanto, depende da interpretação subjetiva que o pesquisador fará sobre os dados encontrados.

Já a pesquisa exploratória visa promover maior familiaridade com o objeto de estudo e assim explicitá-lo ou fomentar a construção de hipóteses (GIL, 2007). O presente estudo se caracteriza como exploratório por ser um estudo inicial e pioneiro com o intuito de compreender melhor o uso de dicionários e tradutores *on-line* no contexto Teletandem e como a aprendizagem se dá por meio deles.

Essa investigação foi realizada no contexto do projeto Teletandem, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, mais especificamente no Laboratório de Idiomas, e os entrevistados foram cinco participantes brasileiros que realizaram interações português-inglês com alunos de uma universidade americana. Além deles, coletamos dados nas sessões de mediação de três turmas de Teletandem.

Os instrumentos e técnicas utilizados foram: a) uma entrevista final com os participantes, a fim de entender por que utilizaram ou não dicionários e tradutores *on-line* nas sessões de interação e, em caso afirmativo, de que forma os usaram; e b) gravações das sessões de mediação, que ocorrem após as interações, das quais trechos relevantes foram transcritos para que fosse possível explorar as concepções dos participantes durante suas reflexões com os mediadores. É importante ressaltar que esses dados foram coletados mediante autorização dos participantes e suas identidades serão preservadas, por meio da substituição de seus nomes reais pela palavra “entrevistado/a” seguida de um número.

Após transcrever os áudios das sessões de mediação, identificamos e selecionamos os participantes que mais utilizaram dicionários e/ou o Google tradutor. O passo seguinte foi realizar uma entrevista; após transcrevê-la, identificamos e agrupamos em um total de 5 tópicos os assuntos mais recorrentes abordados pelos participantes no que tange ao uso do dicionário. São eles: 1) o uso de dicionário x tradutor *on-line*; 2) fluidez da conversa x uso do dicionário; 3) nível de fluência x uso

do dicionário; 4) uso do dicionário e/ou tradutor para produção e compreensão oral; 5) concepções sobre o dicionário e seu uso no ensino.

O uso de dicionários impressos não foi abordado porque constatamos que eles não foram utilizados pelos participantes. Na sequência, apresentaremos a análise e a discussão dos dados.

### **TÓPICO 1: O uso de dicionário *versus* tradutor *on-line***

Através da análise dos dados, foi possível notar que o único tradutor utilizado foi o Google tradutor. O excerto 1 mostra um trecho de uma das participantes de pesquisa que prefere usar o dicionário *on-line* ao tradutor por acreditar que aquele é um instrumento que oferece maior precisão na busca de palavras.

#### *Excerto 1*

Eu procurava usar mais o dicionário porque eu achava que ele tinha... ele te dava algo mais preciso (...) às vezes ele pode te colocar numa situação complicada, coisa que, assim... eu acho que o dicionário... ele te dá menos chance disso, porque tipo... ele vai lá, aí ele te dá a palavra. Aí ele dá a classificação da palavra. (Entrevistada 1, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Ao perguntarmos à entrevistada se ela utilizou as duas ferramentas ou apenas uma delas, ela afirmou que usava mais o dicionário do que o Google tradutor, pois o dicionário oferece informações mais assertivas e completas. Portanto vemos que ela se sentia mais segura ao usar o dicionário, por este também oferecer classificação gramatical, o que para ela aumentaria a credibilidade.

No excerto 2, temos a perspectiva de outro entrevistado sobre o uso do Google Tradutor durante as interações de Teletandem. Quando questionado se tinha alguma preferência por dicionários e tradutores impressos ou *on-line*, optou pelo Tradutor *on-line* e justificou:

*Excerto 2*

Pela praticidade da ferramenta, instantânea, sem necessidade de ficar abrindo abas, ela fica aberta ali e você joga a palavra, ela já te dá uma resposta... acho bem mais fácil. (Entrevistado 2, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

O participante explicou que, para ele, o Google Tradutor é um meio mais prático, que permite que ele deixe a aba do Skype e do Tradutor abertas, uma ao lado da outra, o que provavelmente facilita a busca por palavras e otimiza a dinâmica da interação. Questionado sobre o motivo de uso de dicionários e o tradutor no Teletandem, o participante esclareceu que:

*Excerto 3*

Quando o problema era o sentido da palavra no português e no inglês, eu usava o dicionário mesmo, no tradutor eu não confiava muito (...). Mas quando era uma palavra que eu não sabia como falar, eu usava o tradutor mesmo. (Entrevistado 2, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019).

Ou seja, havia momentos em que ele preferia usar o tradutor, por exemplo, quando queria apenas uma equivalência em língua estrangeira. Já quando sua necessidade era o “sentido da palavra”, ele recorria ao dicionário, por não julgar confiável os resultados oferecidos pelo tradutor.

No excerto que segue, a entrevistada relata um momento da interação em que ela precisou buscar por uma palavra em inglês, da qual não se lembrava. Primeiramente a interagente pesquisou no tradutor, mas o resultado encontrado não era exatamente a palavra que ela precisava, o que foi possível confirmar ao consultar um dicionário *on-line*.

*Excerto 4*

Eu comecei a falar sobre Machado de Assis com ela, na hora do inglês. Aí eu quis falar que ele tinha conto, pra ela ler, só que eu peguei gente, como é conto? Aí, tinha esquecido, aí eu fui no tradutor mesmo e coloquei conto, aí

peguei “tell”, aí eu, meu, eu acho que não é, aí eu fui no dicionário e conferi, não era. (Entrevistada 3, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

A entrevistada havia afirmado anteriormente que recorria com frequência ao tradutor, porém nesse caso relatado ocorreu um problema em virtude da polissemia da unidade léxica “conto” em português, que pode ser traduzido de mais de uma forma para o inglês. Ela procurava pelo substantivo, mas o tradutor entendeu a palavra como o verbo conjugado na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, portanto ofereceu um equivalente para a segunda possibilidade, uma vez que ela pesquisou a palavra sem contexto, sem expor o uso em uma frase.

Essa análise nos permite constatar que os participantes recorreram ao Google tradutor ou ao dicionário em momentos e por motivos distintos. Costumam fazer buscas no primeiro por considerarem uma ferramenta mais prática e que toma menos tempo, possivelmente para evitar interrupções na conversa com o parceiro. Por outro lado, dão preferência ao segundo quando precisam de maior assertividade e credibilidade ao passar uma palavra de uma língua para outra, majoritariamente do português para o inglês, conforme veremos mais detalhadamente adiante.

## **TÓPICO 2: Fluidez da conversa X uso do dicionário**

No excerto 5, ao ser indagado sobre como ele via o uso do dicionário na dinâmica da interação, o participante expôs que:

### *Excerto 5*

Atrapalha um pouco porque tipo, a gente tem que parar de conversar, eu pego e falo: ah, pera. Aí eu vou lá e pesquiso, entendeu, aí é meio chato porque tipo, até voltar a pegar o ritmo, ainda mais quando é em inglês, tipo que demora pra falar. (Entrevistado 4, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)



Podemos depreender que ele considera que o uso dessa ferramenta influencia na dinâmica da interação à medida que é preciso pausar a conversa para realizar as buscas, e isso interrompe o assunto, o que dificulta ao tentar retomar o diálogo, principalmente por estar conversando na língua-alvo.

Há também quem considere que a consulta a dicionários e ao tradutor permita uma melhor compreensão da conversa, que não seria possível sem essas ferramentas, conforme vemos no próximo excerto. Ao ser questionada sobre como ela pensava que teriam sido as interações sem o uso desses instrumentos, a participante afirmou que:

*Excerto 6*

Eu não conseguiria falar algumas coisas que eu queria falar, assim, porque tipo... aconteceu comigo (...) Aí você tenta falar, explicar aquilo, com outras palavras, assim... mas acaba que... às vezes uma palavra-chave... Tipo, ela precisa ser traduzida ali, entendeu? Pra toda a frase ser entendida. (Entrevistada 1, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Podemos inferir que a entrevistada acredita que o uso do dicionário e do tradutor é importante nesse caso, pois o entendimento do assunto depende da compreensão dessa “palavra-chave”.

Encontramos ainda um terceiro ponto de vista, a seguir, em que uma entrevistada compara a consulta ao dicionário ou Google tradutor a recorrer a um parceiro de interação para sanar dúvidas:

*Excerto 7*

É que do mesmo jeito que você fica pra pessoa: “How do I say tal coisa?” o tempo inteiro. Ah, é isso, isso, isso, também atrapalharia. Acho que acaba dando na mesma do quanto atrapalha. Às vezes até você tentar falar na outra língua o que é, pra pessoa entender, pode atrapalhar mais ainda, que pode demandar muito mais tempo. (Entrevistada 3, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

A participante pondera que as duas formas interromperiam a conversa e tomariam tempo, já que, nesse contexto telecolaborativo de ensino e aprendizagem de línguas, o gerenciamento de tempo é particularmente importante porque se trata de uma interação um a um sobre uma temática de interesse de ambos, com foco na comunicação.

Em concordância com os dados expostos, observamos que a maioria dos participantes afirma perceber a influência do uso de dicionários e do Google tradutor na dinâmica das interações em Teletandem, sob o argumento de que as pesquisas ocasionam interrupções e, portanto, interferem na fluidez da conversa. Por se tratar de um contexto de interação entre os pares, a interrupção também é percebida nas pausas feitas para consultar o parceiro sobre dúvida em relação a vocabulário. Entretanto, segundo a entrevistada 3, isso pode “demandar muito mais tempo” que o primeiro.

### **TÓPICO 3: Nível de fluência e uso do dicionário**

No excerto seguinte, é possível verificarmos que o entrevistado associa a necessidade de consultar um dicionário ou ao tradutor à sua falta de fluência na língua estrangeira.

#### *Excerto 8*

Não falo inglês fluentemente, uma palavra eu não vou saber, ou alguma coisa eu não vou entender, eu vou precisar usar. (Entrevistado 4, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Ao ser questionado se havia pensado em recorrer ao dicionário ou ao Google tradutor durante as interações de Teletandem, ele respondeu que acreditava que havia pensado, visto que seu inglês não é fluente, portanto faz um elo entre não-fluência e necessidade de recorrer a esses recursos.

O excerto a seguir mostra a reflexão de uma participante de pesquisa sobre o uso de dicionários e do tradutor à medida que avança no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira e que se torna mais competente no uso da mesma.

*Excerto 9*

E aí eu tinha a ideia de que no momento em que eu ficasse fluente, eu não precisaria mais do dicionário. Aí um dia eu vi um vídeo no Youtube de uma menina que foi fazer um intercâmbio e ela falava que ela se considerava fluente em inglês, porém, mesmo assim ela... às vezes ela não sabia uma palavra e ela ia ao dicionário e tal. E aí isso me fez pensar que tipo... ah, se até no português muitas vezes a gente não sabe uma palavra e a gente procura no dicionário, por que não seria assim numa outra língua, né? Então isso fez com que eu... desconstruísse um preconceito... não exatamente um preconceito, mas uma ideia de que tipo...à medida que eu ficasse fluente, eu não ia precisar mais do dicionário. Mas a questão não é essa porque, tipo, você sempre vai precisar. (Entrevistada 1, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Percebemos que ela faz uma relação entre nível de fluência em uma língua e a necessidade de consultar um dicionário. Para ela, o seu nível de conhecimento em uma língua seria inversamente proporcional à necessidade de pesquisar em um dicionário. Ela explana que mudou sua concepção sobre isso depois de assistir a um vídeo que discutia o tema e, após refletir, concluiu que mesmo em nossa língua materna precisamos utilizar dicionários, logo, faríamos o mesmo na língua estrangeira.

Nossa análise mostra que as visões aqui registradas revelam uma associação entre uso de dicionários e do Google tradutor e nível de fluência em uma língua estrangeira. De modo geral, as opiniões convergem para o entendimento que quanto maior a competência do indivíduo em outra língua, menor será a necessidade de valer-se desses instrumentos. Há, contudo, outros olhares sob outros prismas, conforme constatamos na última passagem, em que a entrevistada relata um processo de reflexão e desconstrução pelo qual passou.

A partir disso, podemos depreender que, de acordo com esse raciocínio, quanto maior a competência linguística do participante, maior será a fluidez da conversa no sentido de que não será necessária a utilização desses recursos.

#### **TÓPICO 4: O uso do dicionário e/ou tradutor para produção e compreensão oral**

O excerto 10 apresenta a resposta do entrevistado à pergunta sobre em que momento ele utilizava o Google tradutor.

##### *Excerto 10*

Difícilmente do inglês pra português porque eu tenho uma facilidade maior de entender a língua do que de falar. Se fosse uma palavra que ele falasse em inglês e eu não soubesse o que significaria, eu diria “I’m sorry, I didn’t understand”, então sempre foi mais essa questão de traduzir do português pro inglês que eu usei o tradutor. (Entrevistado 5, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Notamos que ele fazia uso dessa ferramenta apenas para traduzir do português para a língua-alvo. Já para fazer o contrário, ele preferia perguntar para seu parceiro de Teletandem.

No excerto número 11, o entrevistado, assim como o anterior, afirma que utilizou o Google Tradutor para pesquisar palavras da língua materna para a estrangeira.

##### *Excerto 11*

Pra palavras que eu não tinha no meu vocabulário estrangeiro, aí eu recorri ao Google e eu consegui explicar e trazer à conversa... pontualmente até algumas frases, né, que tivesse uma elaboração um pouco fora do que eu conhecia da gramática. (Entrevistado 2, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019)

Ele salientou que além de pesquisar palavras, buscava também por frases sobre cuja construção gramatical tinha dúvidas.

De acordo com os excertos do Tópico 4, podemos averiguar que o Google Tradutor era utilizado exclusivamente para traduzir do português para o inglês. Um dos entrevistados justifica que, em seu caso, essa especificidade se deve ao fato de ele “ter uma maior facilidade” em compreender a língua do que de falar. Se quisesse, ao contrário, traduzir uma palavra do inglês para o português, a estratégia eleita era a de perguntar ao parceiro. Por sua vez, o outro salienta que, como o tradutor permite pesquisar por frases inteiras, ou seja, pesquisar a palavra em um contexto específico, era possível utilizar estruturas gramaticais além das que ele já conhecia.

### **TÓPICO 5: Concepções sobre o dicionário e seu uso no ensino e aprendizagem**

No excerto subsequente, acompanhamos a reflexão da participante acerca de como o uso do dicionário poderia ter sido útil para validar se uma palavra “existe” a partir do registro em um dicionário para dar um *feedback* mais preciso ao parceiro aprendiz de português.

#### *Excerto 12*

Aí depois eu pensei, nossa, eu podia ter pego, usado no dicionário mesmo pra ver o que seria barraca e se existia suqueria ou não, sabe? Eu poderia ter procurado o dicionário pra isso, aí eu pensei que às vezes a gente pode usar o dicionário, por exemplo, porque tem vezes que eles falam alguma palavra e a gente fica, ai, mas essa palavra não existe no português, aí tipo “ah, mas será que não existe?”. Pra ajudar a gente a como dar o feedback do português deles, desse uso que nunca passou pela minha cabeça. (Mediação, Turma 8, dia 22 de maio de 2019)

A participante relata que, em determinado momento, ficou em dúvida sobre qual a equivalência em português mais adequada para uma palavra em língua estrangeira usada por sua parceira e concluiu que, se tivesse recorrido ao dicionário, poderia validar suas suposições e, por conseguinte, dar uma resposta mais precisa a sua parceira.

No excerto 13, a participante aparenta ter a mesma concepção da pessoa do excerto anterior, uma vez que afirma que, em alguns casos, podemos falar alguma palavra errada, que não existe, então o melhor seria pesquisar antes.

*Excerto 13*

Eu acho que é importante porque, às vezes a pessoa pergunta como fala, que nem ela falou, usar para ensinar, porque às vezes você fala alguma coisa errada também, porque a gente cria palavra que não existe também, é normal... se a pessoa tá falando num sentido, você traduz com um sentido, mas você não chega a fundo o que é a palavra. (...) Então acho que é um cuidado, com o uso do dicionário a gente consegue falar olha, nesse contexto é isso, mas ao pé da letra é isso, sabe? (Mediação, Turma 8, dia 22 de maio de 2019)

A participante chega a considerar a consulta ao dicionário como um “cuidado”, nos permitindo inferir a importância de tal atitude, pois a palavra pode ter diferentes sentidos dependendo do contexto, isto é, se está sendo usada em um sentido denotativo ou conotativo.

A partir dos fragmentos prévios podemos interpretar que, embora nem sempre o dicionário chegue, de fato, a ser utilizado, como observamos no primeiro excerto, ainda assim a participante reflete e conclui que seu uso pode colaborar para aprendizagem em Teletandem do parceiro à medida que possibilita validar a existência de uma palavra por meio do registro em dicionário, e, por conseguinte, oferecer um *feedback* mais preciso ao parceiro.

No excerto que segue podemos depreender a ideia que o entrevistado tem sobre dicionários: que “é só aquele de papel”.

*Excerto 14*

Pra mim (...) eu ainda fico com aquela ideia de que dicionário é só aquele do papel... não sei, às vezes posso até pensar que um dicionário on-line seja uma coisa um pouco mais dinâmica, às vezes a gente consiga... por ser mais atualizado, consiga... essa questão de expressões, não sei o que seria... mas

aí é porque... é questão de nunca ter usado mesmo, e fica aquela coisa, né? De dicionário ser só de papel, então, acaba que sendo um pouco meio ignorante nessa questão. (Entrevistado 5, entrevista realizada no dia 29 de maio de 2019).

Podemos averiguar ainda que essa visão acaba por impedi-lo de utilizar a versão *on-line* da ferramenta. Cita ainda a falta de costume como outro motivo para não recorrer ao dicionário.

As informações contidas no excerto 14 nos possibilitam inferir que concepções de como se caracteriza um dicionário podem afetar a maneira como os participantes se relacionam com este recurso. Por considerar que dicionário “é só o de papel”, o participante, que não leva uma versão impressa às interações, tampouco utiliza sua versão *on-line*.

#### **4 Considerações finais**

Este estudo teve como intuito realizar uma primeira investigação sobre como o Google tradutor e os dicionários são utilizados no contexto Teletandem. A primeira constatação é que apenas uma minoria de participantes afirma utilizar esses recursos e, quando o fazem, usam exclusivamente versões *on-line*. A análise dos dados, obtidos por meio de sessões de mediação em grupo e entrevistas individuais, nos permitiu constatar que tanto o Google tradutor quanto dicionários *on-line* são utilizados pelos interagentes, porém em circunstâncias e com objetivos distintos.

Em linhas gerais, os participantes afirmam recorrer ao tradutor para realizar buscas mais rápidas e práticas de palavras ou significados de palavras que desconhecem, seja em sua língua materna ou na língua estrangeira. Outra particularidade é seu uso exclusivo para traduzir do português para o inglês. Para fazer o caminho oposto, um participante afirmou que preferia recorrer ao parceiro. Por outro lado, favoreciam o uso de dicionários quando buscavam maior confiabilidade e assertividade nos significados.

Os participantes relataram que ao realizarem pausas para pesquisar no dicionário ou tradutor, percebiam uma interferência na fluidez da conversa com o parceiro. Verificamos também que há outros pontos de vista sobre a questão, em que uma das entrevistadas pondera que recorrer ao parceiro para sanar uma dúvida pode interferir na fluidez da conversa tanto quanto utilizar dicionários e o tradutor. Outra participante declarou ainda que sem o respaldo de dicionários e do tradutor, em determinados momentos específicos, a comunicação teria sido prejudicada.

Observamos também que os participantes associam o nível de fluência na língua à necessidade de recorrer ao dicionário e tradutor: quanto maior a fluência, menor seria essa necessidade. Em contrapartida, uma das participantes concluiu que recorreremos ao dicionário para fazer um uso mais competente de nossa própria língua materna e, portanto, não há por que não o fazer ao estudar uma língua estrangeira. Ademais, não nos passaram despercebidas as reflexões sobre o não-uso do dicionário: mesmo quando não era utilizado, os participantes reconheciam o quanto ele poderia ter sido um importante aliado na hora de oferecer um *feedback* mais acurado ao parceiro. Uma das participantes chegou a considerar a ação como um “gesto de cuidado”.

Esperamos que esta pesquisa preliminar ajude a fomentar o interesse de mais pesquisadores sobre o papel de dicionários e tradutores na modalidade de Teletandem, por meio de investigações que elucidem as estratégias usadas pelos alunos para a inserção de tais recursos na sessão de interação, que mostrem as possibilidades trazidas por eles para as trocas realizadas entre os aprendizes, ou ainda que analisem a relação entre o seu uso e o desenvolvimento da compreensão e produção oral dos participantes, gerando encaminhamentos para a prática que possam auxiliar os participantes a usar esses recursos de forma a melhorar sua aprendizagem nesse contexto.



## Referências bibliográficas

CONCEIÇÃO, M. P. O dicionário na aprendizagem de vocabulário em língua estrangeira/inglês. **The ESpecialist**, vol. 29, nº 1, Brasil, PUC-SP, p.113-135, 2008.

COSTA, L. M. G.; SALOMÃO, A. C. B.; ZAKIR, M. A. Telecolaboração transcultural e transcontinental para aprendizagem de línguas estrangeiras: propostas e desafios. **Revista do GEL**, v. 15, n. 3, p. 9-25, 2018. DOI <https://doi.org/10.21165/gel.v15i3.2433>

DE GRANDI, L. **Uso do dicionário no ensino de língua espanhola: proposta de guia teórico-metodológico para professores**. 2014. 162 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115992>. Acesso em: 17 maio 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Sage Publications, 2005.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Sage Publications, 2011.

DÖRNYEI, Z. **Research methods in applied linguistics: Quantitative, qualitative, and mixed methodologies**. Oxford: Oxford University Press.

FAGUNDES, R. B. **O uso de dicionário no ensino de vocabulário de língua inglesa**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/6187/4510>. Acesso em: 17 maio 2019.

FINARDI, K. R.; PORCINO, M. C. Tecnologia e metodologia no ensino de inglês: impactos da globalização e da internacionalização. **Ilha Desterro**, Florianópolis, n. 66, p. 239-283, June 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217580262014000100239&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217580262014000100239&lng=en&nrm=iso). Acessado em: 01 ago. 2019. DOI <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2014n66p239>

GARCIA, D. N. M. A logística das sessões de interação e mediação no teletandem com vistas ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 44, n.2, p. 725-738, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1007/589>. Acessado em: 17 maio 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HWANG, A. D. Dos primórdios à Nova Lexicografia. In: HWANG, Á. D.; NADIN, O. L. (org.). **Linguagens e Interação III: estudos do léxico**. v. 3. Maringá: Clichotec, 2010. p. 33-45.

LEFFA, V. J. O dicionário eletrônico na construção do sentido em língua estrangeira. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, n. 18, p. 319-340, 2006.

SALOMÃO, A. C. B. **A cultura e o ensino de língua estrangeira: Perspectivas para a formação continuada no projeto teletandem**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SILVA, S. V. da; FIGUEIREDO, F. J. Q. de. Teletandem language learning in a technological context of education: Interactions between Brazilian and German students. **DELTA – Revista de Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 31(3), p. 729-762, 2015. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-445068781234723614>

TELLES, J. A. Learning foreign languages in teletandem: Resources and strategies. **DELTA – Revista de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, n. 3, p. 651-680, 2015. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-4450226475643730772>

TORRES DEL REY, J. Dictionarios electrónicos bilingües: nuevas posibilidades de futuro. In: FUENTES MORÁN, M. T. (ed.). **Investigaciones sobre lexicografía bilingüe**. Granada: Tragacanto, 2009. p.81-116.

VASSALLO, M. L.; TELLES, J. A. Foreign language learning in-tandem: Theoretical principles and research perspectives. **The ESpecialist**, v. 27(1), Brasil, PUC-SP, p. 83 – 118, 2006.

Artigo recebido em: 23.10.2019

Artigo aprovado em: 17.06.2020

## A identidade brasiliense na variação lexical da estrutura urbana do Plano Piloto

### The identity of Brasiliense in the lexical variation of the urban Pilot Plan structure

*Flávia de Oliveira MAIA-PIRES\**

**RESUMO:** Este trabalho é parte de um estudo sobre o léxico da estrutura urbana e arquitetônica do Plano Piloto de Brasília, no âmbito dos estudos lexicais e terminológicos. Identificou-se variações entre os itens lexicais que denominam a estrutura urbana e arquitetônica, utilizados pelos habitantes da capital do Brasil, revelando marcas identitárias do brasiliense em conversas cotidianas que envolvem a cidade. As variações lexicais englobam siglas, nomes complexos e nomes simples. A pesquisa demonstra que as variações estão sujeitas ao contexto de uso. Utilizou-se a metodologia analítica-descritiva. O corpus foi formado por textos especializados, textos de divulgação e sites governamentais sobre Brasília. A ferramenta AntConc (ANTHONY, 2019) auxiliou no processamento dos dados. As bases para este trabalho foram a teoria da terminologia variacionista de Faulstich (1996, 1997, 1998 e 2001) e estudos de Maia-Pires (2009 e 2018). O primeiro estudo, incluindo as variações lexicais, registrou um conjunto de 216 nomes que compunham o léxico urbanístico do Plano Piloto, a etapa mais recente acrescentou 54 nomes, incluindo elementos

**ABSTRACT:** This paper is a part of a study about the lexicon of the urban and architectural structure of the Brasilia Pilot Plan, within the scope of lexical and terminological studies. Variations were identified between the lexical items that name the urban and architectural structure, used by the inhabitants of the capital of Brazil, revealing Brazilian identity marks in daily conversations involving the city. Lexical variations include acronyms, complex names, and simple names. Research shows that variations are subject to the context of use. The analytical-descriptive methodology was used. The corpus was formed by specialized texts, promotional texts and government websites about Brasília. The AntConc (ANTHONY, 2019) tool assisted in data processing. The basis for this work was Faulstich's theory of variationist terminology (1996, 1997, 1998 and 2001) and Maia-Pires's studies (2009 and 2018). The first study, including the lexical variations, recorded a set of 216 names that made up the Pilot Plan urban lexicon, the most recent step added 54 names, including architectural elements, forming a total of 270 lexical items that are

---

\* Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística - LIP-IL-UnB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7167-5214>. [maiapires@unb.br](mailto:maiapires@unb.br)

---

arquitetônicos, formando um total de 270 itens lexicais que estão divulgados em um glossário, publicado em abril de 2018.

disclosed in a glossary, published April 2018.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística. Identidade brasiliense. Lexicologia.

**KEYWORDS:** Linguistic variation. Identity of Brasiliense people. Lexicology.

---

## 1 Introdução

O Brasil, em virtude de sua dimensão continental, é um lugar de diversidade cultural, linguística e social e, ao mesmo tempo, lugar de particularidades. Estudos linguísticos revelam aspectos genéricos e pontuais da língua portuguesa falada pelos brasileiros, observando inclusive a diversidade linguística que engloba variações. Considerando que a variação linguística está relacionada aos movimentos que a língua apresenta de acordo com fatores históricos, regionais, pragmáticos, de grupos ou de comunidades de fala no processo interação, inclui-se o léxico especializado do brasiliense no âmbito da variação da língua portuguesa. Neste contexto, ao passar pelas cidades das cinco regiões do país, as pessoas observam não somente a estrutura urbana e arquitetônica, mas também o modo de falar de seus habitantes, seja por causa do sotaque, seja por causa das palavras típicas usadas por eles. Essa observação acontece por existir um modo diferente e particular do falar no local, que é conhecido como variação diatópica.

O Plano Piloto de Brasília, cujos limites estão assim delimitados: a leste pela orla do lago Paranoá, a oeste pela Estrada Parque Indústria e Abastecimento – EPIA, ao sul pelo córrego Vicente Pires e ao norte pelo córrego Bananal, de acordo com a portaria nº 314 de 8 de outubro de 1992, é um lugar que causa impacto às pessoas de diferentes modos, porque como uma cidade nova, moderna, concebida e planejada com propósito específico de representação de poder político-administrativo de um país, possui uma organização de estrutura urbana e arquitetônica peculiar, com nomes específicos que já fazem parte do uso cotidiano do brasiliense. O próprio nome Plano

Piloto tem suas origens na linguagem técnica de urbanistas e arquitetos, uma vez que plano-piloto é qualquer plano preliminar para um empreendimento que pode sofrer alteração no decorrer do seu planejamento, de acordo com Ferrari (2004, p. 281). Esses nomes, por apresentarem conceitos especializados e por terem usuários específicos de uma área do saber, são denominados como termos e já se encontram enraizados no falar dos habitantes da Capital, contribuindo assim para a identidade linguística da população. Essa particularidade lexical, entre outros aspectos, distingue brasileiros de cariocas, pernambucanos, catarinenses, paraenses, goianos entre outros.

Assim sendo, entende-se que o “léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história” (ISQUERDO, 2001, p. 14) e, em consequência, alguns itens lexicais usados pelos brasileiros constituem o patrimônio linguístico dos habitantes de Brasília, apresentando uma variação da língua portuguesa e um aspecto político, histórico e social da cidade. Os exemplos a seguir ilustram alguns casos que registram particularidades urbanísticas de Brasília que se encontram na fala dos brasileiros, são enunciados retirados de manchetes de jornais divulgadas em seus sites:

- a) “Chuva alaga **tesourinhas**, derruba árvores e complica trânsito em Brasília”.<sup>1</sup>
- b) “Após 483 dias, viaduto do **Eixão** é liberado parcialmente”.<sup>2</sup>
- c) “**Buraco do Tatu** será bloqueado na próxima segunda (30)”.<sup>3</sup>
- d) “GDF inaugura mais duas '**agulhinhas**' na Asa Norte”.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Jornal Correio Brasiliense (postado em 21.04.2019). Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/04/21/interna\\_cidadesdf,750700/chuva-e-alagamento-no-dia-do-aniversario-de-brasilia.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/04/21/interna_cidadesdf,750700/chuva-e-alagamento-no-dia-do-aniversario-de-brasilia.shtml). Acessado em: 24 jul. 2019.

<sup>2</sup> Jornal Metrôpoles (04.06.2019). Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/apos-483-dias-viaduto-do-eixao-e-liberado-parcialmente>. Acessado em: 24 jul. 2019.

<sup>3</sup> Jornal de Brasília (27.07.2018). Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/cidades/buraco-tatu-sera-bloqueado-na-proxima-segunda-30/>. Acessado em: 24 jul. 2019

<sup>4</sup> Jornal o Globo (05.02.2013). Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/02/gdf-inaugura-mais-duas-agulhinhas-na-asa-norte.html>. Acessado em: 24 jul. 2019

Itens como **tesourinha**, **eixão**, **buraco do tatu** e **agulhinhas**, utilizados nos exemplos a), b), c) e d), são estranhos às pessoas que não moram em Brasília ou aos habitantes recém chegados, não pela grafia ou pela pronúncia, mas pelo seu conteúdo semântico. Em que **tesourinha** e **agulhinhas** não se referem a utensílios de costura; **buraco do tatu** não se refere à casa do mamífero da família dos dasipodídeos; **eixão** não é o aumentativo da linha imaginária que divide um corpo em parte simétrica, recorrendo às definições mais comuns. São nomes de estruturas urbanas da capital do Brasil que podem ser denominadas, respectivamente, como conjunto de alças rodoviárias, via de acesso, passagem subterrânea, via rodoviária no restante do país, mas que em Brasília revelam mais que conceitos, revelam o falar da Capital.

No aspecto arquitetônico, destacam-se as denominações das principais pontes da cidade, **Ponte das Garças**, **Ponte Costa e Silva** e **Ponte Juscelino Kubitschek**, que dentro da própria capital apresentam variantes como *Primeira Ponte*, *Segunda Ponte* e *Terceira Ponte*, nessa mesma ordem, na fala dos brasilienses.

O nome da *Segunda Ponte*, **Ponte Costa e Silva**, é motivo de conflitos democráticos, políticos e jurídicos. Seu nome de origem, dado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, era Ponte Monumental, mas foi inaugurada como Ponte Costa e Silva em 1976. Entretanto, em janeiro de 2015, foi renomeada como *Ponte Honestino Guimarães*, em homenagem ao estudante morto à época do AI5. Em novembro de 2018, retorna ao nome de inauguração, Ponte Costa e Silva. Desse modo, mais que uma nomenclatura, a denominação da Segunda Ponte, como ocorre em outros nomes, carrega o caráter identitário do brasileiro: democrático, político e social. Essa ponte também revela aspectos históricos observados pelos brasilienses, pois é foco de manifestações, como a ocorrida em 2012, quando a ponte recebeu o nome de Ponte Bezerra da Silva, com a finalidade de homenagear um grupo de arte urbana e, em março de 2019, foi "batizada" de Ponte Marielle Franco, fruto do Movimento de

Mulheres Olga Benário. Registra-se que em meio a essa variação de nomes que essa ponte recebe, a variante *Segunda Ponte* permanece como uso consagrado pela população.

Quanto à *Terceira Ponte* ou **Ponte Juscelino Kubitschek**, cujo uso comum entre a população é Ponte JK. Detalhes que para os não moradores da cidade são irrelevantes, mas que para os brasileiros representam marcas de identidade e história, além de serem referências no processo de deslocamento urbano.

Os exemplos citados colaboram para a afirmação de que a cidade que completou 60 anos em 2020 já "possui um dialeto próprio, focalizado, com características que o diferencia dos demais dialetos do PB" (ANDRADE 2015, p. 93). E nessa perspectiva, o presente estudo constatou a existência de um léxico especializado referente a estrutura urbana e arquitetônica do Plano Piloto da Capital do Brasil, utilizado pelos brasileiros, por meio de estudos no âmbito da Lexicologia e da Terminologia. É um estudo que demonstra que determinado item lexical apresenta um conceito particular e especializado, chamado de termo, pode revelar também informações sobre a identidade de pessoas de uma região. Aspectos que ultrapassam questões ortográficas e gramaticais, os termos da capital apresentam característica humanísticas de parte de grupo que fala a língua portuguesa em um determinado local, demonstrando que língua, pessoas e cultura estão intimamente relacionadas.

Destaca-se que este artigo, para esclarecimento do percurso desta pesquisa, foi organizado em etapas, as quais estão estruturadas do seguinte modo: em um primeiro momento, após a introdução, são apresentados os aspectos teóricos, a metodologia adotada, algumas análises em que se identificou variação linguística na terminologia utilizada pelos habitantes de Brasília, perspectivas para futuras pesquisas sobre o tema e considerações finais. As figuras ou quadros sem datação foram elaboradas para este trabalho.

## 2 O estudo do léxico especializado na fala brasileira

Brasília, como é sabido, foi construída com base no projeto do urbanista Lúcio Costa que utilizou como base dois eixos, um público e um privado, adaptando-se à topografia local. Em função do Eixo Monumental, no qual se encontram as áreas a sul e a norte, em função do Eixo Rodoviário-Residencial, no qual se encontram as áreas a leste e a oeste (MAIA-PIRES, 2009, p. 22). Além disso, foram consideradas quatro escalas na sua concepção para setorizar a cidade, a saber: Monumental, Residencial, Gregária e Bucólica. Esses setores foram cunhados na perspectiva de implementar um zoneamento seletivo e divisão de regiões, segundo funções como: habitar, lazer, trabalhar e circular. Os princípios baseados em funções tinham como prioridade o bem-estar do homem, por isso a cidade deveria ser construída de modo que as atividades de trabalho, de deslocamento, de comércio, entre outras, não fossem penosas para os seus habitantes. Esses princípios, portanto, nortearam a concepção de Brasília

O projeto contava com um léxico especializado utilizados por urbanistas e arquitetos, mas que aos poucos foram incorporadas no falar das pessoas que habitavam o local. O caráter especializado desses itens lexicais foram identificados por meio de estudos da Terminologia, disciplina que “se ocupa dos conceitos, suas definições e suas denominações”, segundo Sager (1993, p. 21), em uma linguagem especializada. O objeto de estudo da Terminologia é o termo ou o conjunto de termos. A Terminologia caracteriza-se como uma matéria interdisciplinar e, segundo Cabré é:

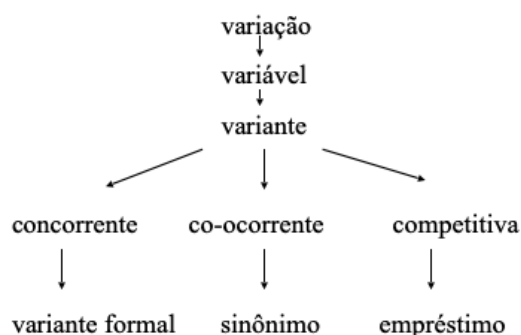
- para os linguistas, a terminologia é uma parte do léxico especializado por critérios temáticos e pragmáticos;
- para os especialistas, a terminologia é o reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade, e um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional;
- para os usuários, diretos ou indiretos, a terminologia é um conjunto de unidades de comunicação, úteis e práticas, cujo valor se mede em função de critérios de economia, de precisão e de adequação (CABRÉ, 1993, p. 37).



Faulstich (1997, p. 82) afirma que a “terminologia surge para sistematizar o léxico das linguagens de especialidade. Uma das suas tarefas é o estudo linguístico do termo, desde o mais simples até o mais complexo, fato que os estudos de língua geral não deram conta ainda”. Envolve estudos multidisciplinares que relaciona a linguística, a lógica, a ontologia e as ciências da informação, com as várias áreas temáticas, como os termos utilizados para descrever aspectos da estrutura urbanística e arquitetônica utilizados pelos habitantes de Brasília.

Nessa combinação de fatores, compreende-se que “o conjunto de palavras especializadas usadas para se referir ao conhecimento de um domínio e descrevê-lo, seja ele científico, técnico, especializado, constitui uma terminologia” (MAIA-PIRES, 2009, p. 34). Portanto, considera-se o léxico especializado utilizado pelo brasileiro uma terminologia, uma vez que denomina conceitos específicos relacionados a cidade e seus usuários; e que essa terminologia, assim como de outras áreas, está sujeita as mesmas regras da língua comum, apresentando variações como se discorre na sequência.

Por algum tempo, acreditou-se que a existência de variação linguística em terminologia não existia e se porventura ocorresse deveria ser eliminada. Entretanto, os estudos terminológicos de Faulstich (1999) comprovaram o fenômeno da variação em linguagem de especialidade, como apresenta o trabalho *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*, trabalho publicado sobre o assunto pela pesquisadora. Faulstich afirma que “a unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência” (FAULSTICH, 1999, p. 13), o que se confirma por meio dos itens lexicais especializados encontrados na fala dos brasileiros que os diferenciam de outros falares dos brasileiros. Esses estudos apresentam um constructo teórico da variação em terminologia, distribuído nas seguintes categorias, **concorrentes**, **coocorrentes** e **competitiva** (FAULSTICH, 2001, p. 26-33) discriminadas abaixo:

Constructo teórico da variação em Terminologia:

Fonte: Faulstich (2001, p. 26).

Desse modo, compreende-se que mesmo o léxico especializado está sujeito à variação linguística, desempenhando o papel social e cooperativo entre os usuários do sistema linguístico, como o caso de **Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul**, também denominado de **Cruzeiro Novo**, este último mais frequente na fala cotidiana dos brasileiros e, atendendo o papel social, recorre-se a variante em forma de sigla, **SHCES**, principalmente no preenchimento de documentos em que se exigem dados para correspondências. Analisa-se que a relação entre **Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul** e **SHCES** é de concorrência, uma vez que se trata de uma variante formal em que onde uma ocorre a outra não está presente, como no caso do espaço para escrever o endereço em cartas, pois os brasileiros recorrem a sigla para identificar seus endereços. Entretanto, a relação entre **Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul** e **Cruzeiro Novo** é de co-ocorrência, pois são variantes que se organizam no discurso mantendo a coesão lexical, mas se observa a preferência no uso desta última na fala cotidiana do brasileiro.

A variante **Cruzeiro Velho**, referente a **Setor Residencial Econômico Sul**, foi criada em virtude de a região localizar-se próxima à Praça do Cruzeiro, onde foi rezada a primeira missa de Brasília, e que possuía uma cruz. Assim, o **Setor de Residências Econômicas Sul** era mencionado por seus moradores, à época, em enunciados como: “Moro perto do Cruzeiro”. O avanço das construções de um novo setor de habitações coletivas, próximo a essa região da Praça do Cruzeiro, exigiu uma denominação que a

distinguisse do outro setor já existente. A solução linguística adotada pela população encontra-se em enunciados como: “Eu vou para o Cruzeiro, **o novo!**”. Uma relação de antonímia que seguiu uma lógica cronológica.

O próprio item lexical **Brasília** algumas vezes causa desentendimentos quanto ao espaço geográfico delimitado pelo termo por uma questão conceitual. **Brasília** sendo sinônimo de **Distrito Federal**, em que denomina a capital do Brasil, conforme a carta magna, estabelece uma relação de co-ocorrência, “uma vez que relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e num mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo” (FAULSTICH, 2001, p. 26), sendo, neste caso, uma variação. De modo semelhante, ocorre variação entre outros dois termos, **Brasília** e **Região Administrativa 1**, pois também a forma gráfica - Brasília- refere-se a uma parte do Distrito Federal denominada *Brasília* ou *Região Administrativa 1*. Entretanto, **Brasília** (Distrito Federal) e **Brasília** (Região Administrativa 1) não são variantes terminológicas e sim homônimos, possuem a mesma forma fonética e gráfica, mas com conceitos diferentes. Como se demonstra, a relação conceitual, de grande importância nos estudos terminológicos, é considerada tanto para identificar se um item lexical é um termo como para verificar se é uma variante.

Ainda quanto ao aspecto teórico, é relevante expor que termos como **Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul** é visto como “unidade de uma base seguida de predicções, cujos componentes veiculam funções semântica, sintáticas e pragmáticas definidas segundo relações estabelecidas entre eles” (CAFÉ, 2003, p. 60). Isso ocorre porque somente quando as bases lexicais estão completas que se obtém o conceito de modo claro, ou seja, os itens vão se organizando de modo que saia do genérico para o específico, com afirmação Faulstich (2003, p. 11-14), em seu constructo, sobre regras de formação de termos, ao considerar que “a terminologia é um fato de língua, que acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática”. Aplicando o constructo, obteve-se análises como demonstra o exemplo a seguir:

[[[[[[Setor ] de Habitações ] Coletivas] Econômicas ] Sul]]  
 [[[[[[ A ] B ] C ] D ] E ]]

Em que “a construção de terminologias complexas é um fenômeno que se dá num contínuo conceitual que vai do +geral ao +específico”. Assim, a base ‘setor’ (formativo A) opera o conceito +geral; o argumento ‘de habitações’ (formativo B) reopera o conceito +geral de A; o argumento ‘coletivas’ (formativo C) reopera a base AB; por sua vez, o argumento ‘econômicas’ (formativo D) reopera a base ABC e o argumento ‘sul’ (formativo E) reopera a base ABCD, completando, conseqüentemente, o conceito designado pelo termo formado, que é visto como uma única unidade conceitual. Por conseguinte, a formação do termo ocorre “em cadeias derivadas, assim sendo cada termo ou conjunto de termos gerará as regras adequadas” (FAULSTICH, 2003, p. 16).

Aspectos referentes aos nomes que denominam a estrutura urbana e arquitetônica encontrados na fala dos brasilienses, como apresentadas até o momento, sugeriram a necessidade de um estudo que identificasse as relações entre esses nomes e que explicasse semelhanças, diferenças, variações de fato ou não, com pressupostos linguísticos. E, para isso, a metodologia que vem sendo adotada para o desenvolvimento desta pesquisa, ao longo desses anos, tem se sido relevante, bem como suas adaptações, como se descreve, de modo breve, no tópico seguinte.

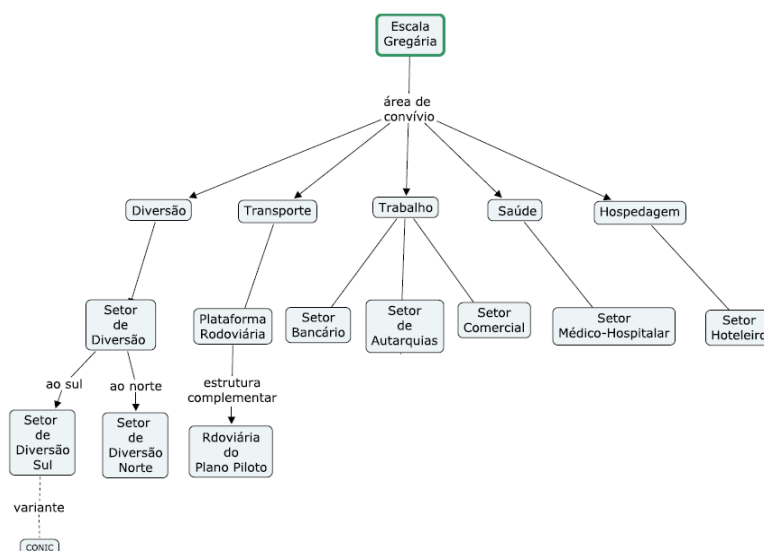
### 3 Avanços tecnológicos nos estudos linguísticos.

Na primeira fase desta pesquisa, recorreu-se à metodologia de Faulstich (1990, p. 3) em *Metodologia para projeto terminográfico*,

cuja finalidade é desenvolver os procedimentos metodológicos que venham a servir de roteiro e de base para a produção de documentos terminográficos, segundo metodologias terminográfica e lexicográfica e fundamentos de terminologia e de lexicologia,

sendo necessária a seleção de documentos que abordassem o tema em estudo: terminologia urbanística de Brasília. O trabalho foi dividido em etapas, a saber: (i) seleção das fontes documentais; ii) recolha e seleção dos nomes referentes a estrutura urbana de Brasília; iii) identificação das variações linguísticas.

A seleção das fontes documentais teve como ponto de partida o *Relatório Plano Piloto de Brasília*, documento oficial, escrito por Lucio Costa, em 1957, revistas, leis, decretos, normas de gabarito e reportagens de jornais relacionados a estrutura urbana de Brasília. Após essa seleção os documentos, os materiais foram impressos ou fotocopiados para a composição do corpus. Os dados foram recolhidos manualmente e na sequência foram tabulados de acordo com as quatro escalas *Monumental*, *Residência*, *Gregária* e *Bucólica*, uma das bases conceituais fundamentais na construção de Brasília. À época, o software IHMC CmapTools, desenvolvido pelo *Institute for human Machine Cognition* da Universidade de West Florida, ferramenta para elaborar esquemas conceituais e representá-los graficamente, grátis e disponível na internet, que pode ser acessado pelo link <https://cmap.ihmc.us>, foi útil para os fins.



Fonte: MAIA-PIRES (2009, p. 45).

O mapa conceitual auxiliou na organização dos dados de modo que relacionasse as terminologias de acordo com suas concepções. Em que conceito, segundo Novak (2008 *apud* KOCH DELGADO, 2012, p. 70), "é a percepção constante de eventos ou objetos, ou registros de eventos ou objetos, designados por um nome e esse nome, para a maioria dos conceitos, é uma palavra ou expressão".

Identificados o itens relevantes para pesquisa, fichas adaptadas do modelo desenvolvido pela Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários de Faulstich (2001) foram elaboradas e preenchidas para auxiliar na organização dos dados e no análise dos fenômenos linguísticos. A ficha continha inclusive um espaço para informar dados sobre a existência de variação linguística.

A Linguística Computacional é "a área de conhecimento que explora as relações entre linguística e informática, tornando assim possível a construção de sistemas com capacidade de reconhecer e produzir informação apresentada em linguagem natural", nas palavras de Vieira e Lima (2001, p. 1), que se relaciona com outras áreas de pesquisas, que compõe Linguística Teórica e aplicada, como a Sintaxe, a Semântica, a Lexicologia e a Terminologia para processar e produzir as línguas naturais. Segundo Lenci (2019, p. 13), "la LC dialoga con la linguística, le scienze cognitive, la psicologia, la filosofia e le scienze umane in generale, con le quali condivide l'obiettivo di indagare la struttura, il funzionamento e l'uso del linguaggio e il suo rapporto con le altre facoltà cognitive dell'uomo". Por sua vez, a Linguística de *Corpus* coleta dados e realiza análises com base em um conjunto de textos produzidos por falantes reais como os textos jornalísticos, dissertações, tese, textos de redes sociais, debates, entrevistas entre outros.

Assim, com o avanço da Linguística Computacional e o desenvolvimento de ferramentas para análises de dados textuais, que segundo Berber Sardinha (2004, p. 3):

ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de

servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador.

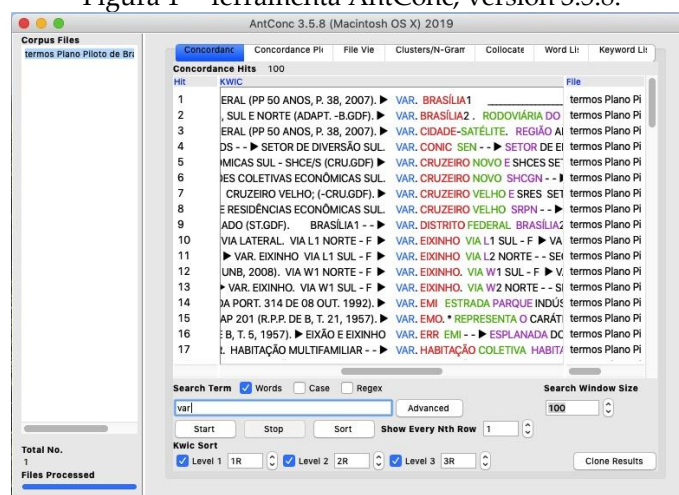
trouxeram grande auxílio a Lexicologia e a Terminologia. Por isso, na etapa mais recente da pesquisa, que incluiu as denominações de monumentos para verificar a relação desses termos com o falar identitária do brasileiro, considerou-se útil incluir a Linguística de *Corpus* no projeto. Desse modo, constatou-se que as ferramentas tecnológicas disponíveis para organização da informação de dados linguísticos de modo sistemático facilitou a atualização dos dados, que agora também englobam os itens lexicais da estrutura arquitetônica de Brasília, além da urbana.

Utilizou-se o software AntConc (ANTHONY, 2019), cuja finalidade é o tratamento de textos por meio de sistema automático. O programa processou os dados, anteriormente tratados e adaptados para o formato TXT, linguagem [formato] necessária para a leitura dos dados pela ferramenta. Foram incluídos novos textos e assim o corpus foi atualizado com o foco de verificar mudanças na linguagem dos brasileiros em relação ao tema. Variações foram identificadas e analisadas de modo que pudessem ser comprovadas em textos originais disponíveis na internet em sites de revistas e jornais recentes.

O AntConc (ANTHONY, 2019) contém 7 (sete) ferramentas de processamento de dados: 1) *Concordance Tool*; 2) *Concordance Plot Tool*; 3) *File View Tool*; 4) *Clusters/N-Grams*; 5) *Collocates*; 6) *Word List* e 7) *Keyword*. As ferramentas que permitiram identificar variações no *corpus* foram:

- 1) *Concordance Tool*: apresenta o resultado da pesquisa de acordo com a palavra-chave no contexto, fornecendo a palavra e a frase comumente usada em um corpus de textos.
- 6) *Word List*: apresenta todas as palavras do corpus em uma lista ordenada por frequência, permitindo a localização das palavras mais frequentes no texto.

Figura 1 -- ferramenta AntConc, version 3.5.8.



Fonte: Anthony (2019).

A ferramenta *word list* forneceu uma lista de todas as palavras contidas nos textos selecionados e suas respectivas frequências. Os itens lexicais fornecidos são exibidos com a forma que se apresentam no texto de origem, ou seja, apresentam-se flexionados de acordo com a concordância exigida pela gramática do enunciado. Após a composição da lista de palavras dos textos, com quantidade e frequência, foi possível verificar o contexto linguístico em que cada item aparecia, por meio da ferramenta *concordance*.

Assim sendo, depois de executadas as duas etapas, foram recolhidos os itens lexicais que compõem indicativo de variações linguísticas do corpus, que depois foram analisados considerando os pressupostos teóricos. Como resultado, o programa identificou um total de 11.856 itens lexicais, dos quais 1784 eram itens distintos. O software permitiu identificar 100 casos de variação linguística em uma primeira análise, como **Eixinho** e **via L1**; **Cruzeiro Velho** e **SRES**; **CONIC** e **Setor de Diversão Sul**; **Ponte das Garças** e **Primeira Ponte**, como indicação de variações linguísticas típicas do falar brasileiro expostas a seguir.



#### 4 Variação lexical e a identidade do brasileiro

Como mencionado, os estudos Terminológicos também identificam casos de variações em linguagens de especialidades. Nesse contexto, este estudo identificou variáveis de itens lexicais da estrutura urbana e arquitetônica na fala dos brasileiros, os quais adotaram termos dessas áreas do conhecimento. As variações foram organizadas do seguinte modo, quanto à forma: a) palavras formadas por uma única base lexical, também denominado termo simples (unidade terminológica simples), por exemplo, **eixão**, **entrequadra** e **pilotis**; b) unidades terminológicas simples formadas pela redução de termos com mais de uma base lexical, com uma estrutura específica e com ordem fixa, por exemplo, **SIG**, **SMU** e **SHCES**; e c) unidades formadas por mais de uma base lexical, denominada (unidade terminologia complexa), por exemplo, **Setor Militar Urbano**, **Parque da Ecológico e de Multiuso Olhos d'água** e **Asa Norte**.

Observando-se esses aspectos, apresentam-se os seguintes quadros como amostra de algumas variações: Quadro 1, apresenta o grupo formado por unidades simples, cujas palavras eram formadas por uma única base lexical; Quadro 2, apresenta os grupos formados por unidades terminologias complexas e as variantes em forma simples e/ou reduzidas.

Quadro 1.

1.	Agulhinha
2.	Balão
3.	Brasília
4.	Entrequadra
5.	Eixão
6.	Eixinho
7.	Pilotis
8.	Superquadra
9.	Tesourinha

Referente ao grupo representado no quadro 1, abordar-se-á aqui os itens 2, 5, 7 e 9, uma vez que os outros já foram contemplados ao longo do trabalho.

O item **balão** ou **balão viário**, como estrutura urbana, não é específico de Brasília, mas apresenta uma abundante variação na língua portuguesa. A estrutura de formato circular que se localiza em trechos viários para evitar cruzamentos entre ruas ou estradas por onde os veículos executam manobras para acessar vias também é conhecida pela denominação de *rotatória, círculo, queijinho, rotunda, rótula, redonda e bola* em outras regiões. Em Brasília, essa estrutura que tem como característica conter flores e arbustos, uma das marcas da cidade, segue a norma de trânsito em que a prioridade de sentido dá preferência aquele veículo que já estiver em circulação. Enunciados apresentando a variante **balão** é típica do falar brasileiro ao dar instruções sobre locomoção de trânsito como em: ‘faz o **balão** e entre na quadra’.

O item **Eixão**, derivado de eixo, forma fonética e gráfica conhecida, é a variante mais comum de *Eixo Rodoviário-Residencial*. Refere-se a “via rodoviária, que liga a Asa Norte à Asa Sul do Plano Piloto de Brasília, com seis pistas de rolamento, três no sentido norte-sul e três no sentido sul-norte, e uma pista central de escape” (MAIA-PIRES, 2018, p. 39). É uma denominação de uma estrutura que marca o brasileiro, seja por ser a principal via de ligação entre as “Asas”, no dia a dia, seja por ser ponto de lazer, esporte e festas aos domingos e aos feriados. É mais que um nome, é referência de espaço na cidade como registra os enunciados: ‘Você vai para o **Eixão** no domingo?’; ‘Meu apartamento é bem perto do **Eixão**’.

O item **pilotis**, é um “empréstimo externo” de origem francesa, é conhecido como “conjunto dos pilares ou das colunas que sustentam uma construção, deixando a área do pavimento térreo livre para circulação”, conforme registra o dicionário Caldas Aulete (2016). Estrutura encontrada em muitas cidades. No entanto, o termo na capital ganha outro sentido, inclusive faz parte do imaginário infantil, uma vez que o espaço entre o conjunto de colunas dos prédios residenciais representa um dos lugares em que as crianças utilizam para brincar com os amigos do ‘bloco’ em que habitam. Quando brasileiros falam dos **pilotis**, referem-se aos espaço em que

ocorrem conversas com vizinhos, festas de confraternização, espaço de interação e livre circulação. É uma variante em que se identifica traços culturais do habitantes da Capital. O conceito de **pilotis** ultrapassa o de estruturas que sustentam um edifício como em: 'Lembro-me da gente brincando no pilotis'. Enunciado que soa estranho para que não conhece os hábitos da cidade.

No caso do item **tesourinha**, uma das estruturas rodoviárias mais destacadas por quem anda pelas vias de Brasília, é a variante de *conjunto de alças rodoviárias*, também chamam até de trevo, representa a "interconexão entre os eixinhos, com forma de uma tesoura, que dá acesso às Superquadras" (MAIA-PIRES, 2018, p. 89). É uma denominação de natureza metafórica, pois os traços de conteúdo desse termo aproximam-no do objeto tesoura pequena, em uma vista aérea. Esse termo causa estranhamento a outros por apresentar como homônimos em língua portuguesa, ou seja, a mesma forma gráfica e fonológica, da ave da família apodídeos, de longa cauda e com a parte superior da cabeça de cor preta, peito de cor branca e dorso nos tons entre preto e cinza; do instrumento de corte; e do inseto ordem Dermaptera. Entretanto, essa estrutura, aparentemente complexa, às vezes confundam os visitantes que não compreendem o seu sistema, mas que é muito simples e cotidiana aos moradores da cidade, como em: 'Vai pelo Eixinho, faz a tesourinha e sobre para a 104'.

Quadro 2.

Cidade-Satélite	Região Administrativa		
Os Guerreiros	Os Dois Candangos		
Parque Ecológico E De Uso Múltiplo Olhos D'água	Parque Olhos D'água		
Setor Comercial Norte		SCN	
Setor Bancário Norte		SBN	
Setor de Habitações Coletivas – Áreas Octogonais Sul; Área Octogonal	Octogonal	<u>SHCAOS</u>	AOS
Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul	Cruzeiro Novo	SHCES	
Setor de Habitações Coletivas Sudoeste	Sudoeste	<u>SHCSW</u>	
Setor de Residências Econômicas Sul	Cruzeiro Velho	SRES	
Superquadra Norte		SQN	
Superquadra Sul		SQS	

Referente ao grupo representado no quadro 2, formado por unidade complexas, com variantes em forma simples e/ou reduzidas, apresentam-se alguns dados a seguir.

Observou-se, entre as variantes que designavam o mesmo lugar, um grande número de siglas, como **SCN**, **SHCAOS**, **AOS**, **SHCES**, **SHCSW**, **SRES**. Essas variantes foram localizadas de modo particular em documentos como formulários ou em espaços destinados ao preenchimento de logradouro. Como é sabido, as siglas “são termos aparentemente simples, mas cuja origem é de formação complexa” (CABRÉ, 1993, p. 177). As siglas também correspondem aos nomes intitativos, oficiais, nacionais ou internacionais, normalmente longos, cujo uso repetitivo em textos e nos discursos torna-se enfadonho, cansativo e pouco econômico, com base em Houaiss (1967, p. 168). Desse modo, as correspondências em Brasília utilizam a variante em forma de sigla no lugar do termo complexo, em que se pode identificar de modo menos opaco o conceito. Todavia, por ser uma linguagem comum a um grupo específico com fins específicos, o uso de siglas como uma palavra comum torna opaco o seu conceito para os que não são usuários desse tipo de item especializados.

Fato que confirma o uso de siglas em logradouros é uma característica da particularidade da Capital é a reportagem de 2010 que registra um episódio entre um consumidor e o serviço de atendimento ao cliente de uma empresa em que foi solicitado o endereço. Por não apresentar "nomes" de ruas como parte da forma de endereço um morador, ao tentar auxiliar a atendente no preenchimento das informações pessoais, recebeu uma correspondência com o espaço destinatário: **Sapo Queijo Nada** no lugar de - SQN. O caso foi tão peculiar que houve divulgação em jornais de grande circulação e, segundo a agência dos Correios, a correspondência chegou ao destinatário por causa do sistema de código postal, o CEP.

Já o termo **cidade-satélite** tem como variante *Região administrativa*, de uso mais recente por motivos de mudança em lei. Atualmente o Distrito Federal conta com 31 Regiões Administrativas. O conceito pode ser identificado como: cidade que é satélite, em que a base é 'ressemantizada' pelo item pós-posto, satélite, constituindo assim o termo cidade-satélite. O hífen demonstra uma lexicalização do termo. Observa-se as mudanças ocorridas no decorrer dos anos da cidade, verificou-se nos textos mais recentes que o uso de cidade-satélite é menos frequente, podendo indicar que o termo está caminhando para o desuso, permanecendo o registro histórico do termo.

O termo **Setor de Habitações Coletivas – Áreas Octogonais Sul** representa um conceito que se constrói a medida em que os elementos são ordenados e o elemento posposto reopera o conteúdo de seu precursor, conforme verifica-se no constructo de Faulstich. Sendo itens especializados, contêm informações claras a urbanistas e a arquitetos, pois *setor de habitações* carrega o conceito e edificações para moradia, excluindo assim fins comerciais, por exemplo. Acrescentando o elemento coletivo, há a formação de um novo conceito, espaço para edificações com apartamentos, em oposição a do urbanismo.

[[[[[Setor] de Habitações] Coletivas] Áreas] Octogonais] Sul]]  
 [[[[[A ]B ]C ]D ]E ]F ]]  
 [[[[[Ø ]Ø ]Ø ]Ø ] Octogonais] Ø ]]

Neste caso, “se dá num contínuo conceitual que vai do +geral ao +específico”, em que a base ‘setor’ (formativo A) opera o conceito +geral; o argumento ‘de habitações’ (formativo B) reopera o conceito +geral de A; o argumento ‘coletivas’ (formativo C) reopera a base AB; por sua vez, o argumento ‘áreas’ (formativo D) reopera a base ABC, o argumento ‘octogonais’ (formativo E) reopera a base ABCD e o argumento ‘sul’ reopera a base ABCDE, completando, conseqüentemente, o conceito de setor destinado a edifícios residenciais localizado no espaço para 8 condomínios distribuídos em forma hexagonal na região sul do Plano Piloto de Brasília. No entanto, aplicando o princípio de economicidade linguística, verificou-se que a variante mais frequente é **Octogonal**, com o apagamento dos formativos ABCD e F. A sigla SHCAOS é usada em correspondências.

Com a análise do conjuntos de termos, verificou-se processo de variação semelhante ao ocorrido ao **termo Setor de Habitações Coletivas - Áreas Octogonais Sul** a **Setor de Habitações Coletivas Sudoeste**. Alguns formativos do termo, quer dizer, “elemento lexical que compõe uma UTC indissociável, tanto na forma quanto no conteúdo” (Faulstich, 2003, p. 12), no caso, [Setor], [de Habitações] e [Coletivas], foram apagados [Ø] e, como resultado, obteve-se o encurtamento do termo, como representado abaixo.

[[[[[Setor] de Habitações] Coletivas] Sudoeste]]  
 [[[[[A ]B ]C ]D ]]]  
 [[[[[Ø ]Ø ]Ø ] Sudoeste]]

A sigla **SHCSW** pertence a essa mesma família conceitual, como forma variante de Setor de Habitações Coletivas Sudoeste, sem alterar o conceito. Entretanto, a atualização do estudo aponta a preferência para a variante **SHCSW** em correspondências como no outros casos que apresentam variantes em formato de siglas.

No caso do termo **Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos D'água**, seguindo o mesmo procedimento para análise do conceito, obtém-se um parque de natureza ecológica, em que se preza pela interação entre o ser humano e a animais e plantas visando a proteção de ecossistema, em senso comum, para lazer, esportes e atividades culturais. Variante mais frequente Parque Olhos D'água que sofreu o processo do apagamento de formativos, conforme demonstramos a seguir:

```

[[[[[[[Parque] Ecológico] e de Uso] Múltiplo] Olhos] D'água ]]
[[[[[[[A      ] B      ] C      ] D      ] E      ] F      ]]]
[[[[[[[Parque. ] Ø      ] Ø      ] Ø      ] Olhos ] D'água ]]]

```

Além das estruturas urbanas e arquitetônicas, identificou-se variação em esculturas que compõem o patrimônio artístico inseridos na cidade, como é o caso de um dos símbolos da cidade, **Os dois Guerreiros**, de Bruno Giorgi, que possui como variante o termo *Os Candangos*. O conceito da escultura é representar os operários que auxiliaram a construção da Capital, que enfrentaram o clima rude e as difíceis condições trabalho da época. No entanto, a frequência mais expressiva refere-se a variante *Os Candangos*, consagrado pelos brasileiros, como ilustra o enunciado: 'As pessoas gostam de tirar fotos com Os Candangos na Praça dos Três Poderes'.

Em vista dos dados apresentados e dos argumentos expostos, afirma-se que Brasília possui um léxico que a diferencia das outras cidades do país. Do mesmo modo, os estudos no âmbito da Lexicologia e da Terminologia demonstram a relevância das

análises do léxico, uma vez que identificam-se a existência de termo e que estes se diferenciam do léxico comum de uma determinada língua por serem utilizadas em domínio específico. Admite-se, entretanto, que o léxico geral engloba o léxico especializado, ou seja, os termos, e que estes estão sujeitos as mesmas regras de construção de palavras, no sentido mais amplo, e de enunciados, por isso, sujeito a variações linguísticas. Por conseguinte, a criação de siglas, que atende a uma função pragmática e discursiva, detentora de um mesmo referente, seus termos expandidos, classificados como variantes coocorrentes neste estudo. Os dados verificaram ainda que o uso de unidades terminológicas complexas e suas variantes estão sujeitas aos contextos de usos discursivos e a época de histórica. Por isso, entende-se que o tema aqui apresentando precisa continuar sendo estudado, porque é importante para avaliar as mudanças da Capital do Brasil, assim como as mudanças do perfil de seus habitantes.

## 5 Considerações finais

Lucio Costa (1957), responsável pelo projeto urbanístico vencedor para a construção da nova capital do Brasil, fez questão de tornar Brasília em algo singular. Os conceitos que levaram à organização do projeto estavam presentes na estrutura da cidade, porém ainda são desconhecidos por muitos brasileiros, como registra o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN: “A Brasília simples, e pouco entendida” (2007, p.13). Essas características estão sendo estudadas para serem compreendidas, sistematizadas, divulgadas e respeitadas, pois representam uma parte da população brasileira com identidade própria refletida no modo de viver e de falar.

A pesquisa sobre a terminologia do Plano Piloto de Brasília, desenvolvida desde 2009, com revisões em 2018 e 2019, encontrou particularidades no léxico, como os termos e suas variantes que descrevem parte da história contida na vida da Capital. Parte do estudo foi sistematizado em um glossário para os falantes de língua



portuguesa. Entretanto, os visitantes da capital, estrangeiros, surdos e indígenas, ainda, ao se depararem com uma terminologia peculiar, com suas variantes, tentam fazer associações para compreendê-las, mas, muitas vezes, chegam a conclusões equivocadas, cuja consequência é uma desorientação em relação ao meio em que se encontram, havendo dificuldades para esses grupos. Portanto, a continuação dos estudos sobre o léxico, Brasília avançará com a perspectiva de levar esse conhecimento a outras pessoas que não falam a língua portuguesa e assim cumprir uma das funções da pesquisa: a social.

O estudo também demonstra a relevância da Terminologia e que, por seu caráter interdisciplinar, recorreu ao conhecimento da área de urbanismo e arquitetura, acompanhados dos fatos históricos que desencadearam na construção da “Nova Capital” e do comportamento social da cidade ao longo desses anos de existência. Isso revelou uma variação da língua portuguesa e particularidades dos habitantes brasileiros, como pessoas com senso democrático, político e social, que se verificam em conversas cotidianas, jornais da cidade, placas, entre outros como a mudanças das denominações **Ponte das Garças**, **Ponte Costa e Silva** e **Ponte Juscelino Kubitschek**. Entretanto, as variantes **Primeira Ponte**, **Segunda Ponte** e **Terceira Ponte** permaneceram durante o tempo. As variações lexicais englobam siglas, nomes complexos e nomes simples que estão intimamente ligadas ao contexto de uso, por exemplo, a preferência para as siglas em endereçamentos como **SIG**, **SMU** e **SHCES**. Destaca-se ainda que as contribuições da Linguística Computacional e da Linguística de Corpus produziram e seguem produzindo ferramentas úteis para o trabalho com grande acervo textual, permitindo análise de dados para auxiliar estudos. Nesse sentido, merecem ser conhecidas pelo pesquisador do léxico. Afinal, podem auxiliar na elaboração de glossários terminológicos e na descrição de padrões da língua em uso.

Considerando o que foi exposto, para as etapas futuras do estudo se empenhará na elaboração de materiais lexicográficos informatizados, bilingue ou multilíngue, que serão disponibilizados na internet gratuitamente para que a terminologia referente a estrutura urbana e arquitetônica de Brasília esteja disponível às pessoas que se interessarem pelo tema. Além de oferecer esclarecimentos acerca da cidade - patrimônio da humanidade - e promover maior interação entre moradores e visitantes por meio do conhecimento desses termos. O interesse em divulgar esse conhecimento de modo acessível respalda-se na percepção da importância política, econômica, social e cultural da Capital do Brasil que atrai olhares do país e de outros países. O que justifica a necessidade de desenvolver meios que facilite a divulgação das particularidades linguísticas, como o falar do brasiliense, e o sistema urbanístico e arquitetônico de Brasília em outras línguas. Informatizado para atender a demanda de uma sociedade moderna e tecnológica, como um dicionário informatizado, que poderá incluir ferramentas de busca, áudio, vídeos, imagens e configurações, adaptadas para que as informações linguísticas e extralinguísticas disponíveis de modo claro promovendo maior interação entre materiais lexicográficos e consulentes.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, C. Q. **A fala brasiliense**: origem e expansão do uso do pronome tu. (tese de doutorado) Universidade de Brasília, 2015.

ANTHONY, L. **AntConc** (Version 3.5.8) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2019. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software>.

AULETE, C. **Aulete Digital** – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, vs online. Acesso em: 03 ago. 2019.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Editora Manole. 2004.

CABRÉ, M. T. **La terminologia**. Teoria, metodología, aplicaciones. Editora Antártida/Empúries. Barcelona, 1993.

CAFÉ, L. Terminologia: aplicação do (re)modelo de Simon Dik. In: FAULSTICH, E., ABREU, S. P. de (org.). **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia**: cooperação internacional: Brasil e Canadá/ UFRGS, Instituto de Letra, Nec, Porto Alegre, 2003.

COSTA, L. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**, 1957. Disponível em: [www.sucar.df.gov.br/DIRON/Arquivos/DREAEP/Codigo de Edificacoes/Relator Bs b.doc](http://www.sucar.df.gov.br/DIRON/Arquivos/DREAEP/Codigo de Edificacoes/Relator Bs b.doc)). Acesso em: 20 jun. 2019.

CAÑAS, A. J.; HILL, G.; CARFF, R. *et al.* In *Concept Maps: Theory, Methodology, Technology*, Proceedings of the First International Conference on Concept Mapping, Pamplona, Spain (September 14-17, 2004), Editorial Universidad Pública de Navarra. Disponível em: <https://cmap.ihmc.us>.

FAULSTICH, E. L. de J. **Metodologia para projeto terminográfico**. UnB/IBICT. Brasília, 1990.

FAULSTICH, E. L. de J. Rede de remissivas de um glossário terminológico. **Terminologia**: Cadernos do I. L. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nº 10. Porto Alegre, 1993.

FAULSTICH, E. L. de J. Base metodológica para pesquisa em socioterminologia. **Revista Vozes**, 1995.

FAULSTICH, E. L. de J. Da linguística histórica à terminologia. **Revista Investigações Linguística e Teoria Literária**. Ed. Universitária. V. 7, set., p. 71-101. Recife, 1997.

FAULSTICH, E. L. de J. Princípios formais e funcionais de variação em terminologia. **SEMINÁRIO DE TERMINOLOGIA TEÓRICA**, Barcelona, 28-29 de janeiro, 1999.

FAULSTICH, E. L. de J. **Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários**. Brasília: LIV/UnB/ Centro Lexterm, 2001.

FAULSTICH, E. L. de J. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. I: FAULSTICH, E., ABREU, S. P. de (org.). **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia**: cooperação internacional: Brasil e Canadá. UFRGS, Instituto de Letra, Nec. Porto Alegre, 2003.

FERRARI, C. **Dicionário de Urbanismo**. Editora Disal. São Paulo, 2004.

HOUAISS, A. **Elementos de bibliologia**. Rio de Janeiro. Instituto nacional do livro – MEC, 1967.

ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, M. P. P. de. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2a ed. Campo Grande, Ms: ed. UFMS, 2001.

IPHAN/ 15a Superintendência Regional. **Plano Piloto 50 anos: cartilha de preservação**. Brasília, 2007.

KOCH DELGADO, H. O. K. **Proposta de uma didática de tradução de linguagens especializadas para licenciando em língua inglesa**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LENCI, A. **Testo e computer: elementi di linguistica computazionale**. Carocci, 2019.

MAIA-PIRES, F. de O. **Brasília em termos: um estudo lexical do Plano Piloto**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MAIA-PIRES, F. **Glossário do Plano Piloto de Brasília: entre siglas e conceitos**. Editora Porto, São Paulo, 2018.

SARGE, L. C. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminologia**. Trad. del inglés, Laura Chumillas Moyá. Fundación Germán Sanchez Ruipéres, Madri, Pirámide, 1993.

VIEIRA, R.; LIMA, V. L. **Linguística computacional: princípios e aplicações**. JAIA – ENIA, Fortaleza, 2001.

Artigo recebido em: 04.05.2020

Artigo aprovado em: 01.07.2020

## Neologismos em áreas de especialidade: descrição baseada em um *corpus* de revistas femininas

### Neologisms in specialized areas: description based upon a female magazine *corpus*

Elvirley Freires Rodrigues de OLIVEIRA\*  
Rafael Dias MINUSSI\*\*

---

**RESUMO:** Os neologismos têm uma forte ligação com a inovação e a criatividade. Os mecanismos de criação e inovação permitem o surgimento de novos vocábulos e não raro este fenômeno surge primeiramente em áreas de especialidade para então passar a fazer parte do vocabulário comum, embora o contrário também ocorra. Este artigo busca descrever a produtividade neológica e, para isso, lançamos mão da análise semiautomática de um *corpus* de pesquisa, a fim de realizar uma descrição, classificação e quantificação da neologia (neologismo, estrangeirismo e empréstimo linguístico) em relação às áreas de especialidade, tomando como base no *corpus* de pesquisa composto por revistas voltadas para o público feminino. Como resultado da pesquisa, destacamos que o fenômeno linguístico mais produtivo em termos absolutos na amostra estudada foi o estrangeirismo com 58% do total. Por sua vez, encontramos um número reduzido de empréstimos linguísticos, perfazendo 4% do total da amostra.

---

**ABSTRACT:** Neologisms have a strong connection with innovation and creativity. The mechanisms of creation and innovation allow the raise of new vocables and not rare this phenomenon emerges firstly in areas of specialization and then pass becomes part of ordinary vocabulary, even though the opposite occurs too. This article seeks to describe neological productivity and, for this, we lay hand of semi-automatic analysis of a research *corpus*, in order to perform a description and classification of neology (neologism, foreignism and linguistic loan) in relation to the areas of specialty based on a research *corpus* composed of magazines aimed at the female audience. As a research result, we highlight that the linguistic phenomena most productive in absolute terms in the studied sample was the foreignism with 58% of the total. In its turn, we found a reduced number of linguistic loans, making 4% of the sample.

---

---

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal de São Paulo pelo programa de pós-graduação em Letras da EFLCH-UNIFESP (2020). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0003-2016>. [elvirley@gmail.com](mailto:elvirley@gmail.com).

\*\*Professor Adjunto do departamento de Letras da UNIFESP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4103-8796>. [rafael.minussi@unifesp.br](mailto:rafael.minussi@unifesp.br)

---

<b>PALAVRAS-CHAVE:</b> Neologismo. Estrangeirismo. Empréstimo linguístico. Inovação Lexical. Criação lexical.	<b>KEYWORDS:</b> Neologism. Foreignism. Linguistic loan. Lexical innovation. Lexical creation.
---	--

---

## 1 Introdução

O léxico, segundo Morato (2012, p. 11), é a parte da língua responsável pelo aprendizado constante, uma espécie de banco de dados que é alimentado desde o início da aquisição da linguagem até o fim da vida. Segundo pesquisa feita em 2014, de acordo com Greco (2014), o conteúdo de informação gerado digitalmente dobra a cada dois anos. De acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>1</sup>, houve um crescimento de 16% na circulação dos meios impressos no Brasil entre 2004 e 2010. Outra pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Editores de Revistas (ANER)<sup>2</sup>, de 2015, aponta que o público brasileiro de revistas era cerca de 67 milhões.

Diante desses números, um estudo baseado em um *corpus* composto por revistas femininas se mostra pertinente, uma vez que há um percentual elevado de pessoas que tem contato com esse tipo de mídia.

O objetivo amplo deste artigo, que tem como estímulo a discussão proposta por Carvalho (2006, p. 192), consiste em discutir a neologia num âmbito mais geral. De modo mais específico, apontaremos as ocorrências de novos vocábulos, tendo como base o *corpus* de pesquisa, identificando a frequência destas ocorrências, listando os vocábulos e os submetendo a um *corpus* de exclusão e, em caso da não ocorrência no *corpus* de exclusão, identificar o significado destes novos vocábulos.

Também foi realizada a análise do processo de formação destes novos vocábulos, apontando quais os processos e os tipos de formação neológica,

---

<sup>1</sup> Dados disponíveis em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/230/pmc\\_2010\\_dez.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/230/pmc_2010_dez.pdf)

<sup>2</sup> Dados disponíveis em: [https://aner.org.br/wp-institucional/wp-content/uploads/2014/05/Factbook\\_2015\\_Site-FINAL.pdf](https://aner.org.br/wp-institucional/wp-content/uploads/2014/05/Factbook_2015_Site-FINAL.pdf)

estrangeirismo ou empréstimo linguístico mais produtivos dentre as ocorrências e classificá-los de acordo com sua morfologia. Dos vocábulos adquiridos por empréstimo e os estrangeirismos, foi realizada também a análise quanto ao idioma de origem, e de todos os vocábulos a qual categoria terminológica, ou seja, a qual área de especialidade eles pertencem. Desse modo, pretendemos responder algumas perguntas: (i) Como se formam os novos vocábulos? (ii) Quais são os processos típicos de produção e criação lexicais? E (iii) Quais são os mais utilizados em determinadas áreas de especialidade? Para tanto, utilizaremos um *corpus* formado por revistas femininas, que será detalhado mais adiante no artigo.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: (i) introdução, na qual são apresentadas as questões e os objetivos discutidos; (ii) pressupostos teóricos, em que serão baseadas e direcionadas as pesquisas, (iii) metodologia utilizada para este estudo e a definição sobre o *corpus*, (iv) resultados da pesquisa.

No caso deste estudo, estas respostas se darão sobre publicações femininas.

## 2 Pressupostos teóricos

O idioma ou língua pertence e é utilizado por um grupo de pessoas como instrumento social. Segundo Alves (1984, p. 125), o elemento neológico é parte da língua e sua ratificação é dada pela aceitação da sociedade em que está inserido por meio do uso efetivo nessa comunidade, não podendo se determinar que uma unidade lexical pode ou se será ou não aceita nesse meio. Cumprindo-se essa condição, o elemento neológico geralmente é incluído em um dicionário, que é o critério final pelo qual o neologismo é integrado ao léxico de uma determinada língua.

Ao entrar em contato com povos diferentes, trocando informações, fazendo alianças, travando guerras, estando em regiões longínquas, conhecer e experimentar novos hábitos, produtos e fenômenos não existentes em sua terra natal, não adotar vocábulos da língua estrangeira ou deixar de adaptar vocábulos da própria língua para

acompanhar o crescimento da percepção de mundo que esse intercâmbio causa pode ser uma tarefa difícil. Conforme Faraco (2007, p. 14):

Em outras palavras as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. E é essa dinâmica que constitui o objeto de estudo da linguística histórica.

Contemporaneamente, a presença da internet tem facilitado o fim das fronteiras temporais e geográficas. De acordo com Branco (2011, p. 237): “As fronteiras geográficas foram enfraquecidas e os povos e línguas estão, pelo menos aparentemente, mais próximos uns dos outros”.

O estudo dos neologismos tem uma ligação muito forte com as modificações do mundo exterior e com as disciplinas extralinguísticas, além de testemunhar a criatividade e a informatividade dos lexemas, o que o torna cada vez mais atraente e atual, conforme Carvalho (2006, p. 192).

Ainda segundo Carvalho (2006, p. 192), o neologismo é indissociável da mudança das tendências que têm necessidade de ser nomeadas do ponto de vista linguístico. Estando ele, o neologismo, ligado às correntes atuais da política, economia, da cultura, da tecnologia e da sociedade em geral, vivendo um papel sobretudo social, “*A novidade das coisas ou dos conceitos precede a novidade dos meios de expressões*”, diz Boulanger (1979, p. 54). Deste modo, se assegura a continuidade da comunicação verbal entre os homens, comunicação que é a função da língua.

Historicamente, toda palavra já foi, um dia, nova, ou seja, em dado momento passou a fazer parte de uma comunidade linguística. É o reconhecimento do estado de uma língua que faz com que o reconhecimento intuitivo do caráter de novidade de certas palavras esteja implicado. Algumas se encontram em uma condição provisória pois ainda pertencem à fala, mas ainda não à língua.



Nesse processo de ampliação lexical, podemos distinguir dois processos: a criatividade lexical e a produtividade lexical.

A competência do falante para ampliar e modificar conscientemente o sistema linguístico é definida como “criatividade”. Ela acontece por meio do uso de metáforas motivadas, segundo o proposto por Lyons (1977, p. 77), por princípios de abstração e comparação imprevisíveis.

O principal modo pelo qual se manifesta essa criatividade é por meio de processos deformacionais de construção de palavras, pelos quais acontecem mudanças estruturais na morfologia, segundo Correia (2003, p. 5). Geralmente, esses processos implicam em um desrespeito à unidade fonológica da fonte, além de se encontrarem, normalmente, associados à construção de significados mais enunciativos do que propriamente referenciais.

A produtividade, por sua vez, determina a capacidade inerente ao próprio sistema linguístico que permite a construção de palavras por processos interiorizados (aplicados normalmente de modo inconsciente) e sistemáticos, de acordo com Correia (2003, p. 4).

Essa produtividade, manifestada pelo processo de formação de palavras, é responsável pela expansão lexical, garantindo a eficiência em grau máximo do sistema, diz Basilio (2011, p. 8). Esta eficiência produtiva se dá em função de o processo de formação se constituir de fórmulas padronizadas de construção de novas palavras a partir de material já existente no léxico. Assim, conseguimos, por esses padrões, captar ou formar a estrutura de palavras, e adquirir outras que já existiam, mas que não conhecíamos anteriormente.

A fim de realizar a classificação dos vocábulos, frutos da criatividade, faremos, na sequência, uma breve descrição das três categorias de classificação utilizadas aqui para os fenômenos neológicos pesquisados. Ainda que todos eles façam parte de uma única corrente processual, destacamos que a classificação utilizada aqui não significa

uma separação absoluta, visto que os três são fenômenos de inovação e criação lexical englobados todos na neologia, mas que significam fases ou etapas do processo neológico.

O primeiro é o neologismo vernáculo, aqui tratado simplesmente como neologismo, que se caracteriza pelo aparecimento de novos vocábulos na língua ou pela reutilização desses de acordo com as regras do sistema linguístico do Português.

Essas novas formações ajudam no desenvolvimento do léxico e, em grande parte, baseiam-se em palavras que já existem e fazem parte da competência do falante nativo.

Esses novos vocábulos são, do mesmo modo, consequência da criatividade humana em outros campos resultantes da criatividade linguística. Oferecer novos conceitos sobre o mundo, universo e acompanhar a evolução humana são os objetivos dos neologismos criados no setor artístico, científico e tecnológico, conforme Carvalho (2006, p. 194).

O segundo a fazer parte de nosso estudo é o empréstimo linguístico, que se dá pelo uso de um vocábulo de origem em outro idioma, com adaptações ao idioma receptor. Geralmente não percebemos essas palavras como palavras estrangeiras, pois elas já estão inseridas no corpo da língua receptora, por exemplo, alguns nomes esportivos como *futebol* e *voleibol*.

É por meio dessa incorporação ao idioma receptor e das adaptações feitas que os vocábulos estrangeiros perdem essa condição e não os percebemos mais como tal. Caso permaneça sendo escrito na sua forma de origem, será sempre sentido como elemento estranho ao sistema linguístico, quanto à sua forma escrita e o seu visual, segundo Carvalho (2009, p. 57).

O terceiro tipo é o estrangeirismo, que ocorre quando há a utilização de vocábulo de origem em outro idioma na sua forma original. Apesar de o estrangeirismo e o empréstimo linguístico serem fases de um mesmo processo, como

são distintos e quantificáveis, serão tratados separadamente em nosso estudo. Além disso, o *corpus* utilizado nos mostra essa possibilidade de tratamento.

De acordo com Alves (2007, p. 73), conseguimos facilmente encontrar o estrangeirismo em vocabulários técnicos (esportes, economia, informática). É comum também em publicidade e colunismo social. Por vezes, o emissor, ao utilizar um estrangeirismo, tem consciência de que ele poderá não ser compreendido pelos seus receptores, por isso, nesses contextos, essa palavra estrangeira pode aparecer acompanhada de tradução ou até mesmo de uma definição de seu significado em alguns casos.

Como vimos, em razão da quantidade de informações vindas de diversas partes do globo e em volumes cada vez maiores e nas mais variadas mídias, um estudo que busque fazer a descrição e análise de novos vocábulos em uma mídia como, por exemplo, um *corpus* composto por revistas femininas, concorre para a reflexão sobre quais são os processos de criação e variação lexical que mais têm contribuído para a renovação da língua. Na próxima seção, apresentaremos a metodologia utilizada para formação e seleção do *corpus* que será descrito e analisado.

### 3 Metodologia

Nosso *corpus* foi composto por exemplares de revistas Claudia (Editora Abril) e Marie Claire (Editora Globo), ambas voltadas ao público feminino.

Foram utilizados exemplares de ambas as revistas compreendendo, em sua maioria, edições do ano de 2017 e 2018, sendo 16 exemplares da revista Claudia e 9 da revista Marie Claire.

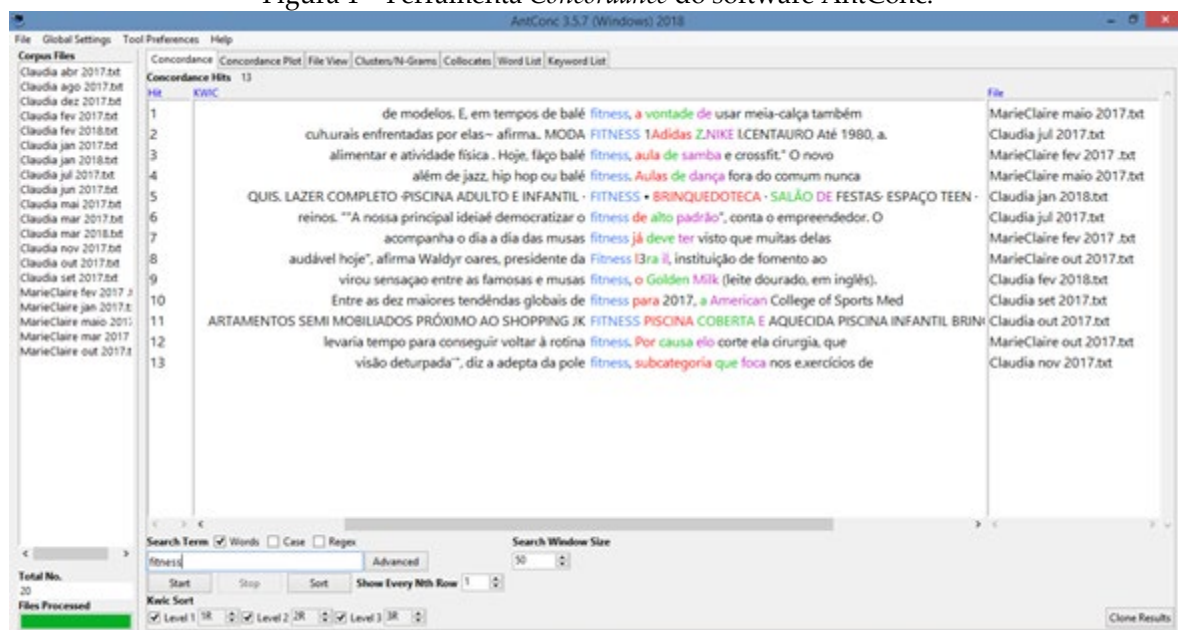
Os exemplares foram digitalizados utilizando o formato Optical Character Recognition (OCR) [Reconhecimento Óptico de Caracteres]. Assim, foi possível o uso do software de análise linguística AntConc.

Com essa tecnologia, pudemos fazer a análise semiautomática dos textos com o auxílio do software AntConc 3.5.7, por meio de sua ferramenta *Word List* — que permitiu a listagem por número decrescente de ocorrências das palavras do texto. Esse passo se baseou no proposto por Leech (2011, p. 157), que indica que a análise semiautomática traz à luz fenômenos que não podem ser percebidos ordenadamente de forma comum.

Finalizando a etapa de listagem, usamos a ferramenta *Concordance* do AntConc, que permitiu a análise dos vocábulos em seus contextos e a verificação de seus usos na língua, além da comparação desses usos com as definições dicionarizadas dos vocábulos, quando disponíveis, conforme a Figura 1. Na etapa anterior ao cotejamento dos vocábulos selecionados nos dicionários, excluímos os vocábulos que estavam sendo utilizados como nome de marcas, produtos e lugares.

Em seguida, fizemos uma planilha com os vocábulos e realizamos o cotejamento em três dicionários online: Aulete online, Michaelis online e Houaiss online, que formaram nosso *corpus* de exclusão.

Figura 1 – Ferramenta *Concordance* do software AntConc.



Fonte: captura da tela do estudo elaborado pelos autores.

Os vocábulos que não constaram no *corpus* de exclusão passaram a fazer parte dos dados que serão apresentados e analisados no presente artigo. Na próxima seção, descreveremos os resultados encontrados nas análises quantitativa e qualitativa.

#### 4 Resultados

Conforme os passos descritos na parte sobre a metodologia, apresentaremos a seguir a análise dos dados coletados nas revistas.

Conseguimos listar, por meio do uso do AntConc, um total de 81.768 palavras presentes no *corpus*. Em seguida, foram listados na planilha, por meio de busca individual, 513 registros para este estudo e, então, foi realizado o cotejamento em nosso *corpus* de exclusão, onde 244 vocábulos continuaram no estudo.

Tomando como base a área de especialidade a que cada vocábulo está relacionado, chegamos ao resultado mostrado na tabela a seguir:

Tabela 1 – Áreas de especialidade dos fenômenos linguísticos e suas ocorrências.

Fenômenos por área				
	Neologismo	Estrangeirismo	Empréstimo	Total
Beleza	23	31	2	56
Casa	1	0	0	1
Comportamento	25	14	3	42
Culinária	8	19	0	27
Entretenimento	3	11	1	15
Esporte	0	7	0	7
Moda	6	27	1	34
Saúde	11	4	0	15
Tecnologia	3	12	2	17
Trabalho	12	18	0	30
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>143</b>	<b>9</b>	<b>244</b>

Fonte: elaborada pelos autores.

Na Tabela 1, podemos observar os números mais amplos e as seções das revistas: beleza, casa, comportamento, culinária, entretenimento, esporte, moda, saúde, tecnologia e trabalho. Essas seções foram escolhidas porque é possível

identificá-las nas duas revistas que fazem parte do *corpus*. A revista *Claudia* surgiu nos anos 1960 com a proposta de trazer para as mulheres temas pertinentes a esse público. Ela aborda temas do cotidiano feminino como trabalho, casa, moda, cozinha e vida em família. A revista *Marie Claire* é de origem francesa. Ela é editada desde a década de 1930 e distribuída em 26 países e desde 1991 no Brasil. Assim como a revista *Cláudia*, a revista *Marie Claire* também transita pelas áreas de moda, trabalho, casa, beleza e cozinha, trazendo as mais novas tendências e novidades dessas áreas. Essas publicações também têm uma tiragem expressiva média de 175 mil exemplares, tendo uma penetração abrangente, uma vez que um exemplar pode ser lido por mais de uma pessoa e fica disponível em diversos ambientes, desde casa até recepções por um período de tempo considerável. Podemos observar ainda que as áreas de especialidades de beleza, comportamento e moda concentram o maior número de neologismos.

Continuando a análise, conforme o proposto, realizamos a classificação dos vocábulos quanto ao tipo de fenômeno linguístico. Foram encontrados, de acordo com essa divisão, 92 neologismos, 9 empréstimos e 143 estrangeirismos, sendo esse então o fenômeno mais produtivo na área de renovação lexical, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Tipos de fenômenos linguísticos e suas ocorrências



Fonte: elaborada pelos autores.

Ao relacionar as áreas de especialidades e os fenômenos linguísticos encontrados, notamos que, entre os estrangeirismos, a área que produziu mais vocábulos foi beleza, com 31 vocábulos; levando-se em conta apenas esta área, o vocábulo que teve maior número de ocorrência foi *frizz* (característica do cabelo que fica meio arrepiado, destoando dos demais fios, eriçado), encontrado 16 vezes no *corpus*.

Quando levamos em conta somente os neologismos, a área com maior número de vocábulos foi a de comportamento, com 25 vocábulos, sendo em sua maioria hápax (vocábulos que aparecem uma única vez em todo o *corpus*). O único vocábulo dentre os encontrados com mais de uma ocorrência é o vocábulo *autocuidado*, o qual foi encontrado duas vezes.

Nesta pesquisa foi possível fazer uma análise quanto à formação dos vocábulos encontrados, conforme a tabela abaixo:

Tabela 2 – Tipos de formação dos fenômenos linguísticos.

<b>Tipos de formação dos neologismos</b>	
Base Simples	1
Conversão	2
Composição híbrida	2
Derivação prefixal	83
Truncamento	3
Sint. Preposicional	1
<b>Tipos de formação dos estrangeirismos</b>	
Base Simples	112
Sintagma nominal	31
<b>Tipos de formação dos empréstimos</b>	
adaptação fonológica	1
Composição	2
Derivação prefixal	4
Derivação sufixal	2

Fonte: elaborada pelos autores.

Sobre os tipos de formação, fizemos a seguinte classificação tipológica.

Foram classificados como formação de base simples os vocábulos formados por elemento único (ex.: *zika* e *fresh*). Por sua vez, foram consideradas como conversão os vocábulos que aparentam ser de formação espontânea (criação): exemplo *curvex*. Classificamos como sintagma nominal os vocábulos compostos por mais de um elemento formando uma unidade de sentido (ex.: *food truck*). Consideramos como composição híbrida a junção em vocábulos compostos ou derivados de elementos de idiomas diferentes (ex.: *minishort*). Como derivação prefixal, classificamos os vocábulos que ocorrem pela união de um prefixo à base conferindo-lhe vários significados, como grandeza, exagero, oposição etc. (ex.: *antiage*, *autocuidado*). Entendemos por truncamento (SCHER, 2011, p. 64-65) o processo de formação de palavra que se dá por meio de um tipo de abreviação, em que uma parte da sequência lexical, geralmente a final, é eliminada (ex.: *celebs*, *detox*), conforme Alves (2007, p. 68). Também foram classificados os vocábulos como adaptação fonológica, isto é, aqueles que tiveram algum tipo de adaptação ao sistema fonológico do português em comparação com o vocábulo no idioma de origem (ex. *glamurosos*, vs. *glamourosos*<sup>3</sup>). Classificamos como composição os vocábulos formados pela junção de mais de um vocábulo (ex.: *millennialmania*, que é a junção de *millennial* e *mania*). Por fim, também foram classificados como derivação sufixal os vocábulos formados pelo acréscimo de um sufixo do português ao vocábulo de origem, (ex.: *hackeados*, em que foi acrescentado a terminação *-ados*).

Voltando a tratar dos resultados da pesquisa relacionados às áreas de especialidade, vimos que entre os neologismos, a área de especialidade que mais produziu vocábulos foi a de comportamento, com 25 vocábulos. Fazendo uma análise

---

<sup>3</sup> Um dado curioso é que no *corpus* de exclusão foi encontrada a variante *glamouroso*, porém como o estudo é feito nos vocábulos encontrados de acordo com a ocorrência nas revistas, mantivemos na contagem.



da classe gramatical desses vocábulo, tivemos um total de 75 adjetivos, 15 substantivos, 1 verbo e 1 sintagma preposicional (preposição + pronome).

Em relação aos estrangeirismos, a área que teve maior número de vocábulo foi beleza, com 31 ocorrências. No entanto, diferentemente dos neologismos, a categoria gramatical com maior número de vocábulo foi a dos substantivos, com 111 ocorrências. Somando todas as áreas de especialidade, tivemos 31 adjetivos e 1 verbo. Do total de empréstimos linguísticos, temos beleza e tecnologia como áreas com mais vocábulo (2 para cada) e houve um número igual de substantivos e adjetivos no total (4 cada) e 1 verbo. Disponibilizamos na sequência, as tabelas detalhadas das áreas de especialidade separadas por fenômeno neológico.

Tabela 3 – Ocorrências de neologismos por área.

	Neologismo				
		Adj	Subst	Verbo	Prep+ pron
Beleza	23	21	2	0	0
Casa	1	1	0	0	0
Comportamento	25	22	2	0	1
Culinária	8	6	2	0	0
Entretenimento	3	2	1	0	0
Esporte	0	0		0	0
Moda	6	5	1	0	0
Saúde	11	5	5	1	0
Tecnologia	3	2	1	0	0
Trabalho	12	11	1	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>	<b>75</b>	<b>15</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Fonte: produzida pelos autores.

Tabela 4 – Ocorrência de estrangeirismos por área.

		<b>Estrangeirismo</b>		
		Adj	Subst	Verbo
Beleza	31	9	21	1
Casa	0	0	0	0
Comportamento	14	3	11	0
Culinária	19	2	17	0
Entretenimento	11	2	9	0
Esporte	7	1	6	0
Moda	27	10	17	0
Saúde	4	2	2	0
Tecnologia	12	2	10	0
Trabalho	18	0	18	0
<b>TOTAL</b>	<b>143</b>	<b>31</b>	<b>111</b>	<b>1</b>

Fonte: produzida pelos autores.

Tabela 5 – Ocorrência de empréstimos linguísticos por área.

		<b>Empréstimo</b>		
		Adj	Subst	Verbo
Beleza	2	0	2	0
Casa	0	0	0	0
Comportamento	3	0	2	1
Culinária	0	0	0	0
Entretenimento	1	1	0	0
Esporte	0	0	0	0
Moda	1	1	0	0
Saúde	0	0	0	0
Tecnologia	2	2	0	0
Trabalho	0	0	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>1</b>

Fonte: produzida pelos autores.

## 5 Considerações finais

Em nossa pesquisa, por meio de um *corpus* baseado em revistas femininas, buscamos descrever como se formam novos vocábulos, quais são os processos de produção e criação lexicais mais frequentes e quais são os mais utilizados em cada uma das áreas de especialidade encontradas.

Como vimos, o fenômeno linguístico mais produtivo em termos absolutos na amostra estudada foi o estrangeirismo, com 58% do total. Entre os estrangeirismos, o processo de formação de palavras mais recorrente foi a adoção de vocábulos de base simples, com 112, perfazendo 78% do total encontrado.

Encontramos um número considerável de neologismos, cerca de 38%. O processo de produção com mais ocorrências dentre os neologismos foi a derivação prefixal, com 83 ocorrências, correspondendo a 91% da amostra dos neologismos.

Por sua vez, encontramos um número reduzido de empréstimos linguísticos, 4% do total da amostra. Uma possível justificativa para essa diferença em relação aos demais fenômenos pode estar no fato de que os empréstimos já foram integrados ao sistema linguístico, isto é, já passaram por adaptação ortográfica e já foram dicionarizados.

Sobre o número de ocorrências por área de especialidade, temos como ponto de interesse a inversão de número de ocorrências entre os estrangeirismos, que tiveram maior número de ocorrência de substantivos (111 ocorrências nos empréstimos contra 31 de adjetivos, perfazendo 77% e 22%, respectivamente). Entre os neologismos por sua vez, houve um maior número de adjetivos (75 adjetivos para 15 substantivos, 82% e 16%, respectivamente). Essa diferença entre o número de substantivos e adjetivos pode ser explicada pela forma de utilização de cada um desses fenômenos. O valor semântico agregado que o uso dos adjetivos, como por exemplo os vocábulos *multibenefícios* ou *superatual*, dá aos seus substantivos é um estímulo para o aparecimento de um número maior desses adjetivos entre os neologismos. O papel de determinante realizado pelos adjetivos encontrou uma forma de produção e criação produtiva por meio do processo de derivação prefixal, como podemos observar nos exemplos citados. A quantidade de prefixos disponíveis em português (na amostra, foram encontrados os prefixos: anti, micro, multi, pós, pró, semi, super e ultra) colabora, por outro lado, para a criação desta categoria gramatical. Podemos ressaltar,

ainda, que a maior presença de adjetivos prefixados parece conferir ao novo vocábulo uma propriedade diferenciada, o que no caso dos adjetivos o qualifica, ou modifica, como algo único ou exclusivo, uma propriedade muito positiva no caso de produtos, serviços e conceitos, que são comuns nas publicações estudadas.

Quanto aos estrangeirismos, os dados indicam que a classe gramatical com maior número de ocorrências é a classe dos substantivos. Esse fato parece ocorrer porque os estrangeirismos são importados geralmente com o conceito, tecnologia ou função para os quais foram originalmente criados na sua língua de origem. Desse modo, a classe dos substantivos é a classe usada para a nomeação dos objetos, conceitos e coisas do mundo.

Finalizando a reflexão e retomando os dados mostrados na Tabela 4, vimos que as áreas com maior concentração de substantivos dentre os estrangeirismos são beleza e moda. Não por acaso, essas são as seções das revistas que trazem muitas novidades e técnicas que são importadas de outros países, como podemos observar pelas ocorrências de alguns vocábulos como *crossfit*, *likes* e *mindfulness*.

### Referências Bibliográficas

ALVES, I. M. A Integração dos Neologismos por Empréstimo ao Léxico Português. *Alfa*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 119-126, 1984. Trimestral.

ALVES, I. M.. **Neologismo Criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007. 93 p. (Princípios).

BALVERDU, A. M. **Comunidade booktube como alternativa de incentivo à leitura**. 2014. 53 f. Monografia (Especialização) – Curso de Biblioteconomia, Ciências de Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/112194>. Acesso em: 22 abr. 2020.

BASÍLIO, M. **Formação e Classe de Palavras no Português do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2011. 87 p.

BOULANGER, J. -C. Néologie et terminologie. **Néologie en Marche**, v. 4, p. 5-128. 1979.

BRANCO, S. O. Diferenciais de poder e o empréstimo linguístico em traduções no Brasil. **Antares: Letras e Humanidades**, Campina Grande, v. 3, n. 6, p. 236-250, jul. 2011. Semestral.

CARVALHO, N. M. A criação neológica. **Trama**, Marechal Rondon, v. 2, n. 4, p. 191-203, jul. 2006. Quadrimestral.

CARVALHO, N. M. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 96 p.

CORREIA, M. Criatividade e inovação terminológica. Novos desafios. **Colóquio Internacional: A neologia científica: balanço e perspectivas**. União Latina. 2003. 12 p. Disponível em: [http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/9998-mcorreia-criatividade\\_inovacao\\_terminologica.pdf](http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/9998-mcorreia-criatividade_inovacao_terminologica.pdf). Acesso em: 21 abr. 2020.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2007. 216 p.

FREITAS, R. Criação lexical: a produtividade da neologia semântica na fala do brasileiro. **Travessias: Pesquisas em educação, cultura, linguagem e artes**, Cascavel, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3044/2390>. Acesso em: 15 mar. 2019.

GRECO, M. Conteúdo digital dobra a cada dois anos no mundo: Se todo conteúdo digital do mundo fosse armazenado em iPads, eles formariam uma pilha com altura igual a dois terços da distância entre a Terra e a Lua. **Exame**, São Paulo, p. 1-10, 9 abr. 2014. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/conteudo-digital-dobra-a-cada-dois-anos-no-mundo/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

LEECH, G. Principles and applications of *corpus* linguistics. In: VIANA, V.; ZYNGIER, S.; BARNBROOK, G. (org.). **Perspectives on corpus linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. Cap. 10. p. 155-170.

LYONS, J. **Semantics 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. 385 p.

MORATO, R. M. A. **Neologismos e desenvolvimento da competência lexical, a partir de Querô, uma reportagem maldita**. Universidade Federal de Minas Gerais. 2012. 101 p.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2007. 278 p.

SCHER, A. P. Formas Truncadas em Português brasileiro e Espanhol Peninsular: Descrição Preliminar. **Revel**. Ed. 5., 276 p., 2011. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_5\\_formas\\_truncadas\\_em\\_portugues\\_brasileiro\\_e\\_espanhol\\_peninsular.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_formas_truncadas_em_portugues_brasileiro_e_espanhol_peninsular.pdf). Acesso em: 30 mar. 2018.

Artigo recebido em: 09.05.2020

Artigo aprovado em: 04.08.2020

## Apresentação do dicionário multilíngue de termos do setor feirístico: português, inglês, francês e italiano<sup>1</sup>

### Presentation of the multilingual dictionary of terms of the trade show sector: Portuguese, English, French and Italian

Ariane Dutra Fante GODOY\*

**RESUMO:** O setor feirístico tem grande relevância no cenário econômico nacional e internacional, pois fomenta o intercâmbio de contatos comerciais e novos negócios e está em constante expansão. Ainda que seja uma área forte no Brasil e no mundo, não se encontram disponíveis no mercado materiais terminográficos para os profissionais envolvidos nesse setor (expositores, empresas organizadoras de feiras, promotoras, visitantes, intérpretes e tradutores). Para preencher essa lacuna, considerando a importância da participação em feiras de negócios para o crescimento da economia interna e a expansão das exportações, o objetivo geral deste trabalho é identificar a terminologia multilíngue do domínio das feiras com o objetivo específico de elaborar um dicionário terminológico unidirecional do português para o inglês, o francês e o italiano de termos desse setor. Para tanto, baseamo-nos nos conceitos da Teoria Comunicativa da

**ABSTRACT:** The trade show sector has great relevance in the national and international economic scenario, as it foment the exchange of commercial contacts and new businesses and it is constantly expanding. Although it is a strong area in Brazil and abroad there are not terminographic materials available on the market for the use of professionals involved in this industry (exhibitors, trade show organizers, promoters, visitors, interpreters and translators). To fill this gap, considering the importance of participating in trade shows for the growth of the domestic economy and the expansion of exports, the overall aim of this research is to analyze the terms of this sector, with the specific goal of compiling an unidirectional terminological dictionary from Portuguese to English, French and Italian. The study is based on the Communicative Theory of Terminology (CABRÉ, 1993, 1999), Terminological Equivalence (DUBUC, 1985, 1992), Terminological Variation

<sup>1</sup> O presente artigo é um recorte da tese de doutorado intitulada *Dicionário multilíngue de termos do setor feirístico: português, inglês, francês e italiano* defendida em 2019 junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), sob orientação da Profa. Dra. Adriana Zavaglia e apoio financeiro da FAPESP, Processo nº. 2015/06562-6.

\* Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (FFLCH/USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4589-3995>. [ariane.fante@gmail.com](mailto:ariane.fante@gmail.com).

Terminologia (CABRÉ, 1993, 1999), Equivalência Terminológica (DUBUC, 1985, 1992), Variação Terminológica (FAULSTICH, 1998, 2001) e Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004); reunimos *corpora* de estudo nas 4 línguas (guias e manuais do expositor); fizemos o levantamento dos candidatos a termo com o auxílio da *WordSmith tools* (MIKE SCOTT, 2012), elencando-os em fichas terminológicas criadas por meio da ferramenta *SDL MultiTerm* (2017). Os 311 termos estudados em cada língua foram analisados em seus contextos de uso e os ganchos terminológicos levantados para o estabelecimento das equivalências. Para este artigo, apresentamos as etapas metodológicas, o método de estabelecimento de equivalências, a macro e microestrutura e modelos de verbetes e informações numéricas acerca do dicionário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Setor Feirístico. Terminografia. Equivalência Terminológica. Variação Terminológica. Linguística de *Corpus*.

(FAUSTICH, 1998, 2001) and *Corpus Linguistics* (BERBER SARDINHA, 2004). To develop this work, we gathered corpora in the four languages (guides and manuals for exhibitors). To collect the terms *WordSmith tools* (version 6.0) developed by Mike Scott (2012) was used and the terms were stored in terminological records created from *SDL MultiTerm* (2017). The 311 terms studied in each language were analyzed in their contexts of use and terminological links used in the establishment of equivalences. For this article we present the methodological steps, the method used for the establishment of equivalences, the macrostructure and microstructure, models of entries, as well as numerical information about the dictionary.

**KEYWORDS:** Trade Show Sector. Terminography. Terminological Equivalence. Terminological Variation. *Corpus Linguistics*.

## 1 Introdução

O setor feirístico desempenha um importante papel no cenário econômico nacional e internacional. Assim, quando uma empresa decide internacionalizar sua marca, faz-se necessário apresentar e expor seus produtos e serviços em feiras de negócios no exterior, o que constitui o primeiro passo em direção à atividade de exportação. Até mesmo para a expansão de negócios no mercado interno, a exposição de produtos em feiras é prática corriqueira entre as pequenas e médias empresas e oferece excelentes resultados a curto e médio prazos.

Pensando em atender esse mercado e público, desenvolvemos o *Dicionário multilíngue de termos do setor feirístico: português, inglês, francês e italiano* para contribuir



e descomplicar o trabalho realizado pelos sujeitos envolvidos na preparação e organização de feiras, bem como daqueles que trabalham com a sua terminologia (intérpretes e tradutores), pesquisadores e estudantes de relações internacionais e comércio exterior.

O dicionário, além de preencher uma lacuna no conhecimento, suscitou o interesse de importantes *players* desse setor durante as pesquisas de campo realizadas no Brasil e no exterior, uma vez que não existe uma obra terminográfica dessa natureza disponível no mercado (nacional e/ou internacional). Para este artigo, apresentamos os pilares teóricos utilizados na elaboração do dicionário, as etapas metodológicas, o método de estabelecimento das equivalências, exemplos de verbetes (preferencial e remissivo) e, nas considerações finais, dados numéricos acerca do dicionário.

## 2 Referencial teórico

Para a elaboração do dicionário baseamo-nos em três pilares teóricos principais: a Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1993, 1999), a Equivalência Terminológica (DUBUC, 1985, 1992) e a Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004).

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) valoriza os aspectos comunicativos das linguagens especializadas, reconhece a existência de variação conceitual e denominativa nos domínios de especialidade e leva em consideração a dimensão textual e discursiva dos termos, analisando-os sob uma perspectiva poliédrica, em seus aspectos linguísticos, cognitivos e sociais (CABRÉ, 1999, p. 119; 123). O enfoque comunicativo que se estabelece com essa teoria enfatiza que um signo linguístico pode realizar-se no discurso como termo ou palavra dependendo da situação comunicativa, levando-se em consideração diversos fatores: o tema, a perspectiva em que o tema está sendo tratado, os interlocutores, o nível de especialização, o grau de formalidade, a situação, o propósito e o tipo de discurso

(CABRÉ, 1999, p. 123). Assim, adotamos os pressupostos teóricos da TCT, pois compreendemos os termos como unidades lexicais suscetíveis dos mesmos processos de variação e sinonímia que ocorrem no léxico geral; corroboramos a importância do contexto e do discurso nos estudos terminológicos, ao analisarmos os termos do dicionário em seus contextos de ocorrência (manuais e guias do expositor); registramos nos verbetes as variantes terminológicas encontradas nas quatro línguas e elaboramos um material terminográfico dirigido a vários tipos de consulentes (estudantes, pesquisadores, profissionais envolvidos no setor feirístico, tradutores e intérpretes) que produzem diversos tipos de discurso, em variadas situações comunicativas.

Em termos de Equivalência Terminológica, Dubuc (1985) afirma que dois termos são *equivalentes* quando apresentam uma “identidade quase completa de sentido e de usos dentro de um mesmo domínio de aplicação”<sup>2</sup> e *correspondentes* quando “o termo da língua A recobre parcialmente o campo de significação do termo da língua B e vice-versa”<sup>3</sup> (DUBUC, 1985, p. 69). A ausência de equivalência entre línguas diferentes, por sua vez, ocorre quando o termo da língua A não encontra nenhum termo na língua B, ou vice-versa. Para o estabelecimento das equivalências, utilizamos os *ganchos terminológicos* presentes nos *corpora* de estudo, definidos por Dubuc como “os descritores comuns aos contextos que acompanham os termos em uma ficha terminológica”<sup>4</sup> (DUBUC, 1985, p. 72). Por descritores, entendem-se os “elementos reveladores do conceito contidos no contexto”, sendo os mais significativos aqueles que exprimam natureza, finalidade e modo. O número e a

---

<sup>2</sup> Identité à peu près complète de sens et d’usage à l’intérieur d’un même domaine d’application (DUBUC, 1985, p. 69).

<sup>3</sup> Le terme de la langue A ne recouvre que partiellement le champ de signification du terme de la langue B ou vice versa (*id.*).

<sup>4</sup> Les descripteurs communs aux contextes accompagnant les vedettes d’une fiche terminologique (*ibid.*, p. 72).

qualidade dos descritores presentes no contexto determinam o seu tipo: definatório, explicativo e associativo.

O contexto definatório oferece características semânticas precisas acerca do conceito do termo estudado. Dubuc apresenta o seguinte exemplo de contexto definatório:

Quadro 1 – Contexto definatório e descritores.

Termo	Contexto	Descritores
Weaving	Weaving is a method of producing cloth by interlacing two or more sets of yarns at right angle to each other <sup>5</sup> .	method: <b>natureza</b> producing cloth: <b>finalidade</b> interlacing two or more sets of yarns: <b>modo</b>

Fonte: Dubuc, 1985, p. 62.

Por meio desse contexto, o terminólogo tem uma ideia precisa do significado do termo *weaving*, já que evidencia a “natureza”, a “finalidade” da operação bem como o “modo” como ela é realizada (DUBUC, 1985, p. 62).

O contexto explicativo oferece apenas uma ideia acerca da natureza ou um aspecto do termo estudado, mas não o define claramente. Dubuc apresenta o seguinte exemplo de contexto explicativo:

Quadro 2 – Contexto explicativo e descritores.

Termo	Contexto	Descritores
Shed	Each warp yarn must run straight from cloth beam to warp beam without being crossed with any other yarn; this is essential for raising and lowering the different harnesses to form a shed <sup>6</sup> .	raising, lowering, harnesses: <b>modo</b>

Fonte: Dubuc, 1985, p. 62

<sup>5</sup> A tecelagem é um método de produção de tecido, entrelaçando dois ou mais conjuntos de fios em ângulo reto entre si.

<sup>6</sup> Cada fio da trama deve ir direto de uma trave do tear a outra sem cruzar com qualquer outro fio; isso é essencial para levantar e abaixar as diferentes lâminas e formar um ângulo.

Como podemos observar no quadro 2, os descritores explicam apenas a “maneira” como *shed* é formado, sem especificar a sua “natureza” ou “finalidade”. Para alguém que conheça o funcionamento de uma tecelagem, pode parecer claro que o termo *shed* se refira ao ângulo formado quando o fio de trama é separado em duas camadas, embora isso não esteja expresso claramente no contexto (DUBUC, 1985, p. 62).

O contexto associativo, por sua vez, não fornece características semânticas, apenas permite ligar o termo estudado a determinado campo de aplicação por meio da associação com termos que o cercam. É o caso, por exemplo, de um termo que figure em uma enumeração ou que seja empregado com um valor puramente funcional. O contexto definatório citado acima, por exemplo, oferece para *yarn* um contexto associativo, já que informa que ele é utilizado no processo de tecelagem. Vale destacar que os contextos definatórios e explicativos são mais informativos, embora o contexto associativo também possa ser utilizado, na ausência dos dois primeiros (DUBUC, 1985, p. 63).

Mais importante do que a quantidade de descritores encontrados é a sua qualidade. Um descritor que apresente um aspecto essencial do termo, como a sua natureza, finalidade e modo, tem mais valor do que um descritor que forneça apenas características circunstanciais de tempo, lugar, modalidade, função, objeto ou matéria, forma, causa, efeito, composição, característica, domínio, oposição, entre outros (DUBUC, 1985, p. 68).

Portanto, por meio da análise contextual é possível identificar o conceito veiculado por uma unidade terminológica, reconhecer os sinônimos, registrar as formas derivadas ou expandidas de termos simples (DUBUC, 1985, p. 61) e estabelecer equivalências entre línguas diferentes com o auxílio da metodologia dos ganchos terminológicos, como será descrito mais adiante.

Observamos no universo das feiras de negócios, durante o trabalho de busca dos equivalentes, diferentes relações semânticas entre os termos nas quatro línguas, considerando o português como língua fonte e as demais como línguas-alvo: a) um conceito e uma designação apenas em cada língua: “pavilhão” (português), *pavilion* (inglês), *pavillion* (francês) e *padiglione* (italiano); b) um conceito e várias designações em uma das línguas-alvo: estande de uma face (português) e *stand de rangée*, *stand d’allée*, *stand à une face*, *stand entre deux voisins*, *stand mitoyen* (francês); c) uma designação da língua fonte e dois ou mais conceitos na língua fonte: o termo “expositor”, que em português pode ser tanto o suporte utilizado para expor um produto dentro do estande (coisa: expositor ou *display* (português); *display* (inglês); *display* ou *présentoir* (francês); *display espositivo* (italiano)), como a empresa que aluga um estande e expõe seus produtos em uma feira (pessoa: expositor (português); *exhibitor* (inglês); *exposant* (francês); *espositore* (italiano)), ou seja, para cada um dos homônimos, designações diferentes nas línguas-alvo. Logo, as relações entre conceitos e denominações são muitas e é exatamente isso que torna a investigação da terminologia de uma área de especialidade desafiadora, principalmente em se tratando de uma obra terminográfica multilíngue.

Por fim, utilizamos a Linguística de *Corpus* e suas ferramentas como arcabouço metodológico para a criação de listas de palavras, listas de palavras-chave e análise dos candidatos a termo em seus contextos de ocorrência, como será apresentado no próximo item.

### 3 Etapas metodológicas

Para a investigação dos termos do dicionário em português, inglês, francês e italiano reunimos *corpora* especializados multilíngues a partir de livros e revistas especializados e, principalmente, guias e manuais do expositor das principais feiras realizadas no Brasil, Inglaterra, França e Itália entre 2012 e 2019 como, por exemplo,

*L'Artigiano in Fiera, Vinitaly, Arti e Mestieri Expo, Motor Show, SIGEP 2018; Vignerons Indépendants, Foire de Paris, Salon du Chocolat, Salon de L'Immobilier Neuf, Salon Batimat, SITL; Language Show, London Book Fair, Professional Beauty London, The Chocolate Show, Dental Showcase, Dive Show, Motorhome & Caravan Show; Couromoda, Beauty Fair, Fispal Food Service*, entre outras. A maior parte dos guias e manuais, disponibilizados *on-line*, são considerados documentos oficiais, pois fazem parte do contrato de locação de estande, o que lhes confere um elevado grau de confiabilidade.

Para a seleção dos termos utilizamos a ferramenta *WordSmith Tools* versão 6.0 (SCOTT, 2012). A *WordList* e a *KeyWords* foram utilizadas para a busca e a coleta dos termos e a criação das listas de palavras e das listas de palavras-chave e a *Concord* para a análise dos candidatos a termo e a busca de contextos. Desse modo, fizemos a análise das palavras que surgiam ao redor do termo de busca (análise contextual), identificando os ganchos terminológicos que trazem o conceito do termo estudado, o que caracteriza o método de análise baseado no *corpus*.

Após a coleta de termos representativos do setor das feiras de negócios pertencentes à categoria gramatical dos substantivos, elaboramos uma base de dados terminológica multilíngue constituída de fichas terminológicas criadas com o apoio da ferramenta *SDL MultiTerm 2017*<sup>7</sup>. Em seguida, passamos à elaboração dos sistemas organizacionais das feiras em cada língua, pois ao analisarmos como uma feira é organizada, podemos identificar a sua terminologia com base, por exemplo, nas decisões que o expositor deve tomar (o tipo de feira, o tipo de estande, o tipo de público (geral ou especializado)) e nas ações que deve empreender ao participar de uma feira (leitura do manual, elaboração de material promocional, adequação de produtos, etc.), além de nos dedicarmos à investigação semântica dos termos e ao estabelecimento das

---

<sup>7</sup> O *SDL MultiTerm* é uma ferramenta de gerenciamento de terminologia desenvolvida pela SDL Plc para o armazenamento de terminologia multilíngue. É um banco de dados terminológico utilizado na elaboração de glossários e dicionários que pode armazenar um número ilimitado de entradas e informações sobre os termos.

equivalências por meio da metodologia dos ganchos terminológicos, conforme será detalhado no próximo item.

#### 4 Método de estabelecimento das equivalências nas quatro línguas

Na presente obra terminográfica, a identificação dos traços semântico-conceituais dos termos foi possível graças aos ganchos terminológicos. Em Terminologia, para determinar os equivalentes, é necessário fazer a comparação dos conceitos da língua de partida com os conceitos da(s) língua(s) de chegada, levando em consideração o contexto em que os termos ocorrem, conforme descrito na seção 2. A seguir, demonstramos como foram estabelecidas as equivalências de alguns termos que compõem a macroestrutura do dicionário terminológico das feiras de negócios. Esses termos foram coletados de *corpora* especializados e, portanto, são apresentados em seus contextos reais. Os ganchos terminológicos que trazem a equivalência conceitual entre os termos aparecem destacados nas cores azul (descritores de natureza) e rosa (descritores de finalidade), como pode ser observado nos quadros 3, 4 e 5 a seguir:

Quadro 3 – Termo “área livre” e seus equivalentes.

Termo	Contexto + descritores
área livre	<b>Área livre:</b> Considera-se área livre o <b>espaço contratado sem quaisquer elementos da montagem básica</b> . O Expositor receberá a área locada demarcada no piso do pavilhão, cabendo ao mesmo todo trabalho de <b>montagem e acabamento do espaço locado</b> . Caberá também ao expositor o acabamento <b>nas paredes de fundo, laterais e vista superior entre estandes vizinhos</b> .
space only stand	<b>Space only stands are to be built and completed by the exhibitor and their contractors. No stand fitting, walling, carpet or electrical mains and fittings are included. You are only hiring the space.</b>
stand nu	Le <b>stand nu:</b> Il représente la surface louée. C’est l’espace qui vous est réservé, et délimité sur le salon. Il est livré avec ou sans moquette, selon les besoins d’aménagement. On peut y trouver des contraintes comme un poteau du hall ou R.I.A (Robinet d’Incendie Armé).

area nuda	Per plateatico si intende esclusivamente l'area nuda, sprovvista di pareti, moquette, impianto di illuminazione ed arredi vari.
-----------	---

Quadro 4 – Termo “estande com mezanino” e seus equivalentes.

Termo	Contexto + descritores
estande com mezanino	No projeto do estande com mezanino ou 2º piso, deverá constar a memória de cálculo estrutural do segundo piso. A estrutura do mezanino ou 2º piso deverá ser montada de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas -ABNT.
two-storey stand	We have made arrangements for basic stand cleaning to be carried out at no charge to you in the evening before the show opens each day. This does not apply to the upper deck of a two-storey stand, if you require cleaning of the 2nd storey you need to order this direct with ExCeL London cleaning.
stand à étage	Chaque stand ne peut avoir qu'un sel niveau en surélévation. Tous les stands à étage doivent faire l'objet d'un contrôle de solidité par une personne ou un organisme agréé. En aucun cas le niveau en surélévation ne peut être couvert.
stand a due piani	Il parapetto che protegge il secondo livello dello stand a due piani deve essere alto almeno 1,1 m.

Quadro 5 – Termo “estande de esquina” e seus equivalentes.

Termo	Contexto + descritores
estande de esquina	Os estandes de esquina ficarão abertos para duas ruas, tendo somente duas paredes, uma de fundo e uma lateral, dividindo o estande vizinho.
corner stand	A corner stand has more sides accessible to the public, but the same overall area, and is therefore more effective than a stand situated in a row. Since a corner stand can be seen from two aisles, higher numbers of visitors can be expected.
stand d'angle	Notons aussi que la plupart des visiteurs sont droitiers et que leur sens de visite spontané commence par les allées de droite. Enfin, un stand d'angle, ouvert sur deux allées, vous donnera un linéaire plus important et une plus large visibilité.
stand ad angolo	Al momento dell'iscrizione è possibile richiedere che il proprio stand sia aperto su due o più lati, in modo da avere garantita una maggiore visibilità. Ogni angolo comporta un costo aggiuntivo di 150 €. Il numero degli stand ad angolo è limitato e la conferma dell'effettiva disponibilità sarà comunicata dagli organizzatori entro il 28 febbraio 2014. L'assegnazione avverrà in base all'ordine



	temporale di perfezionamento dell'iscrizione, tramite il pagamento della quota di partecipazione. Le realtà che non dovessero avere assegnato lo stand ad angolo verranno rimborsate della somma versata relativa.
--	--

Pelo exposto, verificamos que os ganchos terminológicos contribuem de fato para a verificação da equivalência de sentido e de uso entre os termos e foram essenciais para a busca dos equivalentes em língua inglesa, língua francesa e língua italiana para os termos em português supracitados. Portanto, a observação dos termos em uso (nos guias e manuais do expositor), a análise dos contextos reais nos quais ocorrem e o levantamento dos ganchos que denotam a noção de equivalência entre os termos nas diferentes línguas foram primordiais para o desenvolvimento da pesquisa e a elaboração do dicionário.

Em relação à validação dos termos do dicionário, consultamos profissionais especializados em feiras de negócios no Brasil e no exterior durante um extenso trabalho de pesquisa de campo (além de minha própria experiência na área: trabalhei três anos em uma consultoria norte-americana com sede em São Paulo especializada em comércio exterior e, principalmente, em feiras de negócios internacionais e também sou “Especialista em Negócios Internacionais” pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, na qual realizei um estudo aprofundado sobre a importância da participação de empresas brasileiras em feiras no exterior, além de pesquisar essa terminologia desde 2012 quando iniciei o mestrado). Após diversas entrevistas (18 no Reino Unido, 24 na França e 21 na Itália), a macroestrutura do dicionário se modificou: termos foram subtraídos, outros acrescentados e a maioria validada nas três línguas (inglês, francês e italiano).

A escolha dos equivalentes, portanto, foi baseada tanto nas informações retiradas dos *corpora* de estudo, como nas informações recolhidas durante as entrevistas com as organizadoras que nos indicaram os termos mais comumente utilizados por elas na prática à partir de uma lista de termos-chave previamente

elaborada. Desse modo, fizemos uso de uma combinação metodológica sócio-*corpus*-linguística, ou seja, combinamos duas perspectivas de análise neste trabalho: a perspectiva baseada nos *corpora* de estudo e a perspectiva baseada nos usuários (especialistas da área), o que nos trouxe uma visão mais abrangente da terminologia utilizada nesse domínio. A seguir, discorreremos sobre a macro e a microestrutura do dicionário e trazemos dois modelos de verbetes (preferencial e remissivo).

## 5 Macro e microestrutura: modelos de verbetes

Para a presente obra terminográfica, a macroestrutura adotada é a de um dicionário terminológico multilíngue português-inglês-francês-italiano que contém lista de abreviaturas, sistemas organizacionais das feiras nas quatro línguas e lista de entradas disposta em ordem alfabética. A microestrutura do verbete preferencial contém o termo-entrada em português, categoria gramatical, definição, contextos de uso e fontes, seguidos dos equivalentes nas demais línguas, variantes e seus respectivos contextos e fontes. A microestrutura do verbete remissivo contém o termo-entrada em português, categoria gramatical, remissiva “V.” (Ver), contexto de uso e fonte, como pode ser observado nos modelos de verbete preferencial e remissivo a seguir:

Quadro 6 – Modelo de verbete preferencial.

**estande coletivo** s.m. **estande compartilhado entre duas ou mais empresas expositoras com produtos similares ou afins.** “A CBL (Câmara Brasileira do Livro) permitirá **estandes coletivos** para associações. A área total reservada para estas entidades será considerada quando da definição da planta do evento e a escolha das áreas, cabendo à CBL e à organizadora a determinação do melhor local (MEBIL)”.

**collective stand** (joint stand; shared stand) n.:

*The advantage of the project is the fact that in this case the contact area between companies participating with a **collective stand** and eventual client companies is wider. When a client arrives to the stand attracted by a certain company, the client*

*could also become interested in the supply of the other firms (TTF);*

*Government agencies, associations or other institutions, such as the Chambers of Industry and Commerce, have teams of professionals experienced in trade fairs and exhibitions who organize joint participation for individual federal states or branches of industry or **joint stands** with many exhibitors under one roof. This form of participation is a useful way of gaining experience of trade fairs at minimum cost in terms of time and money (SPTFTE);*

*Sub-letting or **shared stands**: the exhibitor may only sub-let or share its stand with the prior written consent of the organiser, but will have to pay a fee if the co-exhibitor wishes to have a full catalogue entry. Company name only is free of charge (TCSI).*

**stand collectif** (stand en commun) n. m.:

*Plus économique et plus facile à organiser, ce stand est partagé entre plusieurs exposants. Il faut cependant rester prudent sur ce type de stand car l'entreprise n'est pas seule. En fonction des autres exposants, la visibilité de l'entreprise peut être diminuée. Si l'attention est monopolisée par un exposant, les autres participants ne tireront pas profit du **stand collectif** (PSPECROSCÉE);*

*Article 7: La cession de tout ou partie de stand ou d'emplacement est interdite. Toutefois, avec l'accord de l'Organisateur, plusieurs fabricants ressortissant d'une profession analogue pourront occuper un même **stand en commun**, sous réserve que chacun d'eux ait au préalable acquitté les droits de constitution de dossier (FboGE).*

**stand collettivo** (stand condiviso) s. m.:

*La partecipazione alla manifestazione fieristica con **stand collettivo** organizzato dalla Camera di Commercio è subordinata all'adesione e alla presenza di almeno dodici espositori della provincia di Avellino (PFCCA);*

*Anche in occasione dell'edizione 2017 GISI rinnova il patrocinio e il supporto a OMC e, per rispondere alle numerose richieste pervenute dagli associati, organizzerà uno **stand condiviso**. Si tratta di una soluzione molto apprezzata da coloro che desiderano partecipare a questo importante evento espositivo contenendo i costi e avvalendosi del riconosciuto supporto "chiavi in mano" offerto da GISI (GAEVP).*

Quadro 7 – Modelo de verbete remissivo.

**estande contíguo** s.m. **V. estande vizinho.** “As paredes deverão obedecer à tabela de recuos a partir das paredes divisórias dos **estandes contíguos**, ou seja, nas divisas com os vizinhos. Na divisa do estande com as ruas, as paredes para fechamento poderão ser construídas numa área de no máximo 50% da metragem linear de cada lado da fachada do estande (MEACF)”.

Em relação ao tipo de definição utilizado para os termos-entrada em português, adotamos a definição per *genus et differentiam* (gênero próximo e diferença específica) e a fórmula clássica  $X=Y+$  característica(s) distintiva(s) (PEARSON, 1998, p. 86), pois permite que os termos sejam descritos de forma mais clara e atende, portanto, aos propósitos do dicionário, já que é uma obra terminográfica destinada a diversos tipos de público (especializado ou não). Assim, ao definirmos o termo “estande ponta de ilha”, por exemplo, a definição retoma o conceito contido no termo “estande” (espaço no interior do pavilhão de um centro de exposições utilizado pelo expositor para a exposição de produtos e oferta de serviços durante uma feira de negócios) e acrescenta a(s) característica(s) específica(s) que o difere de outros tipos de estandes (o fato de possuir três lados abertos e dar acesso a três corredores do pavilhão simultaneamente). Nesse exemplo, o termo “estande” é o hiperônimo e o termo “estande ponta de ilha” é o seu hipônimo (cf. GODOY, 2019, p. 147-157). A título de exemplificação, temos:  $X = Y +$  característica(s) distintiva(s), onde:

Quadro 8 – construção da definição.

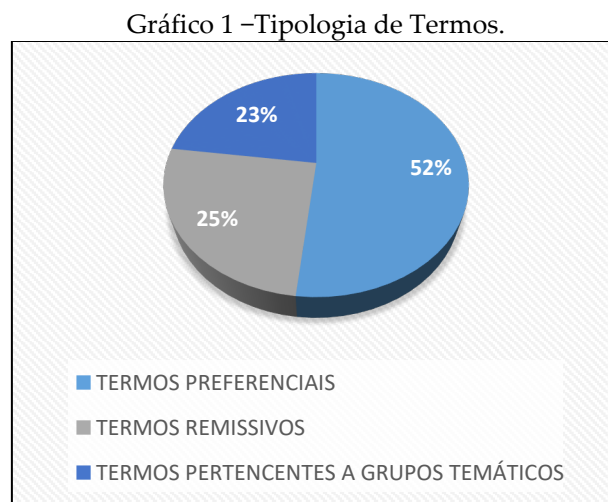
X= termo-entrada	Y= superordenado	característica distintiva
“feira especializada”	( <u>feira</u> : local para exibir produtos e/ou serviços, conhecer novas fontes de comercialização e conquistar novos mercados)	(segmento especializado da indústria; público profissional)

Portanto, para o termo “feira especializada”, por exemplo, temos a seguinte definição:

**feira especializada:** s.f. *feira de um segmento especializado da indústria destinada ao público profissional.*

## 6 Considerações finais

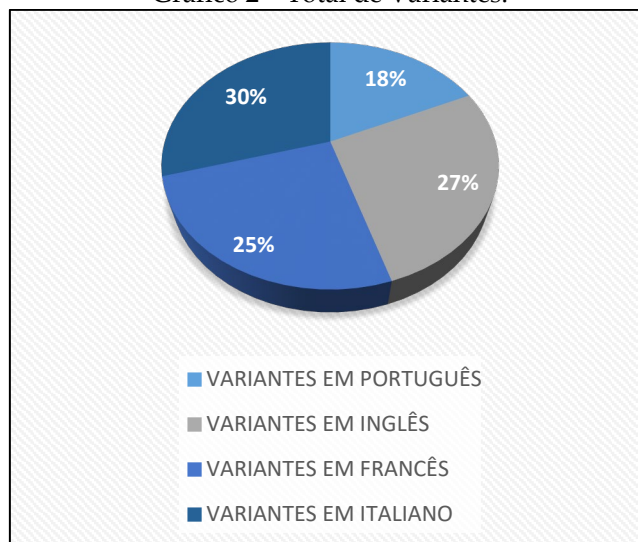
O *Dicionário multilíngue de termos do setor feirístico: português, inglês, francês e italiano* traz 311 termos em cada língua (dos quais 161 são preferenciais, 79 são remissivos e 71 são pertencentes a grupos temáticos) perfazendo um total de 1244 termos, como pode ser observado no gráfico 1 a seguir:



Os termos provenientes do léxico geral e de outras áreas do conhecimento e que são frequentemente utilizados no setor feirístico foram agrupados em grupos temáticos, cujos verbetes apresentam a entrada em português e os equivalentes nas três línguas, sem definição ou contextos, para diferenciá-los dos termos pertencentes à área feirística.

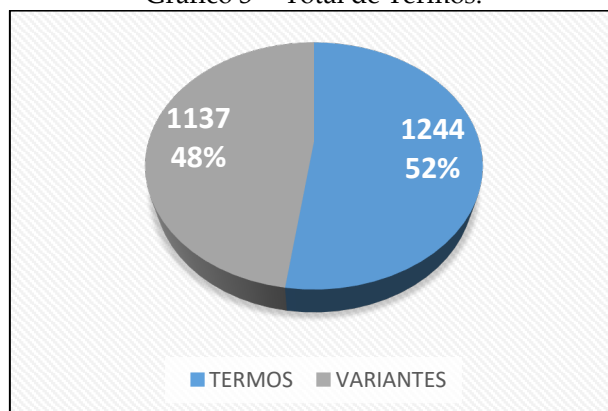
Uma característica imprescindível dessa área diz respeito à expressiva variação encontrada em sua terminologia (cf. GODOY, 2019, p. 157-163). No total, encontramos 206 variantes na língua portuguesa, 307 variantes na língua inglesa, 289 variantes na língua francesa e 335 variantes na língua italiana, perfazendo um total de 1137 variantes, conforme gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2 – Total de Variantes.



As variantes em inglês, francês e italiano são contabilizadas como remissivas, mas, por se tratar de uma obra unidirecional, do português para as demais línguas, somente as variantes do português são entradas de verbetes remissivos. Logo, trabalhamos para este dicionário com um total de 2381 termos, sendo 1244 termos e 1137 variantes, como pode ser observado no gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3 -- Total de Termos.



O principal objetivo do dicionário é apresentar os termos que são realmente utilizados pelas organizadoras de feiras no Brasil, Inglaterra, França e Itália, registrando os demais como variantes. Neste sentido, o método de análise dos ganchos

terminológicos e as entrevistas com especialistas da área se mostraram muito eficazes e atenderam plenamente aos propósitos deste trabalho.

Em resumo, o *Dicionário multilíngue de termos do setor feirístico* é fonte de recomendação de termos mais comumente utilizados nos quatro idiomas; ferramenta monolíngue de auxílio à uniformização da terminologia no interior de cada língua e instrumento de consulta que, além de preencher uma lacuna no conhecimento, facilita a comunicação em nível inter e intralingual, ao mesmo tempo que auxilia o trabalho de expositores (experientes e/ou leigos), tradutores e intérpretes, cumprindo um duplo papel, social e científico.

### Referências bibliográficas

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Editora Manole, 2004.

CABRÉ, M. T. Una nueva teoría de la Terminología: de la denominación a la comunicación. *In: La terminología: representación y communication. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: IULA, 1999. p. 109-127.

CABRÉ, M. T. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie**. 3ªed. Montreal: Linguatéc, 1992.

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie**. 2ªed. Québec: Linguatéc, 1985.

FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **TradTerm**, v. 7, São Paulo, 2001. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49140>

FAULSTICH, E. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. *In: Simpósio Ibero-Americano de Terminologia*. Paris: RITerm, p. 7-12, 1998.

GODOY, A. D. F. **Dicionário multilíngue de termos do setor feirístico: português, inglês, francês e italiano**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-19082019-113751>

GODOY, A. D. F. **Glossário Bilingue dos Termos Fundamentais do Setor Feirístico: Busca de Equivalências em Inglês.** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto, 2014.

GODOY, A. D. F. **Um estudo exploratório sobre a importância da participação das indústrias paulistas de alimentos em promoções na Flórida para a abertura do mercado norte-americano.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Negócios Internacionais da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Campus Higienópolis, São Paulo, 2006.

PEARSON, J. **Terms in Context: Studies in Corpus Linguistics.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998. DOI <https://doi.org/10.1075/scl.1>

SCOTT, M. **WordSmith Tools: versão 6.0.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

SDL Plc. **SDL MultiTerm.** United Kingdom, 2017.

Artigo recebido em: 30.09.2019

Artigo aprovado em: 26.05.2020



## Resenha

### Resenha: *Bildwörterbuch Deutsch als Fremdsprache. 1500 nützliche Wörter für den Alltag*. Stuttgart: Pons, 2016 (144 p.)

Félix Valentín BUGUEÑO MIRANDA\*

A obra de referência que resenharemos à continuação pertence a uma vertente pouco estudada na metalexigrafia: os dicionários de aprendizagem.

O *Bildwörterbuch Deutsch als Fremdsprache. 1500 nützliche Wörter für den Alltag* [Dicionário Visual de Alemão como Língua Estrangeira. 1500 palavras úteis para o dia a dia] (doravante BwtbDaF (2016)) fixa para si mesmo um objetivo abrangente, uma vez que almeja ser tanto um “guia de conversação” [Sprachführer] como um “dicionário pela imagem” [Bildwörterbuch] com fins didáticos, ou seja, um dicionário onomasiológico. Essa dupla condição de BwtbDaF (2016) deve ser avaliada também em relação à seleção lemativa feita, já que o subtítulo da obra explicita que o dicionário compila 1500 palavras úteis para o dia a dia.

Em relação a esta afirmação, cabe destacar que a pressuposição de uma correlação entre o caráter cotidiano do léxico arrolado e a frequência de uso é imediata, porém não necessariamente real. Uma comparação entre a seleção léxica deste dicionário e o *Frequency dictionary of German* (JONES; TSCHIRNER, 2006) permite constatar, no entanto, que, para as letras A, M e W de BwtbDaF (2016), o vocabulário básico [core vocabulary] corresponde unicamente a 45, 50 e 25 % desta lista de frequência. Dito em outros termos, as 1500 palavras mais úteis para o dia a dia não

---

\* Doutor em Filologia Românica, Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6234-101X>. [felixv@uol.com.br](mailto:felixv@uol.com.br)

correspondem necessariamente a palavras frequentes do alemão. Neste caso específico, não cabe dúvida de que o compilador, ou lematizou unidades léxicas guiado pelo senso comum – o que, per se, não é um demérito -, ou empregou índices de disponibilidade léxica. Só isso explica que em temas como “A casa” [das Haus] sejam lematizadas unidades tais como “a claraboia” [die Dachgaube] ou “a soleira da porta” [die Türschwelle]. Da mesma forma, no tema “A sala de jantar” [das Esszimmer], aparecem unidades como “o pano de mesa” [der Tischläufer]. Uma situação análoga acontece em “A farmácia” [Die Apotheke], com unidades tais como “a embalagem transparente” [die Sichtverpackung].

Uma questão que também merece uma análise detalhada é a autodefinição de BwtbDaF (2016) como dicionário de aprendizagem. Nesse contexto, é fundamental destacar que a maioria dos dicionários que se definem com uma função de ganho de massa léxica não atingem o objetivo a que se propõem, já que não passam de listagens de vocabulário dispostos tematicamente. Essas listagens não são suficientes para garantir a fixação mnemotécnica, já que o efeito de saliência que apresentam é de baixo impacto (uma gravura como representamem e sua ordenação em um campo léxico).

Nesse sentido, o dicionário oferece um recurso inovador que é o de permitir que o usuário crie seu próprio mecanismo de saliência, seja escrevendo um equivalente na sua própria língua materna para um dado signo-lema, seja associando este signo-lema com outra palavra, ou seja, anotando uma palavra relacionada ao mesmo campo léxico do signo-lema. Esse procedimento é chamado “aprender ativamente” [Aktiv lernen] (p.6).

BwtbDaF (2016) almeja ser também um “guia de conversação” [Sprachführer], conforme já mencionado. Na verdade, embora se insista que o guia de conversação compreende também palavras isoladas quando se afirma que “[..] junto à estrita correlação palavra-imagem, você encontrará também caixas de texto com palavras e frases úteis para o dia a dia” [[Sie] finden neben der reinen Wort-Bild-Zuordnung auch

Kästen mit nützlichen Wörtern und Sätzen für den Alltag] (p. 6), seria mais correto falar que se trata de um *phrase book*, para empregar uma designação bastante comum na tradição anglo-saxônica. Além das frases contidas nas caixas de texto dos diferentes eixos temáticos, há, no apêndice [Back Matter], (p. 119-127), um *phrase book* (para o conceito de Back Matter, cf. SVENSÉN, 2009, p.379). Este é composto de palavras que exprimem noções gerais, como “sim” [ja], “não” [nein], “lá” [dort], “ou” [oder], e de frases e sequências formulaicas atinentes a situações comunicativas, tais como “conversando com” [Im Gespräch], “viajando” [Unterwegs], “consulta com o médico” [der Arztbesuch], etc. Este *phrase book* deve ser entendido como um complemento ao “dicionário visual” [Bildwörterbuch].

Em relação ao dicionário propriamente dito, este está dividido em um total de nove eixos temáticos, tais como “Família e amizade” [Familie und Freundschaft], “Estradas e trilhos” [Strasse und Schiene], “Trabalho e comunicação” [Arbeit und Kommunikation], “Serviços de emergência” [Notdienste] etc.

Não há dúvida de que o sucesso (ou insucesso) de um dicionário pela imagem está em direta relação com a capacidade de representação icônica que tenha em relação a um dado item léxico. No caso de BwtbDaF (2016) não é diferente. No eixo temático “A família” [Die Familie], estão dispostas de forma esquemática todas as relações familiares de três gerações, seja por laços consanguíneos, seja por outro tipo de relações (“o cunhado” [der Schwager], por exemplo.). A disposição dessas relações, no entanto, é complexa e de difícil compreensão.

Há também um subcampo denominado de “Relações” [Beziehungen], articulado pelo triplo eixo idade, gênero e grau de relacionamento entre as pessoas. Em alguns casos, como a representação pictórica para “o bebê” [das Baby] ou para “a criança” [das Kind], ou para “a mulher” [die Frau] e “o homem” [der Mann], dita representação é perfeitamente alcançada. Em outros casos, que correspondem a relações ou ações mais abstratas, como as representações para “o conhecido” [der / die

Bekannte], ou a ação de “cumprimentar alguém” [jemanden begrüßen], os resultados não são tão satisfatórios. Isto acontece porque as relações abstratas quase nunca podem ser representadas satisfatoriamente.

Exatamente a mesma situação ocorre no subcampo “A lavanderia” [Die Waschküche] com a gravura que representa “o amaciante” [der Weichspüler], por exemplo; outro tanto se pode constatar no subcampo “Ruas e tráfego” [Strassen und Verkehr] com o item proposto para a “pista de ultrapassagem” [Überholspur]. Isto acontece não por se tratar de entidades léxicas abstratas, mas sim pelo fato de que tais gravuras não discriminam tão bem o referente como outras.

No sentido inverso, uma alta iconicidade acontece com as gravuras relativas aos sinais de trânsito, que estão baseados exatamente na correlação entre a gravura e uma designação (como, por exemplo, “Trecho em obras” [die Baustelle]) ou um conceito (como “Proibido virar à direita” [Einbigen nach rechts verboten]).

Com a exceção de alguns casos apontados ad supra, não há como negar que o dicionário cumpre bem a tarefa a que se propõe. O eixo temático “Comer e beber” [Essen und Trinken] é um ótimo exemplo. Estão muito bem representados não somente os itens básicos dos costumes alimentares alemães, tais como “o iogurte” [der Joghurt], “o leite” [die Milch] e “o queijo” [der Käse], mas também “as verduras” [die Gemüse], “a fruta” [das Obst], “o pão” [das Brot] e até o Fastfood [das Fastfood], que inclui importações como “o taco” [der Taco] e “o sushi” [das Sushi]. Inexplicavelmente, não foi lematizado o Döner Kebab, sanduiche de carne e iguaria de culinária turca já amplamente incorporada no cardápio local.

Igualmente bem sucedido é o eixo temático “Saúde e cuidados corporais” [Gesundheit und Körperpflege]. Em especial, as gravuras referentes ao corpo humano (na representação externa e interna dele) são de uma clareza ímpar. Também são de alto poder elucidativo as gravuras dos subcampos “Sintomas e doenças” [Symptome und Krankheiten] e “Ferimentos” [Verletzungen]. Em relação ao subcampo “Cuidados

corporais” [die Körperpflege], um desdobramento amais do eixo temático “Saúde e cuidados corporais” [Gesundheit und Körperpflege], cabe mencionar que várias das entidades léxicas nele explicitadas, tais como a pasta dental, o perfume, o gel de banho, o xampu, o sabonete, etc., poderiam estar também perfeitamente inseridas no subtema “O banheiro”. O consulente de dicionários pictóricos deve se acostumar a esse tipo de decisões (cf. BUGUEÑO MIRANDA, 2013 para outro exemplo do mesmo problema). BwtbDaF (2016) não apresenta nenhum recurso que possibilite uma consulta mais aprimorada (remissões). Afortunadamente, a extensão reduzida do dicionário faz com que a procura por informação, baseada em ensaio e erro, redunde, ainda assim, em resultados positivos. Contudo, a já longa tradição lexicográfica alemã de dicionários pela imagem deveria oferecer soluções medioestruturais satisfatórias nestes casos. A medioestrutura é o conjunto de remissões e em um dicionário (cf. BUGUEÑO MIRANDA; ZANATTA, 2010, para mais detalhes sobre este conceito).

Diante das evidências apresentadas, pode-se afirmar que os eixos temáticos escolhidos e seus desdobramentos em subcampos cobrem as necessidades básicas de insumos léxicos do aprendiz de alemão. Neste contexto, um aspecto central que merece especial menção é a importância concedida à descrição sintática e às manifestações do discurso repetido, particularmente às sequências formulaicas e aos padrões colocacionais (cf. BUGUEÑO MIRANDA; BORBA, 2019, para estes conceitos).

No plano da descrição sintática, são fornecidos os padrões dos casos regidos pelo verbo, como, por exemplo, “apresentar alguém” [jemanden vorstellen], “cumprimentar alguém” [jemanden begrüßen] (subcampo “Relações”), “tirar [uma amostra de] sangue de alguém” [jemandem Blut abnehmen] (subcampo “Visita ao médico”) e “aplicar uma injeção em alguém” [jemandem eine Spritze geben] (subcampo “Sintomas e doenças”). No âmbito do fornecimento de sequências formulaicas (que também aparecem profusamente representadas no Sprachführer), pode-se citar como exemplo “Qual é teu nome?” [Wie heißt du?], “Qual é seu nome?”

[Wie heißen Sie?] (subcampo “Relações”), “poderia me provar [uma peça de roupa]?” [Könnte ich das mal anprobieren?] (subcampo “Roupa feminina”), entre outras. Em relação a padrões colocacionais, há excelentes exemplos tais como “retirar o tapete” [die Tapete entfernen] (subcampo “Ferramentas de uso doméstico”), “se aposentar” [in Rente gehen] (subcampo “O mundo do trabalho”), “ligar o computador” [den Rechner hochfahren], “desligar o computador” [den Rechner herunterfahren] (subcampo “O computador”).

Não é possível deixar de mencionar que, para todos os lemas, é fornecida uma transcrição fônica; ademais, para os lemas nominais, oferecem-se os morfemas de plural (die Bürste, -n, der Eimer-), gênero e até casos de duplo gênero (das/der Hustenbonbon). Não há outra classe de informações gramaticais, como, por exemplo, a marcação dos *trennbare Verben*.

Em síntese, trata-se de um dicionário muito bem-vindo como auxílio no ensino-aprendizagem do alemão. Fornece todas as coordenadas léxicas básicas de que o aprendiz precisa: os itens léxicos básicos, suas particularidades fônicas e morfológicas e sua combinação com outras palavras. Basta saber se funciona como um dicionário de aprendizagem.

### Referências Bibliográficas

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Resenha de Visuelles Wörterbuch Portugiesisch/Deutsch. *Pandaemonium Germanicum*, v. 16/21, p. 232-235, Jun/2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/64136/66824>. Acesso em: 09 nov. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/S1982-88372013000100011>

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; BORBA, L. C. As combinatórias léxicas e o ensino da língua espanhola: o quanto ajudam os dicionários bilíngues? *Hispanic Research Journal*, v. 20/3, p. 214-238, 2019. DOI <https://doi.org/10.1080/14682737.2019.1651572>.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; ZANATTA, F. Problemas medioestruturais em dicionários semasiológicos do português. *Lusorama*, v. 83-84, p. 80-97, 2010.

JONES, R.; TSCHIRNER, E. **Frequency dictionary of German**: Core vocabular for learners. London / New York: Routledge, 2006.

SVENSÉN, B. **A handbook of Lexicography**: The theory and practice of dictionary-making. Cambridge: CUP, 2009.

Resenha recebido em: 09.08.2019

Resenha aprovada em: 29.02.2020